

**UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI**

**Programa de Pós-Graduação em Estudos Rurais – PPGER**

**Mayan Maharishi de Faria Ladeira Amâncio**

**Narrativas orais: Saberes e fazeres da arquitetura vernácula na  
comunidade de São Gonçalo do Rio das Pedras (MG) e entorno**

**Diamantina**

**2018**



**Mayan Maharishi de Faria Ladeira Amâncio**

**Narrativas orais: Saberes e fazeres da arquitetura vernácula na  
comunidade de São Gonçalo do Rio das Pedras (MG) e entorno**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Rurais da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Marivaldo Aparecido de Carvalho

**Diamantina**

**2018**



Elaborado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A484n	<p data-bbox="600 1245 1182 1361">Amâncio, Mayan Maharishi de Faria Ladeira Narrativas orais: Saberes e fazeres da arquitetura vernácula na comunidade de São Gonçalo do Rio das Pedras (MG) e entorno / Mayan Maharishi de Faria Ladeira Amâncio, 2018. 106 p. : il.</p> <p data-bbox="600 1384 997 1411">Orientador: Marivaldo Aparecido de Carvalho</p> <p data-bbox="600 1456 1182 1527">Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Estudo Rurais) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2018.</p> <p data-bbox="600 1550 1182 1621">1. Arquitetura vernácula. 2. Saberes tradicionais. 3. Sustentabilidade. 4. Terra. 5. habitar. I. Carvalho, Marivaldo Aparecido de. II. Título. III. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.</p> <p data-bbox="1106 1644 1182 1666">CDD 307</p>
-------	---

Ficha Catalográfica – Serviço de Bibliotecas/UFVJM  
Bibliotecário Anderson César de Oliveira Silva, CRB6 – 2618

MAYAN MAHARISHI DE FARIA LADEIRA AMÂNCIO

**Narrativas Orais: saberes e fazeres da arquitetura vernácula na comunidade de São Gonçalo do Rio das Pedras - (MG) e entorno**

Dissertação apresentada ao  
MESTRADO EM ESTUDOS RURAIS,  
nível de MESTRADO como parte dos  
requisitos para obtenção do título de  
MAGISTER SCIENTIAE EM  
ESTUDOS RURAIS

Orientador (a): Prof. Dr. Marivaldo  
Aparecido De Carvalho

Data da aprovação : 21/09/2018



Prof.Dr. MARIVALDO APARECIDO DE CARVALHO - UFVJM



Prof.Dr.ª ROSANA PASSOS CAMBRAIA - UFVJM



Prof.Dr. BERNAT VINOLAS PRAT - UFVJM



Prof.Dr. ATANASIO MYKONIOS - UFVJM

DIAMANTINA

Dedico este estudo, aos povos resistentes  
do campo e da cidade, a nossos ancestrais e toda sabedoria que  
mantém a vida plena e a dignidade humana, por dias melhores,  
sempre.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) e ao programa de pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Rurais (PPGER), pelo incentivo a educação e pesquisa neste país, especialmente pela oportunidade de estudar e refletir visando contribuições e transformações necessárias a nossa sociedade. Agradeço os apoios da FAPEMIG, CAPES e o acesso a bolsa institucional UFVJM.

Com carinho dedico agradecimento a meu orientador, Dr. Marivaldo Aparecido Carvalho, pela paciência, parceria, incentivo intelectual, compreensão e por sua dedicação à educação e aos processos dialógicos de ensino. Nossa amizade perdurará para além deste estudo. Neste processo de escrita, recebi indicações de leituras, trocamos muitas ideias, mas trocamos também sementes crioulas, não ficamos restritos as palavras.

Eu plantei quiabo, de nome quiabo todo ano, uma semente crioula que se transformou em meu quintal. Virou beleza através de suas flores, nutrição para o corpo, entrou em simbiose com insetos e outras plantas, recebeu sol, vento e água, tornou-se novamente semente, para em outro ano perdurar. Para ele deixei sementes de feijão, de nome corujinha, rajado como aquarela, veio do Acre para Diamantina, em seu quintal se espalhou, muita semente dali surgiu e em próximos anos a fartura estará presente. Assim é nossa intenção com este estudo, que ele semeie, brote, dê frutos, flores, renasça, tenha resiliência e não se encerre aqui, mas ganhe nova vida.

Quero agradecer a toda minha família, em especial a minha mãe Rejane Faria, que me acolheu, me inspirou e sempre incentivou os estudos, a minha avó Anália, que aos 86 anos é das mais curiosas em saber sobre o andamento deste estudo, acompanha cada passo e é muito compreensiva com minha ausência pela distância de morada e pelos estudos. A minha tia Raquel agradeço pelo carinho, incentivo e apoio de quem já trilhou este caminho. Essas mulheres fazem parte ativa de minha vida e são minhas guias, mestras, minha inspiração e luz. Um viva a meus ancestrais! A meu companheiro Euro Caetano, serei eternamente grata por todo companheirismo neste processo, todo amor incondicional e incentivo, pelo carinho, leveza, colo, cuidados e pela informal coorientação que foi de suma importância e valor. A meu padraсто Renatinho agradeço pelo interesse, carinho e pela troca de ideias e livros. A meu pai Chico agradeço por me ensinar a dar igual valor a todos as vidas deste planeta. Aos meus irmãos a gratidão da companhia desprendida e apoio.

Agradeço o apoio dos amigos e amigas, aqueles que me ajudaram ao longo desta dissertação acreditando e incentivando, aos amigos e amigas da Educação do Campo, as amigas



de infância que sempre me acompanham em tudo, aos amigos e amigas de São Gonçalo do Rio das Pedras-MG, a família do Instituto de Permacultura Ecovida São Miguel pela educação popular, pela formação dos pés descalços e por me abrigar hoje na gestão deste instituto, permitindo sobretudo a disseminação da cultura de paz.

Agradeço ao povo do Espinhaço mineiro e ao povo do Vale do Jequitinhonha. Com muita gratidão no coração, divido a responsabilidade deste estudo com os moradores e moradoras de São Gonçalo do Rio das Pedras -MG que contribuíram como coautores nesta pesquisa. Agradeço a Dona Eva, Isaura, Dona Ana, Dona Helena, Nô Dobradiça, Sr. Valdeil, Dona Marilene, Sr. Adão, Dona Conceição, Lili, Dona Corina e Euro. Obrigada mestres e mestras do saber e do fazer desta região, aos pensadores a que pude recorrer.

Agradeço a Marcela Bergamini (Arteliê) pela disponibilidade, revisão das plantas baixas e adequação. Ao professor de arquitetura Dr. Marco Penido Rezende (UFMG), pelo tempo dedicado a ouvir sobre essa pesquisa em meio a seus compromissos de professor, obrigada pelas referências e abertura ao diálogo, também pelo convite feito pelo professor e pelo amigo Flávio Duarte (Biohabitate) para compor mesa no evento Dibioterra - Diálogos com a terra. Ao professor antropólogo Dr. José Guilherme Magnani (USP) pelo incentivo etnográfico e paciência em ouvir sobre os primeiros passos deste estudo. Agradeço a Gêra, maravilhosa pesquisadora e educadora que me possibilitou um universo de compressão com nossas conversas e abriu sua biblioteca para meus estudos sobre o Bem Viver.

De antemão agradeço a banca, aos pesquisadores que a compõe, pela dedicação de seu tempo, partilha de conhecimento e escuta ativa.

Finalizo compartilhando o sentimento de gratidão com docentes deste programa, em especial aqueles que estreitamos laços e foram sempre abertos ao diálogo. Gratidão aos colegas de mestrado, amigos e amigas para toda vida! Cresci com vocês como semente em solo fértil, nosso coletivo agroecologia e melodia cantará muita vida pela frente.

Gratidão, gratidão, gratidão!!!!



*“Porque nos levantamos a cada manhã? Porque fazemos todos os dias os mesmos gestos? Se as células do nosso corpo se renovam constantemente, isto quer dizer que somos formados integralmente pelo mundo que nos rodeia. Somos um com o entorno natural. Se as plantas, os animais, as montanhas e os rios são uma mercadoria aos olhos do sistema econômico, tanto como a água, o ar, o sol, a terra, isto quer dizer que nós, seres humanos somos parte dessa mercadoria. Sempre estamos reivindicando coisas: mais democracia, mais igualdade, melhores serviços sociais. A quem dirigimos nossa demanda? A democracia se limita simplesmente a eleger nossos representantes, a cumprir suas normas. Quem somos além da nossa ideologia? Qual a nossa praticologia? Não poderíamos nós mesmos construir a sociedade que queremos? Mudarmos esse pedaço de mundo que nos toca. Que freios? Que medo nos impede? Todas as respostas estão para serem construídas dentro de cada pessoa. As ferramentas estão chegando como uma chuva de estrelas. A resposta está em nossas mãos. É possível sair da matrix, da realidade virtual dentro da qual temos crescido e entrar em contato com o mundo real dentro do qual todos respiramos.” (PONS & DANNEYROLLES, 2013)*

## RESUMO

A presente pesquisa, Narrativas Orais: saberes e fazeres da arquitetura vernácula na comunidade de São Gonçalo do Rio das Pedras – (MG) e entorno, desenvolveu-se no âmbito do programa de pós-graduação interdisciplinar em Estudos Rurais PPGER/UFVJM. O estudo identifica as memórias que regem o saber e o fazer em relação ao labor, a ocupação dos espaços e principalmente verifica os conhecimentos empíricos, acerca do saber local sobre as construções de casas, espaços de trabalho e ranchos. Realizou-se pesquisas bibliográficas, entrevistas por meio de trabalho de campo e observações etnográficas com base na metodologia de pesquisa participante, houve levantamento dos conhecimentos presentes na oralidade em relação à arquitetura vernácula e a maneira como as pessoas se relacionam com suas construções, seus hábitos de construções, seus procedimentos e suas reflexões sobre suas ocupações espaciais e vida. Evidenciou-se que há uma crise do habitar, em que o afastamento da autonomia construtiva tem sido um dos maiores impactos encontrados. Esse afastamento não se dá apenas pela escolha dos materiais, mas pela impossibilidade de escolher como habitar. Verifica-se as funções ambientais dos espaços rurais na perspectiva da questão da construção como um modo de adaptar os materiais locais e sua relação com o ambiente. Evidenciaram-se os processos de transformação social diante das relações estabelecidas frente ao capitalismo, e a urgência por uma ecologia de saberes.

**Palavras-chave:** Arquitetura vernácula; saberes tradicionais; sustentabilidade; terra; habitar; estudos rurais.

## ABSTRACT

The present research, *Oral Narratives: vernacular architecture knowledge and practices in the community of São Gonçalo do Rio das Pedras - (MG) and surroundings*, was developed under the interdisciplinary postgraduate program in Rural Studies PPGER / UFVJM. The study identifies the memories that govern the knowledge and the doing in relation to work and the occupation of spaces and it particularly investigates the empirical knowledge the local residents have on the construction of houses, workspaces and ranches. Bibliographical research, fieldwork interviews and ethnographic observations were carried out based on the participant observation, research methodology. A survey was conducted in order to identify participants' oral knowledge regarding vernacular architecture and the way people relate to their constructions, their habits of building, their procedures and their reflections on their spatial occupations and life. It was evidenced that there is a crisis of dwelling and the loss of constructive autonomy has been one of its most critical impacts. This loss is not only due to the limited choice of materials, but also to the impossibility of choosing on how to live. The environmental functions of rural areas have been analyzed in light of construction as a way of adapting local materials and their relation to the environment. The processes of social transformation in the face of established relations with capitalism and the urgent need for an ecology of knowledge were evidenced.

**Keywords:** Vernacular architecture; traditional knowledge; sustainable development; earthenware; dwelling; rural studies.

## RESUMEN

La presente investigación, Narrativas orales: saberes y hacer de la arquitectura vernácula en la comunidad de São Gonçalo do Rio das Pedras - (MG) y entorno, se desarrolló en el ámbito del programa de postgrado interdisciplinario en Estudios Rurales PPGER / UFVJM. El estudio identifica las memorias que rigen el saber y el hacer en relación a la labor, la ocupación de los espacios y principalmente verifica los conocimientos empíricos, acerca del saber local sobre las construcciones de casas, espacios de trabajo y ranchos. Se realizaron investigaciones bibliográficas, entrevistas por medio de trabajo de campo y observaciones etnográficas con base en la metodología de investigación participante, hubo levantamiento de los conocimientos presentes en la oralidad en relación a la arquitectura vernácula y la manera como las personas se relacionan con sus construcciones, sus hábitos de construcciones, sus procedimientos y sus reflexiones sobre sus ocupaciones espaciales y vida. Se evidenció que hay una crisis del habitar, en que el alejamiento de la autonomía constructiva ha sido uno de los mayores impactos encontrados. Este alejamiento no se da sólo por la elección de los materiales, sino por la imposibilidad de elegir como habitar. Se verifican las funciones ambientales de los espacios rurales en la perspectiva de la cuestión de la construcción como un modo de adaptar los materiales locales y su relación con el ambiente. Se evidenciaron los procesos de transformación social ante las relaciones establecidas frente al capitalismo, y la urgencia por una ecología de saberes.

**Palabras clave:** Arquitectura vernácula; conocimientos tradicionales; sostenibilidad, tierra, habitar, estudios rurales.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa mental metodologia.....	17
Figura 2 – Adobe sendo confeccionado por Sr. Valdeil e Dona Marilene.....	24
Figura 3 – Adobes prontos para secagem.....	25
Figura 4 – Adobes prontos.....	25
Figura 5 – Adobe sendo assentado e revestimento em terra, por Nô Dobradiça .....	26
Figura 6 – Muro em adobe e pedra seca.....	27
Figura 7 – Parede em pau a pique, em reforma.....	30
Figura 8 – Fôrma de adobe, feita por Sr. Valdeil e Dona Marilene.....	32
Figura 9 – Casa de Sr. Valdeil e Dona Marilene .....	32
Figura 10 – Planta baixa, casa de Sr. Valdeil e Marilene.....	33
Figura 11 – Planta baixa, da casa demolida de João Juca, Aiuruoca .....	33
Figura 12 – D. Marilene, ao pé do fogão caiado cuidadosamente com tabatinga.....	35
Figura 13 – Casa Fazenda Companhia, parte externa, porta da cozinha.....	35
Figura 14 – Forno, casa do Sr. Adão e família.....	36
Figura 15 – Espaços de trabalho.....	37
Figura 16 – Espaços de trabalho.....	37
Figura 17 – Detalhes gráficos na parte superior da casa e fachada em diferentes cores .....	38
Figura 18 – Detalhes gráficos na parte superior da casa e fachada em diferentes cores .....	38
Figura 19 – Forno, casa de Dona Conceição.....	39
Figura 20 – Miniatura de casa tradicional, em madeira.....	39
Figura 21 – Miniatura de casa tradicional, em madeira.....	40
Figura 22 – Elementos Simbólicos.....	42
Figura 23 – Planta casa da família de Izaura, feita com base no relato da entrevistada .....	44
Figura 24 – Planta baixa, segunda casa da família de Izaura .....	45
Figura 25 – Muro de bloco de concreto sobre pedra.....	47
Figura 26 – Muro de pedra com uso de pedra e cimento.....	48
Figura 27 – Alicerce em pedra seca.....	48
Figura 28 – Muro em adobe, revestido com terra e cal na parte superior e com cimento na parte inferior .....	49
Figura 29 – Casa em pau a pique com revestimento lateral em terra e cal já em fase de deterioração.....	49

Figura 30 – Casa de adobe com novas fiadas de tijolo, com utilização de tijolo cerâmico industrial.....	49
Figura 31 – Casa de adobe com novas fiadas de tijolo cerâmico industrial, detalhe do encontro dos materiais .....	50
Figura 32 – Casa com diferentes materiais e aspectos da arquitetura local.....	51
Figura 33 – Casa de Dona Helena após reforma, uso de materiais externos, aspectos arquitetônicos mantidos.....	51
Figura 34 – Dona Helena, cuidando do quintal.....	51
Figura 35 – Casa com técnicas construtivas vernáculas e alicerce de pedra e cimento.....	52
Figura 36 – Parte interna, espaço de multiplicação de técnicas vernáculas, visita técnica .....	52
Figura 37 – Casa em bloco de cerâmica industrial, cimento e ferragem.....	53
Figura 38 – Fachada de uma casa, aspectos construtivos diferentes dos tradicionais.....	54
Figura 39 – Fachada de uma casa em sua maioria, materiais construtivos externos.....	54
Figura 40 – Detalhe da casa acima, fogão a lenha de madeira e terra, revestido em tabatinga, aspectos vernáculos.....	54
Figura 41 – Sr. Valdeil, carro de boi, foto do postal que ele guarda com carinho.....	74



## LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Materiais construtivos vernáculos mais citados como de uso na comunidade e processos .....	23
---	----



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>3</b>
<b>2 ARQUITETURA VERNÁCULA.....</b>	<b>7</b>
<b>3 MEMÓRIA, CONSTRUÇÃO COLETIVA DA VIDA COTIDIANA .....</b>	<b>9</b>
<b>4 OBJETIVOS .....</b>	<b>11</b>
<b>5 METODOLOGIA.....</b>	<b>11</b>
<b>5.1 Pesquisa bibliográfica e referencial teórico: .....</b>	<b>12</b>
<b>5.2 Pesquisa de campo .....</b>	<b>13</b>
<b>5.3 Critério de inclusão e critérios de exclusão:.....</b>	<b>15</b>
<b>5.4 Número de participantes nas entrevistas: .....</b>	<b>16</b>
<b>5.5 Consentimentos .....</b>	<b>16</b>
<b>6 MATERIAIS, BENEFÍCIOS E POSSIBILIDADES .....</b>	<b>17</b>
<b>6.1 Construções com terra .....</b>	<b>24</b>
<b>7 O SABER E O FAZER: POESIA ETNOGRÁFICA .....</b>	<b>31</b>
<b>7.1 Mescla .....</b>	<b>47</b>
<b>8 A INTERFACE DO HABITAR.....</b>	<b>55</b>
<b>9 TRABALHO ALIENADO – enfrentamento cotidiano .....</b>	<b>65</b>
<b>9.1 Silenciamentos – ecoa a urgência pela ecologia de saberes.....</b>	<b>71</b>
<b>10 O BEM VIVER, RECONNECTANDO RAÍZES.....</b>	<b>87</b>
<b>11 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>89</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>93</b>
<b>ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS – SEMI ESTRUTURADO .....</b>	<b>96</b>
<b>ANEXO B – PARECER COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA .....</b>	<b>99</b>
<b>ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>105</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Apresenta-se neste estudo, pesquisa em caráter interdisciplinar, vinculada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Rurais, na Faculdade Interdisciplinar de Humanidade (FIH), Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

O presente estudo dialoga com a linha de pesquisa: Sociedade e Cultura no Mundo Rural. Nesta linha de pesquisa há uma atenção especial dada à dimensão histórica e aos processos de recuperação de memórias e tradições, bem como para sua reinvenção permanente. Se dedica a refletir o papel do estado, a investigar sobre diversos atores sociais do campo, seus interesses, culturas, identidades e conflitos. Ênfase é dada à trajetória das ações coletivas e dos movimentos sociais no campo e nas pequenas cidades, às formas de mediação e aos papéis sociais que eles desempenham na construção dos territórios e do cotidiano, perpassados as dimensões do “global”, “regional” e “local”.

Há alguns anos em experiência particular, vivenciei processos construtivos que utilizavam técnicas vernáculas e materiais naturais para construção de casas, a partir destas práticas foi acionado um outro campo de compreensão sobre o que é uma casa. A relação com os sentidos, com os materiais, com os outros (os processos sempre foram coletivos). Tudo isso fez pensar sobre as significativas necessidades individuais e coletivas de uma casa, conectou-me com a vontade de ação e capacidade de realizá-la. Há também um campo de “sentimentos acionados” dos quais palavras não dão conta de expressar. Presenciei, vivenciei e multipliquei processos construtivos vernáculos, nos últimos 8 anos.

De 2014 a 2016 o envolvimento foi diretamente com uma autoconstrução, desta vez da minha própria casa, também com a utilização de técnicas vernáculas e materiais naturais, porém acrescidas de outros materiais, como de demolição, vidros reutilizados, e alguma parte em alvenaria industrial. Nestes 8 anos me envolvi com diferentes comunidades rurais e em todas pude observar as construções vernáculas e interagir com as famílias que viviam nessas casas. Nos últimos 5 anos resido em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG) e com a oportunidade de me dedicar a um trabalho mais intensivo de pesquisa, escolhi esta comunidade para aprofundar reflexões, conhecer os processos internos, perceber a dinâmica atual sobre as construções e partilhar e aprender com os moradores e moradoras locais. Surgiu também da vontade de registrar a partir da oralidade os conhecimentos que a comunidade, através de seus moradores e moradoras têm, sobre construções vernáculas.

Assim demos início a este estudo, Narrativas orais: saberes e fazeres da arquitetura vernácula em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG) e entorno.

A arquitetura vernácula possui ligação vital com o local, sua base é alicerçada em materiais locais e se orienta também pelas condições locais de clima, espaço e organização social. É comum o uso de materiais como terra, palha, pedra, madeira e outros.

É intenção desta pesquisa investigar a relação da comunidade local com seu fazer na arquitetura vernácula, tanto do seu ponto de vista material e técnico, quanto simbólico. Pretende-se analisar os contextos das construções, a organização social que se dá em relação às construções, os materiais, métodos envolvidos através da transmissão oral desses conhecimentos.

A transmissão oral implica a presença do destinatário, bem como a sua “visualização” do que é dito. Tal significa que a par do que é dito prevalece toda uma actividade motora desenvolvida pelo emissor, a qual corporiza e vivifica o dizer. A relação estabelecida entre os interlocutores é, portanto, marcada pela imaginação, prevalecendo a memória desses elementos indizíveis também eles constituintes da narrativa ou do poema. Assim sendo, a memória é entendida como retenção de um dado conhecimento, mas também como activadora da imaginação e das capacidades de interpretação, problematização e reinvenção, as quais actuam sobre o que é recordado pelo sujeito. (PAIXÃO, 2009, p.1)

O ato de se construir e o ato de fazer com materiais locais, aplica-se no Brasil, principalmente aos modos herdados de matrizes africanas, indígenas e europeias. Utilizam-se diferentes materiais que com tecnologias próprias, são beneficiados e aplicados de maneira manufaturada. O uso de materiais como pedras, madeiras, terra, bambu, fibras, envolvem tecnologias específicas a esses materiais, e sobretudo tecnologias que não necessitavam de energias elaboradas, como a energia elétrica ou o uso de combustíveis fósseis. Em cada local existem recursos naturais inerentes ao ambiente e o fazer humano se constitui conforme existe a experimentação e multiplicação desses saberes. Que envolve o dizer (oralidade) e a ação aprendida e recriada.

A partir da oralidade se pratica o ato de lembrar e o ato de dar continuidade à suas memórias, estas memórias guardam histórias, saberes e fazeres, assim como os saberes e fazeres guardam muitas histórias.

No ato de lembrar, nos servimos de “campos de significados” – os quadros sociais que nos servem de pontos de referência. As noções de tempo e de espaço, estruturantes dos quadros sociais da memória, são fundamentais para a rememoração do passado na medida em que as localizações espaciais e temporal das lembranças são a essência da memória. (BARROS, 1989, p.30)

Nossa leitura do que é contemporâneo ou não, só existe a partir de referências em outros tempos, a partir de nossas lembranças, elas formam não somente o passado, mas também o presente. O uso de recursos locais, o processo de transmissão oral do conhecimento e a autoconstrução, são elementos que caracterizaram as sociedades por séculos. No entanto esses aspectos sofreram significativas mudanças nas últimas décadas. Tornando materiais locais obsoletos, as relações de mão de obra sofreram mudanças, ofícios foram extintos ou caídos.

As mudanças nas relações sociais e econômicas foram transformadas. Essas transformações deram lugar a ressignificação nos modos de vida frente a dinâmicas da industrialização, do capitalismo acelerado e da construção midiática depreciativa em relação às construções elaboradas a partir dos conhecimentos da arquitetura vernácula.

Comunidades constroem um repertório comum de saber que perdura temporalmente e dá aos membros da comunidade os referenciais e os parâmetros a partir dos quais os indivíduos dão sentido ao mundo que ao seu redor e relacionam suas histórias individuais a narrativas mais amplas de vida comunitária. O conhecimento comum produzido pela comunidade oferece os nós associativos que geram a experiência de pertença. Narrativas individuais e narrativas comunitárias se entrelaçam de tal modo que, quando a história de uma vida individual é contada, ela contém a história, os acontecimentos, as formas culturais e as maneiras de se comportar de toda a comunidade. (JOVCHELOVITCH, 2011, p.137)

Nestes sentidos as construções e a maneira de construir representam maneiras de ser comportar em comunidade. O repertório comum garante a pertença e revela o poder comunitário, as construções vernáculas implicam muitas vezes o trabalho coletivo, o apoio mútuo, relações econômicas comunitárias e a transmissão do fazer e do saber em comunidade. As construções vernáculas revelam uma cultura, assim como uma cultura revela a particularidade e a história de suas construções.

Walter Benjamin (1994) alertou-nos da importância do narrador e de como ele está intrinsecamente ligado aos modos de vidas específicos. Há dois personagens centrais, o viajante e o camponês, pois esses detêm a experiência e é a experiência que rege a narrativa. Benjamin não alertou somente a importância, mas também o enfraquecimento desse personagem na sociedade, uma vez que temos passado por processos de diluição da experiência. Já não encontramos tão comumente narradores como antes.

Nossas memórias estão relacionadas à nossa capacidade de narrar, nosso ato de fala vai além das palavras, produzimos narrativas em nossas ações, na forma como nos relacionamos com o mundo. A construção pode ser entendida como ato de memória, se pensarmos no ato de construir podemos percebê-lo também enquanto narrativa.

As construções locais de casas, ranchos, espaços de trabalho, fornos, e demais benfeitorias no peridomicílio necessitam dos conhecimentos endógenos, necessitam da experiência vivida e do domínio dos meios de produção. Na atualidade estamos terceirizando a vida, é preciso tomar as rédeas de nossas vidas, ter processos mais autônomos e retomar a experiência, para que tenhamos a capacidade de narrar e garantir nossos meios de reprodução.

É nesse sentido que este trabalho se dedica a traçar as narrativas existentes sobre os conhecimentos locais em relação à arquitetura vernácula e as transformações que têm sido vivenciadas neste contexto. Buscou-se compreender o cenário social, político, econômico e cultural em que hoje estão inseridos estes saberes, qual a intencionalidade deles na contemporaneidade, os modos de vida e processos implicados a construções e os desafios enfrentados para dar sequência aos conhecimentos construídos.

Nossas primeiras reflexões serão a cerca do termo arquitetura vernácula, seguidos de uma breve reflexão sobre memória, em seguida apresentam-se nossos objetivos e metodologia de trabalho, e damos continuidade as contribuições teóricas e reflexões nos tópicos: Materiais, benefícios e possibilidade; Construção com terra; O saber fazer – poesia etnográfica; Mescla; A interface do habitar; Trabalho alienado: enfrentamento cotidiano; Silenciamentos: ecoa a urgência pela ecologia de saberes; O bem viver; E encerra-se com as considerações finais.

Sem dúvida o caráter interdisciplinar nos auxiliou no desenvolvimento deste estudo, porém foi também um dos desafios para o recorte deste estudo, sendo assim, esclarecemos que há ainda uma inúmera possibilidade de olhares e reflexões diante dos temas apresentados no presente trabalho. Esperamos que o leitor aprecie as reflexões e se coloque no exercício de realiza-la junto conosco.



## 2 ARQUITETURA VERNÁCULA

O termo arquitetura vernácula designa aquela arquitetura que como dissemos anteriormente possui uma ligação vital com o local, sua base é alicerçada em materiais locais e se orienta também pelas condições locais de clima, espaço e organização social. É comum o uso de materiais como terra, palha, pedra, madeira e outros. As construções vernáculas pressupõem um conhecimento autóctone, um envolvimento intrínseco entre ser humano e meio de vida.

A arquitetura vernácula, segundo Teixeira (2017, p.2), é aquela em que prevalecem as necessidades funcionais da habitação, entendidas como as carências básicas de sobrevivência e autopreservação humanas: repousar, alimentar-se, reproduzir, proteger-se, socializar-se. Podemos acrescentar a função estética que em algumas comunidades podem apresentar relevância cultural significativa, em se tratando da escolha dos materiais, disposições de alguns elementos, escolhas plásticas etc. Esta função também pode estar relacionada à maneira como se distribuem e organizam os espaços.

Para Weimer (2012, p. XL) o termo arquitetura vernacular não é adequado, embora considere que os autores brasileiros ao se referirem às manifestações construtivas do povo, empregam o termo vernacular. Para o autor trata-se de um neologismo e o que consta no dicionário é o termo vernáculo, do latim *venaculu*, que segundo Weimer (2012, p. XL), pode haver um mal-entendido, pois o termo designa tanto língua ou costumes próprios de um país quanto linguagem correta, sem estrangeirismo, de sintaxe perfeita, quanto ainda, em outro sentido significa escravo, bobo, patife e velhaco. O autor julga o termo infeliz e inoportuno.

Ainda em Weimer (2012) apresenta-se como solução o termo arquitetura popular, embora o autor também perceba brechas para reducionismo e mal-entendido, define arquitetura popular como aquela que é própria do povo, e por ele é realizada. O autor ainda explica que em língua inglesa o termo vernacular, inexistente em nossa língua, tem origem inglesa, em que é comum a designação vernacular architecture, tem origem germânica, por isso há confusão linguística ao transpor a palavra ao português.

Entretanto é consagrado o uso do termo arquitetura vernácula, entendendo-se como aquela que estabelece vínculo ecossistêmico e com materiais locais, o termo é empregado por estudiosos que se dedicaram ao estudo desta arquitetura do povo como Hassan Fathy, Amos Rapoport, Paul Oliver e estudiosos contemporâneos.

Paul Oliver (1978) também problematiza o termo, porém assume o uso da designação arquitetura vernácula, ao concluir que, a tradição de uso assegura sua permanência.

Para o autor a preferência seria utilizar algo como cobijo (abrigo) vernáculo. Uma vez que, é conhecida também por ser uma arquitetura sem arquitetos.

Analisando Hassan Fathy (1980), a partir dos apontamentos do autor em relação a arquitetura vernácula de Gurna Velha, Egito, é possível compreender arquitetura vernácula como aquela dotada da artesanania e autenticidade, que possui certa pureza de forma, dotada de criatividade, fluência e plasticidade, autossuficiência e adaptação dos materiais locais.

Adotaremos aqui principalmente o uso do termo arquitetura vernácula, e em alguns momentos usaremos variações como construções vernáculas, aspectos vernáculos e características vernáculas e arquitetura rural vernácula.

Não adotaremos como termo principal a arquitetura popular, pois em nosso entendimento contemplaria uma pluralidade a que este estudo não se dedica e poderia confundir o leitor. A partir de nossas pesquisas teóricas, e por entendermos que atualmente o este termo está em vigor, entende-se que permite assim uma compreensão mais ampla de nosso recorte e um trânsito maior nas áreas de conhecimento do respectivo estudo, optamos então por arquitetura vernácula.

### 3 MEMÓRIA, CONSTRUÇÃO COLETIVA DA VIDA COTIDIANA

*Assim, a casa não vive somente o dia-a-dia, no fio de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. (BACHELARD, 1978, p.201)*

É a partir da memória que uma comunidade atribui significados a suas vivências e a sua cultura. O passado está no presente, e a memória se localiza no hoje. A memória constitui a identidade individual e coletiva e é nela que se dá a construção da realidade cultural. Como podemos verificar mais amplamente na reflexão de Delgado (2003):

A busca do significado de um tempo tem na memória e na própria História suportes básicos. Reconhecer o substrato de um tempo é encontrar valores, culturas, modos de vida, representações, enfim um gama de elementos que, em sua pluralidade, constituem a vida das comunidades humanas. (DELGADO, 2003, p.5)

Para Halbwachs (1990) a memória se dá de maneira coletiva e individual, porém nossa memória individual se constitui também pelas memórias coletivas.

(...) nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que os outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1990, p.26)

Nossa cultura e nossa identidade se dão através da memória, das experiências e vivências coletivas, de determinados lugares e determinados grupos. Temos nossas experiências individuais pautadas no que temos enquanto coletivo, o coletivo rege simbolicamente o individual. Segundo Delgado (2003) a memória vai além de uma cronologia atual e o homem mergulha no seu passado ancestral. Há nessa perspectiva então um encontro entre memórias, uma fusão entre memórias individuais e memórias coletivas, em que constituem-se como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico.

O imaginário constitui também a função simbólica de permitir que o passado se reconstitua no presente e comunique um significado que foge ao tempo. Como podemos confirmar nas palavras de Maffesoli (2001):

O imaginário é também a aura de uma ideologia, pois, além do racional que a compõe, envolve uma sensibilidade, o sentimento, o afetivo. Em geral, quem adere a uma ideologia imagina fazê-lo por razões necessárias e suficientes, não percebendo o quanto entra na sua adesão outro componente, que chamarei de não racional: o desejo de estar junto, o lúdico, o afetivo, o laço social, etc. O imaginário é, ao mesmo tempo, impalpável e real. (MAFFESOLI, 2001, p.4)

Para Margarida Neves (1998), a memória desempenha um papel fundamental, vejamos:

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; monumentalização e documentação; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação. (NEVES, 1998, p.218)

Há uma construção coletiva da vida cotidiana a partir da memória. A importância a ser dada a fatos como os saberes, as festividades, ou o desprezo a ser dado a um acontecimento, um sentimento de liberdade ou de opressão em uma comunidade pode ser justificado, a partir de uma memória constituída. Enfim, a memória é aspecto de suma importância na história de um povo e na vida diária de uma comunidade e/ou pessoa, uma vez que, revela suas especificidades culturais e identitárias.

Por ser uma experiência através da qual se compartilha o registro das lembranças, transforma a narrativa em processo compartilhado que inclui em si as seguintes dimensões: estímulo ao narrar, ato de contar e relembrar e disponibilidade para escutar. Fala, escuta e troca de olhares compõem a dinâmica desse processo único e essencial à vida humana, pois não se vive em plenitude sem a possibilidade de escutar, de contar histórias e de se apreender sob a forma de conhecimento, ou melhor, de sabedoria, o conteúdo narrado. [...] as narrativas são traduções dos registros das experiências retidas, contêm a força da tradição e muitas vezes relatam o poder das transformações. História e narrativa, tal qual História e memória, se alimentam. Narrativa, sujeitos, memórias, histórias e identidades. São a humanidade em movimento. São olhares que permeiam tempos heterogêneos. São a História em construção. São memórias que falam. (DELGADO, 2003, p.15)

É a narrativa uma das maneiras de acesso ao coletivo, às construções imagéticas e conhecimentos que se deram no passado, que se dão no presente e que podem dar sequência no

futuro e/ou ganharem novas significações, diante do que lhe foi compartilhado. O ato de narrar provoca uma significação a ser dada ao que foi narrado, ou seja, tem-se uma intencionalidade nas narrativas e uma força potente enquanto constituinte cultural, histórica e de entendimento profundo da coletividade e individualidade.

#### **4 OBJETIVOS**

Objetivo Geral:

Investigar as narrativas orais sobre os saberes e fazeres da arquitetura vernácula em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG) e entorno.

Objetivos específicos:

Registrar os saberes e fazeres em relação aos materiais que compõe a arquitetura vernácula, os modos de reprodução, os fazeres imbricados a este processo, a organização do trabalho e a organização social e simbólica presente na arquitetura vernácula;

Refletir sobre os processos de transformação social diante das relações estabelecidas frente à globalização;

Compreender a perspectiva estética (plástica) em relação à sua regularidade ou ausência, com a finalidade de perceber o valor simbólico e cultural observando se há ou não preocupações estéticas por parte moradores de São Gonçalo do Rio das Pedras.

#### **5 METODOLOGIA**

Seguindo as orientações do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Rurais (PPGER), da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFVJM. O projeto foi submetido via Plataforma Brasil e devidamente aprovado, tendo sido emitido o parecer consubstanciado nº 2.355.729, outubro de 2017. Conforme orientação, utilizamos o termo de consentimento livre e esclarecido, de acordo com a resolução 466/12.

### **5.1 Pesquisa bibliográfica e referencial teórico:**

A pesquisa contou com artigos, teses, periódicos especializados e referências à região e obras ou documentos que resgatem dados da região. Além de dados bibliográficos produzidos localmente como livros de moradores e/ou outros acervos de moradores, coletâneas de poesia, registros fotográficos e vídeos, cartilhas produzidas por escolas ou moradores, alinhados com a temática da pesquisa, e disponibilizados em bibliotecas regionais, em escolas ou no acesso direto com autores.

Uma vez que esta pesquisa é de cunho participante e etnográfica a abordagem teórica foi aprofundada e especificada ao longo do processo, de acordo com os assuntos protagonizados em relação ao tema da pesquisa, junto aos atores sociais envolvidos. A pesquisa contou com teóricos que dão suporte às apreciações que versam sobre arquitetura, ao universo da ruralidade, a aspectos sociológicos, antropológicos e filosóficos que auxiliaram na construção das reflexões que apresenta-se ao longo do estudo.

Visitou-se em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG) a biblioteca da Escola Estadual Mestra Virgínia Reis, em Diamantina (MG) a biblioteca da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), campus JK, a biblioteca da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte (MG), o Instituto do patrimônio histórico e artístico (IPHAN) de Serro (MG). Visitou-se acervos particulares de moradores, pesquisadores, educadores, acervo pessoal já existentes e outros adquiridos para pesquisa, além de artigos e livros estudados nas disciplinas do programa de pós-graduação.

Utilizou-se ainda acervos de revistas eletrônicas, artigos diversos disponibilizados em formato eletrônico, e informações pertinentes ao estudo disponibilizados online. Dos acervos online consultados podemos citar o acervo catalogado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), sobre arquitetura popular, os arquivos disponibilizados pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, artigos e revistas disponibilizados pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), biblioteca eletrônica Scielo, acesso aos sites do Instituto do patrimônio histórico e artístico (IPHAN), site do laboratório CRAterre/ENSAG (França), Rede Ibero americana de arquitetura e construção com terra – PROTERRA, entre outros, somando facilmente mais de 100 domínios visitados. Utilizou-se plataformas de download de arquivos como Issu, DocGo e Docplayer.

Dentre as palavras chave mais usadas nas buscas estão: arquitetura vernácula, arquitetura vernacular, construções tradicionais, terra, habitar, casa, bioconstrução, São

Gonçalo do Rio das Pedras, patrimônio, conhecimentos tradicionais, casa rural, artífices e memória.

Algumas dificuldades ao longo da pesquisa foram acesso há algumas pessoas, horários disponíveis dos entrevistados e deslocamentos. Nas pesquisas bibliográficas as dificuldades recorrentes, foram inicialmente nesta pesquisa de caráter interdisciplinar, executar o recorte adequado ao estudo.

## **5.2 Pesquisa de campo**

Utilizou-se como metodologia a pesquisa participante de cunho etnográfico, na intenção de propiciar uma pesquisa que considere sujeitos e espaços, que seja de construção coletiva, tendo os sujeitos como protagonistas conjuntos deste processo. A pesquisa parte da observação dos modos de vida da comunidade e suas interações com o espaço e entre moradores. Como base teórico metodológica em relação à pesquisa participante utilizamos os autores Carlos Rodrigues Brandão e Antônio Cândido como suporte etnográfico.

A pesquisa participante deve ser compreendida como um repertório múltiplo e diferenciado de experiências de criação coletiva de conhecimentos destinados a superar a oposição sujeito/objeto no interior de processos que geram saberes e na sequência das ações que aspiram gerar transformações a partir também desses conhecimentos. Experiências que sonham substituir o antigo monótono eixo: pesquisador/pesquisado, conhecedor/conhecido, cientista/cientificado, pela aventura perigosa, mas historicamente urgente e inevitável, da criação de redes, teias e tramas formadas por diferentes categorias entre iguais/diferentes sabedores solidários do que de fato importa saber. Uma múltipla teia de e entre pessoas que, ao invés de estabelecer hierarquias de acordo com padrões consagrados de ideias preconcebidas sobre os conhecimentos e seu valor, as envolva em um mesmo amplo exercício de construir saberes a partir da ideia tão simples e tão esquecida de que qualquer ser humano é, em si mesmo e por si mesmo, uma fonte original e insubstituível de saber. (BRANDÃO, 2006, p.12,13)

Para Brandão (2006) o método de pesquisa participante tem duas premissas importantes em relação a prática participativa, a primeira consiste em compreender os participantes não apenas como objeto de pesquisa, mas muito além disso, são considerados como sujeitos ativos na pesquisa e responsáveis pelo sentido dado a mesma. Um segundo ponto consiste em que a própria pesquisa ser integrada as trajetórias de organização popular.

Sendo assim Brandão pensa a pesquisa participante como:

Um instrumento científico, político e pedagógico de produção partilhada de conhecimento social e, também, um múltiplo e importante momento da própria ação popular. Esta alternativa de investigação social é “participante” porque ela própria se inscreve no fluxo das ações sociais populares. Estamos em uma estrada de mão dupla: de um lado a participação popular no processo de investigação. De outro, a participação da pesquisa no correr das ações populares. (BRANDÃO, 2006, p.31)

Realizamos entrevistas por meio de um questionário semiestruturado, seguindo os critérios de inclusão, especificados a diante. A análise das entrevistas deu-se tentativa de compreender as representações sociais da comunidade, presentes nas narrativas orais, em relação aos saberes e fazeres locais da arquitetura vernácula. Entrevistamos moradores e moradoras em relações aos processos construtivos da arquitetura local, registrou-se histórias da comunidade em relação ao tema, experiências em relação às construções locais e dados sobre a percepção do lugar onde moram.

Além das entrevistas, realizamos visitas de campo na comunidade para a observação participante, visando o levantamento de dados etnográficos com a finalidade de aferir as regularidades e contrastes existentes na comunidade, no que diz respeito às práticas construtivas e de organização social. Utilizou-se caderno de campo para anotações relevantes, registros fotográficos e em vídeo quando possíveis e/ou necessários. Utilizamos esses instrumentos para coleta das informações empíricas necessárias para o desenvolvimento da pesquisa. Buscou-se utilizar as entrevistas e os dados etnográficos de maneira a atender aos objetivos deste trabalho.

Os registros fotográficos foram realizados durante as pesquisas de campo no momento das entrevistas ou durante as caminhadas de observação etnográfica. Levou-se em consideração aspectos vernáculos e elementos que se destacaram por repetição, relevância construtiva ou simbólica.

Na realização das entrevistas, em sua maioria necessitamos retornar entre 1 ou 2 vezes mais para dar continuidade. Utilizamos perguntas previamente organizadas em nosso questionário semiestruturado, algumas vezes não foram todas as perguntas mencionadas e/ou respondidas, houveram assuntos que aprofundamos mais ou menos a depender do envolvimento do entrevistado. Realizou-se ainda caminhada pelos quintais quando tivemos a oportunidade e registro da planta de algumas das casas de moradores entrevistados.

Escolhemos para a realização da pesquisa a comunidade São Gonçalo do Rio das Pedras, localizada no Alto Vale Jequitinhonha. Segundo o IBGE (2010) a população de São Gonçalo do Rio das Pedras tem em média 1.500 habitantes, data do séc. XVIII, localiza-se na



Serra do Espinhaço, município de Serro, Minas Gerais. A seguir alguns dados da região apresentados por Silva:

O distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras está localizado em Serro (MG), região Nordeste de Minas Gerais a 300 km da capital mineira. A paisagem da região é acidentada, pré cambiana, com serra e rochas metamórficas e quartzíticas. O solo nas serras e chapadas é de areias e cascalho, coberto de cerrado e campos limpos. (SILVA, 2014, p.5)

Ainda de acordo com Silva (2014), São Gonçalo do Rio das Pedras possui um dos conjuntos arquitetônicos mais preservados da região e características originais de vilas setecentistas, arquitetura essa baseada no uso de materiais locais. Atualmente a região tem vivenciado uma acentuada alteração em relação a ocupação dos espaços e de sua arquitetura. As dinâmicas atuais têm afetado diretamente as construções vernáculas, como destaca Silva:

O distrito de São Gonçalo do Rio das Pedras possui imóveis tombados pelo IEPHA/MG que necessitam de obras de restauração de elementos artísticos e conservação preventiva, como a Igreja Matriz de São Gonçalo e Igreja do Rosário. Torna-se necessário ainda evitar a descaracterização da paisagem histórica e natural desses povoados. Deverão ser tomadas medidas que garantam uma conservação da paisagem urbana que devido ao grande incentivo ao turismo realizado ultimamente na região em decorrência de melhorias de acesso, tem contribuído para as construções irregulares de casas que não condizem com as características locais. (SILVA, 2014, p.13)

Apresenta-se neste estudo um olhar dedicado as dinâmicas vivenciadas na comunidade, é neste sentido que o campo se desenvolveu em parceria com os moradores locais, e constituiu-se também, a partir das caminhadas etnográficas e observações do caderno de campo. As análises que se apresentam nesta pesquisa partiram da junção desses elementos e das contribuições teóricas a que se dedicou.

### **5.3 Critério de inclusão e critérios de exclusão:**

Como critério de inclusão temos moradores e moradoras mais antigos, que tenham alguma relação com as construções com materiais locais, ou seja, com a arquitetura vernácula e que tenham vivido diferentes tempos, de maneira a ter uma experiência mais ampla em relação à organização social comunitária. Moradores e moradoras jovens que atualmente tenham alguma relação com as construções com materiais locais. Moradores e moradoras que tenham algum ofício inerente a construções com materiais locais.

Como critério de exclusão temos menores de idade ou moradores e moradoras que não tem relação com as construções com materiais locais, ou seja, arquitetura vernácula. Moradores e moradoras jovens que não tenham relação com as construções com materiais locais.

#### **5.4 Número de participantes nas entrevistas:**

Indicamos 12 participantes nas entrevistas levando em conta os critérios de inclusão e os objetivos da pesquisa. As entrevistas foram realizadas em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG) e entorno. Deixamos em aberto no decorrer da pesquisa a possibilidade de haver variação nesse número de entrevistados, uma vez que, tratou-se de uma pesquisa participante e que durante o processo de pesquisa a comunidade pôde indicar moradores e moradoras que se encaixam nos critérios de inclusão, bem como desistências que pudessem ocorrer ao longo do processo ou impedimentos para que se aplicassem algumas das entrevistas.

#### **5.5 Consentimentos**

Esclarecemos que nas comunidades que constituíram esta pesquisa os envolvidos não necessitam de uma autorização específica do coletivo ou uma liderança comunitária para permitir a participação dos indivíduos na pesquisa, para tanto como se trata de uma pesquisa participante o próprio desenvolvimento da pesquisa e as atividades de prospecção indicam que a premissa fundamental é o aceite da comunidade. Utilizou-se o Termo de consentimento livre e esclarecido, alguns entrevistados optaram por gravar sua autorização, alguns realizaram assinatura e ambos ficaram com uma cópia do termo. O termo em algumas situações foi lido aos participantes. Antes do início das entrevistas realizou-se introdução sobre a pesquisa e seus objetivos.

A seguir uma sistematização das ações mais gerais da metodologia utilizada neste estudo. O formato apresentado é mapa mental, organizado na plataforma mind mister:

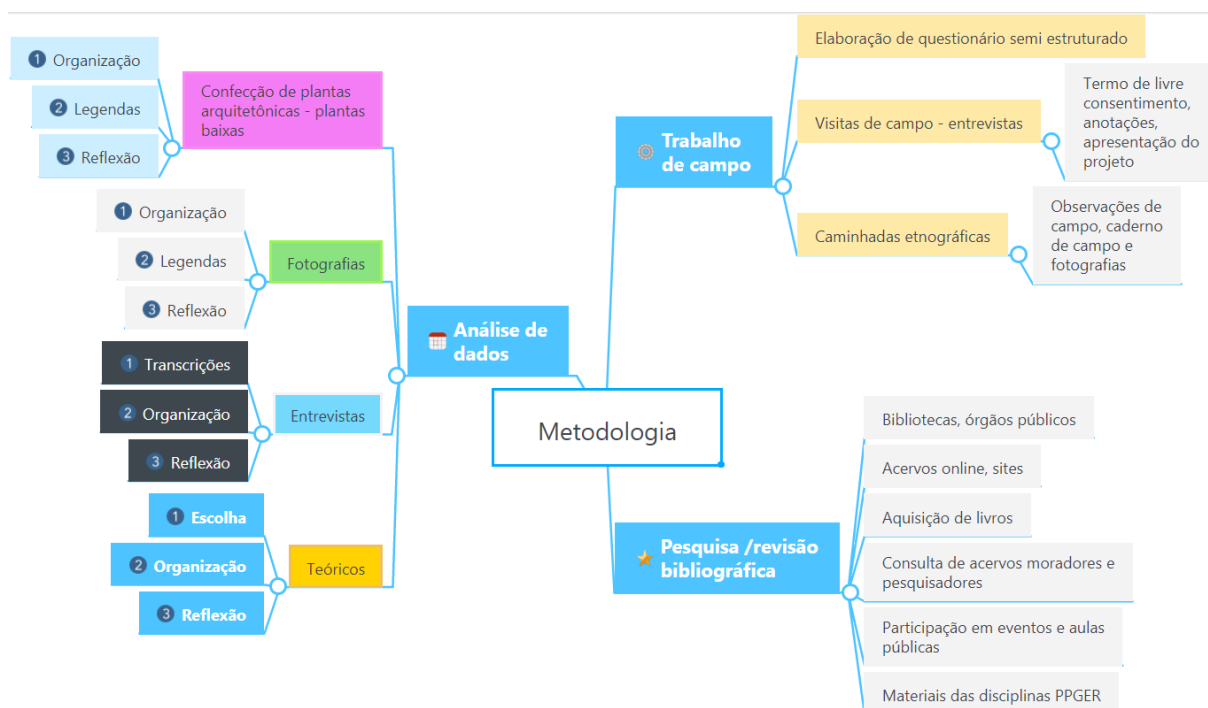


Figura 1. Mapa Mental metodologia, autora, 2018. Link para visualização online Mind Mister: <https://mm.tt/1133070737?t=ARiulQi9Kh>. Autora, 2018.

## 6 MATERIAIS, BENEFÍCIOS E POSSIBILIDADES

A terra é amplamente utilizada em nossa sociedade enquanto material construtivo, é um material versátil, plástico, resistente, disponível em grande parte do mundo e economicamente viável e pode-se reutilizar. Nas narrativas que presenciamos o material foi muito citado e seu uso faz parte da cultura local. O arquiteto Gernot Minke tem mais de 40 anos de dedicação em arquitetura sustentável, é um dos estudiosos mais empenhados em estudar a terra enquanto material construtivo, seus aspectos plásticos e estruturais. De acordo com Minke (2015):

Em quase todos os climas quentes, áridos ou temperados, a terra sempre prevaleceu como material de construção. Mesmo hoje, um terço da população habita em casas de terra. Nos países em desenvolvimento este número é mais do que a metade. (MINKE, 2015, P.13)

Sendo assim, é possível identificar como a terra é um material mundialmente relevante. Além deste aspecto, Minke (2015) ressalta que em relação a materiais industriais de construção, nenhuma região do mundo dota de capacidade produtiva ou financeira que dê conta da demanda de moradias, sobretudo em países considerados em desenvolvimento, afirma ainda

que os países considerados desenvolvidos estão voltando a usar a terra por ser mais sustentável enquanto material construtivo, uma vez que materiais industriais possuem alto grau de poluição e impacto ambiental.

Outro fato que surgiu em nosso estudo, a partir das narrativas apresentadas a nós, foi sobre o conforto término das construções vernáculas. Segundo Minke (2015) as pessoas têm buscado cada vez mais construir as edificações com eficiência econômica e energética, estão priorizando a saúde e valorizando a temperatura interior equilibrada. Minke (2015), afirma que as pessoas estão percebendo a terra enquanto um material melhor do que os industriais.

Nas falas de alguns entrevistados, há diferentes pontos de vista, por vezes os entrevistados relatam que os materiais vernáculos são muito bons, pois o acesso a este material está na própria comunidade, falaram de sua qualidade térmica, da sensação boa de uma casa de terra, avaliaram como positivo o fato de não precisarem comprar tantos materiais, fator econômico importante, e apontaram a autonomia que tinham. Mas, também apareceram relatos em que os materiais industriais foram mencionados como práticos, fáceis de manusear e que hoje em dia há mais mão de obra disponível. Segue uma das narrativas sobre este tópico:

Nessa nova construção de casa às vezes, eu que tô dizendo, é o novo que eles falam né, antes era pedra, hoje é cimento que é comprado, fica um piso que fala que é fácil pra limpar, mas quebra tudo. Hoje quebra tudo, estora tudo, banheiro com box, modernizou tudo, mas maioria das vezes prendeu nós dentro de casa pra ficar limpando o dia inteiro, e a tabatinga o piso, cê faz uma vassoura de coco passa tá limpinho, num tem aquele gasto financeiro de comprar produtos, uma construção moderna traz tudo lá do fundo, e a casa de chão não, boas práticas, natural também...né(risada)....Eles falam que é conforto, toda casa tem conforto, depende de ser ter um colchão, uma higiene pessoal boa, uma alimentação adequada, um teto sem goteira, que já morei e foi horrível e um banheiro é bom também. (E., ENTREVISTA CONCEDIDA EM ABRIL DE 2018)

O que podemos pensar aqui é que é possível ainda um meio termo entre os processos construtivos. Podem haver fusões e escolhas a partir do conhecimento dos materiais, usos mais adequados a depender de cada caso e condições disponíveis. Porém é claro que, é muito importante informações, para que possamos realizar de fato uma escolha justa e saudável.

Minke (2015, p.13) traz informações muito valiosas sobre a terra enquanto material: “Foram desenvolvidas recentemente, novas técnicas de construção com terra para demonstrar o seu valor não só na autoconstrução, mas também na construção em larga escala envolvendo empreiteiros.” Há novas técnicas em construção com terra, novas tecnologias que auxiliam seu uso e experimentação e uma rica experimentação de sua plasticidade e possibilidades. Há

críticas sobre sua resistência, possibilidade plástica e inovação, porém Minke (2015) reúne um grande número de dados e testes que comprovam a riqueza construtiva da terra e seus benefícios. Além do que, temos muitos exemplos empíricos.

Parte dos materiais industriais geram impactos ambientais que ameaçam nossa sustentabilidade enquanto humanidade. A indústria do cimento surgiu segundo SCNIC (2018) em 1830 e no Brasil a primeira fábrica se instalou em 1926. Vejamos alguns dados a seguir em relação à indústria do cimento:

Grande parte (cerca de 50%) das emissões de dióxido de carbono na produção de cimento são originadas na reação química de conversão do calcário ( $\text{CaCO}_3$ ) para óxido de cálcio ( $\text{CaO}$ ), o primeiro precursor do cimento. Cerca de 40% das emissões de  $\text{CO}_2$  resultam da combustão de combustíveis fósseis durante as operações de produção do cimento. O remanescente é resultante das emissões do transporte de matérias-primas (cerca de 5%) e da combustão de combustíveis fósseis requeridos para a produção da eletricidade consumida pela produção do cimento (cerca de 5%). (BATTELLE *apud* WBCSD, 2012, p.5)

Os números são expressivos e a própria indústria de cimento segundo a WBCSD (2012), tem colocado em debate a sustentabilidade, porém não vemos muito sentido neste debate, uma vez que, dentre as propostas estão reduções de emissões, elaboração de tecnologias mais avançadas no sentido ambiental, filtros, entre outros, mas não apresentam proposta de decrescimento na produção, desta maneira continuam comprometendo a sociedade ambientalmente e economicamente.

As construções com terra, de acordo com Minke (2015) são conhecidas há mais de 9000 anos. O exemplo mais antigo de utilização de tijolos de barro é em Heuneberg na Alemanha e remonta ao século VI a.C. Há registros de diferentes tipos construtivos em todos os continentes.

Ainda de acordo com Minke (2015) o barro ajuda a poupar energia e diminui a poluição ambiental, pois não é material residual, pode ser reciclado e em relação a outros materiais de uso constante quase não gera poluição. Além disso afirma que o barro regula a temperatura de maneira mais eficiente do que qualquer outro material construtivo, pois é capaz de absorver e desabsorver a umidade. Em estudos elaborados por Minke (2015) a umidade relativa do ar de um ambiente construído com barro manteve-se constante 50% durante todo o ano. Oscilando apenas entre 5% e 10%, produzindo-se uma condição de vida saudável.

A terra é um material que tem composições variadas a depender de sua localização, pode haver maior ou menor grau de argila, por exemplo, em uma escavação de terra em São

Gonçalo do Rio das Pedras (MG) em comparação a uma terra na comunidade de Veredinha (MG). A formulação da terra enquanto material construtivo se altera de acordo com cada lugar, um adobe, por exemplo, feito em São Gonçalo do Rio das Pedras, pode ter somente a terra escavada e água como material, enquanto em Turmalina pode haver a necessidade de adicionar areia e fibras vegetais para se ter um bom adobe.

Minke (2015) apresenta ainda desvantagens da terra enquanto material, afirma que a terra não é impermeável, o barro se contrai quando seca e não é um material padronizado, como apontamos anteriormente, pois há variações a depender do local. Porém dizer que não é padronizado não quer dizer que não possa haver padrão construtivo. Dizer que não é impermeável, não quer dizer que não possa ser protegido e revela ainda a capacidade saudável de respiração do material. Dizer que o barro se contrai é defini-lo enquanto característica plástica, porém isso pode ser conduzido a uma menor frequência de ocorrência, a partir de uma preparação adequada do material construtivo, em que pode-se adicionar outros materiais antes ou depois de alguns processos de contração ou sabendo da contração buscar a composição mais adequada, a partir de testes e do conhecimento das pessoas que já utilizam esses processos construtivos.

Outro ponto positivo da terra que Minke (2015, p.18) aponta é que o barro é ideal para a autoconstrução. “As técnicas de construção com terra podem ser geralmente executadas por não profissionais. Como os processos envolvidos são de trabalho intensivo e requerem apenas ferramentas baratas e máquinas, são ideais para a autoconstrução”. Não é por acaso que em todos os continentes são conhecidas diferentes formas construtivas com o uso da terra.

Fathy (1980) ao lançar um olhar sobre a arquitetura rural dos camponeses egípcios, analisar e participar de soluções em moradia, pensadas a níveis de governo, critica a uniformidade empregada, a falta de atendimento aos moradores enquanto indivíduos em relação a programas de moradias, critica o modelo em escala. Para o autor, se há padronização não há como manter a dignidade dos moradores.

Ao analisar a situação sobre um aspecto econômico e cultural Fathy (1980) afirma que os esquemas habitacionais em larga escala são desastrosos, que os profissionais da arquitetura têm aniquilado as potencialidades criativas dos indivíduos e que ao cidadão que é dada a oportunidade da autoconstrução tem capacidade muito mais efetiva de atender a sua real necessidade, além de alcançar níveis de plasticidade e autenticidade que segundo Fathy (1980), nenhuma prancheta seria capaz.

Em uma das narrativas uma moradora afirma: “Hoje o que tão fazendo num é pra viver não, é essas caixas de morar. Te põe lá e pronto.” O que podemos perceber é que a

autoconstrução permite um outro campo de atuação, que vai além da divisão material e imaterial, está em jogo a inteireza do morador enquanto parte de seu processo em vida. O processo do habitar, habitando o fazer e habitando o lar. A construção evidencia em si, uma honestidade com a vitalidade dos processos.

Sobre o preconceito com as construções de terra poucos entrevistados quiseram se manifestar, e o que ficou perceptível foi algo velado, um certo incômodo de tocar neste assunto. Para Minke (2015):

Os prejuízos contra a terra são contraditórios e geralmente relacionados com a falta de cultura. Para muitas pessoas, é difícil conceber que um material natural como a terra não precise ser processado e que em muitos casos a escavação de cimento oferece material que pode ser usado diretamente para construir. [...] A afirmação de que vermes ou insetos podem se propagar em paredes de terra é infundada quando tais paredes são maciças. Os insetos só podem sobreviver se houver partes ocas em paredes de pau a pique ou adobe. Na América do Sul, a doença de chagas, que provoca cegueira, é provocada por insetos que vivem em paredes de pau a pique. Pontos ociosos podem ser evitados construindo paredes de terra batida ou adobes com juntas totalmente cheias. (MINKE, 2015, P.22)

No Brasil houve forte estigmatização sobre as casas de terra a partir da disseminação do mito do barbeiro, transmissor da doença de chagas. Atrelaram exclusivamente às casas de terra a propagação do barbeiro, o que gerou grande preconceito com as técnicas de uso da terra como material de construtivo. Podemos ver adiante o relato de uma moradora:

Quando perguntada sobre telhado de capim, quando minha filha nasceu eu ainda visitei casa de capim, mas quando surgiu aquela história de barbeiro, a assistente social mesmo pediu pra tá modificando esses telhados das famílias. Isso foi em 1982 por aí. Tinha muitas casas que eles enganaram, foi engano deles porque barbeiro não gosta de lugar quente, e sim ele gosta de lugar que ele se sinta à vontade, onde entra uma ventilação e o capim é tão impactado que num tinha como o barbeiro entrar dentro do capim, mas como você tem que respeita a ordem maior, foi demolida as casas de capim, mudou pra telha de amianto que é muito mais quente, porque se não podia comprar a colonial ia pra de amianto, e qual a saúde melhor? Do capim ou do amianto? (E., ENTREVISTA CONCEDIDA EM ABRIL DE 2018)

A entrevistada ainda complementa com um depoimento em que conta a violência sofrida na época por agentes da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM), pela maneira indelicada que chegavam nas casas e abordavam as famílias. A filha também entrevistada completa dizendo que achava o barbeiro na região, mas normalmente em

galinheiros, e afirmou que quem teve alguns poucos casos de chagas morava em casa de alvenaria, e não casa de capim.

Além destes pontos, houve no Brasil outras ações que apontaram o homem do campo e seu modo de vida como inadequado, somando a ações no setor da saúde, esse preconceito extrapolou para a literatura e cinema, com as obras de Monteiro Lobato, com a criação do Jeca Tatu, a exemplo em Urupês, em que a obra desfavorece e descredita a sabedoria do camponês e o seu fazer rural. Em outro tópico falaremos mais sobre este descrédito que persegue os povos e comunidades tradicionais, quando na verdade são detentores de conhecimentos que fazem a nossa sociedade.

A partir das narrativas, das caminhadas etnográficas, observações de campo realizadas, tornou-se possível o apontamento das técnicas e materiais mais utilizados na comunidade, evidenciaram-se materiais presentes na comunidade pertencentes ao universo da arquitetura vernácula local. Encontramos em termos de técnicas construtivas vernáculas, majoritariamente o uso do adobe (conhecido também como adobo) e do pau a pique (conhecido também como taipa), há outras variações de nomenclaturas dependendo da região.

Observou-se que alguns materiais e práticas são mais utilizados atualmente dentro da comunidade, outros são pouco utilizados por motivos variados, um deles as leis ambientais, outros por estética e pela chegada de materiais externos. Porém, nos relatos, todos os elementos vernáculos citados foram considerados práticas do lugar, quando perguntados sobre os modos construtivos.

Como atividades usuais mais comuns hoje, foram citados principalmente o uso dos revestimentos, com maior grau a utilização da tabatinga e a prática de confecção de adobes, o uso de materiais locais como terra, pedras, areia. Foram realizados alguns registros fotográficos, em que podemos perceber diferentes tipos de construções que foram se sobrepondo e as técnicas utilizadas. Chamaremos de mesclas essas características encontradas na comunidade de São Gonçalo do Rio das Pedras.

Identificamos o uso de materiais vernáculos/locais mais relevantes neste tipo de construção, e realizamos uma sistematização, constando materiais e processos em que são utilizados, podemos verificar na tabela 1:



<b>MATERIAIS</b>	<b>PROCESSOS</b>
<b>MADEIRAS</b>	Estrutural como baldrames, barrotes, esteios, tesouras, caibros, linhas e terças, normalmente madeiras de cerne; varinhas de madeira para telhado, para ripamento; varinhas tramadas para estruturar paredes de pau-a-pique; usa-se em assoalho; forros, escadas; fôrma; móveis; janelas; portas; ranchos; cochos de animais; cerca; engenhocas; utensílios domésticos; estrutura de fogões.
<b>BARRO</b>	Diferentes tipos; utilizados para técnicas construtivas como adobe e pau-a-pique; em argamassas e revestimentos; confecção de fornos; confecção de fogões; pisos: conhecido como chão batido, feito de terra socada, em diversas camadas, junto ao esterco bovino; usa-se em fabricação artesanal de telhas, retalhos são utilizados em estruturas de fornos.
<b>TABATINGA</b>	Argila branca usada em confecção de tintas naturais; chamam de caigem: ato de revestir; costuma-se cair fogões; fornos; pisos e paredes; misturada a folhas vegetais e pigmentos utiliza-se em barrados, que são pinturas delicadas executadas no rodapé das casas ou no alto das paredes.
<b>ESTERCO BOVINO</b>	Comum em revestimentos; pisos; em raros casos mistura-se em massas para adobe; comum enquanto adubo nos quintais, jardins e hortas.
<b>PEDRA</b>	Fundações; muros; escadas; paredes; fornos; calçadas; suportes no peridomicílio; suporte para lavar roupas; moinhos.
<b>CASCALHO</b>	Misturado ao barro para confecção de muros; usa-se em fundações; fornos; pisos; argamassas.
<b>AREIA</b>	Usa-se em revestimentos; fundações.
<b>BAMBU</b>	Material comum na confecção de forros; cercas; esteiras; cestaria.
<b>FIBRAS VEGETAIS</b>	Fibras vegetais como: capins, sapês, palhas em telhados; somam-se em alguns casos fibras as massas de barro para construções; usa-se em cestarias; artesanatos; colchões; vassouras.
<b>COURO</b>	Acabamentos em forros; amarrações; artefatos de trabalho; artefatos domésticos; movelaria; dobradiças; vestimentas.
<b>FERRAGEM</b>	Ferragens feitas por ferreiros; encontram-se chapas de fogões, pregos, fechaduras, chaves, dobradiças, ferramentas.
<b>FÔRMA DE ADOBE</b>	Feita em madeira, seu uso permite a confecção de tijolos de terra, denominados adobes; existem diferentes tamanhos e é possível confeccionar fôrmas que fazem mais de 1 tijolo por vez.
<b>GOMA</b>	Extraída do processamento da mandioca; além de alimento é comum o uso como grude, uma espécie de cola, que dá liga as tintas naturais e caiagens.
<b>CIPÓS</b>	Comum em amarrações; artefatos.

Tabela 1: Materiais construtivos vernáculos mais citados como de uso na comunidade e processos. Autora, 2018.

### 6.1 Construções com terra

*“Fazer do Simples, o mais Simples” (DONA EVA, 2018)*

O adobe é um elemento construtivo comum na comunidade. De acordo com Weimer (2012) o adobe é conhecido em todos os continentes, a palavra portuguesa adobe vem do árabe *al tob*, há ainda variações apontadas pelo autor como adoba, adova, adove, adovo. Essas variações não se esgotam, encontramos na região designações além as apresentadas como adobo, adobe, adiobe, adrobe, adrobo.

Em uma de nossas visitas de campo, foi possível observar um casal de moradores na confecção do adobe, uma das técnicas construtivas encontradas na região. Eles usaram apenas terra de barranco e água, pois a quantidade de argila, silte, areia e outros componentes presentes na terra, já são suficientes para atingir o ponto esperado de massa e a resistência esperada de um tijolo de adobe. Vejamos algumas imagens com o registro desta feitura de adobes:



Figura 2: Adobe sendo confeccionado por Sr. Valdeil e Dona Marilene – Adjacências de São Gonçalo do Rio das Pedras (MG), região da Fazenda Companhia. Foto: Autora, novembro, 2017.





Figura 3: Adobes prontos para secagem – Adjacências de São Gonçalo do Rio das Pedras (MG), região da Fazenda Companhia. Foto: Autora, novembro, 2017.



Figura 4: Adobes prontos. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, novembro, 2017.

Os moradores utilizaram ferramentas simples, fôrma de madeira, enxada, e o corpo. O barro é amassado com os pés, ato conhecido na comunidade como ato de cozinhar a massa. Depois deste processo a massa é atirada na fôrma, a força empregada tem limite certo para que comprima a massa dentro da fôrma, é natural espirrar massa neste momento. O ponto não é mole demais, nem duro demais, mas consistente o suficiente para quando puxar a fôrma não perder o formato. A cada vez que a fôrma é retirada por eles é passada em água para que a

próxima massa não agarre, depois os adobes ficam expostos até secagem. De acordo com Minke (2015):

A elaboração dos adobes se faz enchendo os moldes com barro de consistência pastosa, ou lançando um barro menos pastoso no molde. São empregados diferentes tipos de moldes. Geralmente em madeira. A mistura é lançada com força no molde, quanto mais força se utilizar ao lançar o barro no molde, melhor será a compactação e resistência. A superfície é uniformizada à mão, com madeira, uma pá ou arame. Uma pessoa pode elaborar aproximadamente 300 adobes por dia, incluindo a preparação da mistura, o transporte e o empilhamento. (MINKE, 2015, P.73)

As narrativas registradas na comunidade em relação ao adobe corroboram com as colocações de Minke (2015) e com Weimer (2012) que fala da maneira de assentar o adobe usando uma argamassa de barro no momento da atividade. Porém Weimer (2012) verifica outras possibilidades que se encontram, em que o adobe pode ser assentado antes de sua secagem completa e assim a amarração será feita naturalmente quando secarem ao lado um do outro. Na imagem seguinte podemos observar dois tipos diferentes, um deles usando argamassa e outro usando encaixes de pedrinhas:



Figura 5: Adobe sendo assentado e revestimento em terra, por Nô Dobradiça. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, novembro, 2018.





Figura 6: Muro em adobe e pedra seca. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, novembro, 2018

Minke (2015) traz dados interessantes sobre o adobe, as construções de adobe datam 8000 a 6000 a.C. Vejamos mais algumas informações:

No norte do Egito, veem-se, hoje em dia, estruturas monumentais de 3200 anos de antiguidade. [...] durante séculos, os índios do povo Taos, Novo México, construíram suas habitações com adobes, utilizando terra do local. O centro histórico da cidade de Shibam, Iêmen, com aproximadamente 20.000 m<sup>2</sup>, foi construído completamente em adobe. A maioria dos edifícios atinge até oito andares de altura e datam do século XV. (MINKE, 2015, P.72)

As construções de adobe não se restringem a grandes monumentos, estão presentes em diferentes culturas, nas construções das populações. No Brasil o adobe segundo Weimer (2012), chegou posteriormente como elemento construtivo, pois nossos sistemas construtivos tradicionais até a invasão do país, eram os sistemas construtivos indígenas, que no Brasil adotavam outras técnicas. Em 500 anos de miscigenação e nova formação cultural se constituiu uma outra construção tradicional vernácula, a partir da fusão de elementos indígenas, europeus, africanos e outras influências decorrentes de imigrações.

Ponto importante aqui é nos perguntar por que designamos que uma arquitetura é colonial, quando na verdade surgiu da fusão de elementos e é, portanto, do povo. Assim podemos questionar, deve-se dar crédito não ao colonizador, mas a nação que a constitui e detém o conhecimento sobre os processos construtivos. Para nós este tipo de classificação da

arquitetura não facilita o entendimento sobre a arquitetura vernácula. Para Weimer (2012) a arquitetura no Brasil é um fenômeno eminentemente cultural e as interações entre diferentes culturas são difíceis de mensurar.

Weimer (2012) descreve inúmeras influências na arquitetura do país relata contribuições: indígenas, ibero-romanas, luso-germânicas, luso-islâmicas, luso-árabes, luso-berberes, luso-açorianas, bantos, sudanesas, holandesas; as contribuições dos imigrantes: alemães, italianos, poloneses, russos, japoneses.

Começaremos aqui pela narrativa de uma moradora que faz um relato detalhado de uma construção desde seus materiais mais primários até os acabamentos mais refinados, como podemos observar:

As construções antigas tinha várias formas....a base da casa não era com cimento e sim era com pedra, valetas eram feitas e enchidas com pedra, pra que essa pedra fosse suporte, em cima vinha um badrame de madeira, esse badrame é que era encaixe dessa madeira esteio isso era um encaixe, nas construções antigas era em cima do badrame, eles trabalhavam com formão, colocava tudo de madeira encaixado....levantava o esteio no badrame, fazia o telhado, com linha e encabreamento e envairamento, hoje fala ripa, era varinha, falava ahhh tá faltando quantas varinhas pra envairar minha casa... Tinha muitas telhas que era de capim, e mesmo se era telha era mais os donos da casa mesmo que fazia...e o capim buscava na mesma terra, sapé,...esse capim tem toda uma técnica, coloca igual uma escama de peixe, depois coloca uma trave, quando chega pra finalizar o teiado aí apara com o tesorão, depois vinha o envaramento das paredes, amarradas de cipó, cada caibro amarrado de cipó. Não tinha prego e nem arame, e era cipó de qualidade boa, pra que ele durasse ó 200 anos, esse cipó não apodrece, era resistente. Depois vinha o bate barro, um de dentro outro de fora, pega o barro mais duro, mais consistente, um bate de cá outro bate de lá, pá pá, depois a segunda base mão com barro mais macia, delicada, pra fazer a segunda passagem de reboco, ainda não é o caiado, é o segundo, o reboco, e o terceiro. É 3 camadas de barro pra vc fazer uma parede. A primeira é bem forte pra cobrir os buraquinho que fica entre o cipó e a madeira, depois vem aquele pra aliviar, aquele rústico, e depois a mão leve, faz aquelas ondas, e as vezes cê fazia uma imaginação ...de um desenho que nem tinha pensado, via um passarinho, uma árvore. ...Depois vem a pintura com a tabatinga, essa tabatinga eles coloria ela com toá vermelho, amarelo, quando queria verde era socada folhas de maracujá, folhas verde escuro....pra tirar as tintas pra poder fazer os barrados, quanto fazia as flozinha vinha com um toá vermelho, as flozinha com folhinha, tudo pintado com toá e o verde com as folhas escuras. Socava no pilão com água e deixava de molho de infusão, no outro dia misturava com a tabatinga e ficava verde, pintava. (E., ENTREVISTA CONCEDIDA EM ABRIL DE 2018)

A entrevistada conta em detalhes cada processo, uma maneira muito rara de se ver na literatura sobre arquitetura vernácula, esta narrativa é sem dúvida uma fonte surpreendente e relevante sobre construção vernácula. A moradora conta todo processo com as madeiras, telhado, parede e revestimento. Neste caso a casa narrada tem paredes de pau a pique, o pau a

pique encontrado na comunidade, como a entrevistada apresenta, é feito de varinhas de madeira amarradas e depois há seu preenchimento. De acordo com Minke (2015):

O barro foi utilizado durante milhares de anos para preencher espaços em habitações construídas com troncos, ou em que a madeira serrada foi colocada horizontalmente em paliçadas (donde os troncos são dispostos verticalmente). Nas habitações onde se usam o entramado tradicional, na Europa (Fackwerk) assim como nas técnicas americanas, africanas e asiáticas de pau a pique, o barro plástico (geralmente misturado com palha picada) é lançado numa esteira de galhos, ramos, bambu e outros. (MINKE, 2015, P.96)

O pau a pique é então técnica disseminada em diferentes territórios, é uma técnica construtiva simples, necessita de poucas ferramentas além da mão, é importante no pau a pique o preenchimento de maneira adequada para que as paredes fiquem resistentes e com acabamento adequado, que evitem fissuras. Para Minke (2015) é interessante que os elementos estruturais, a trama, fique coberta com pelo menos 2cm da mistura, para evitar deteriorações em curto espaço de tempo.

Para Weimer (2012) há ainda algumas variações do pau a pique, que consiste no uso apenas da gaiola de pau a pique, comum em locais mais quentes. Outra variação seria o apoio dos paus no chão e em alguns locais, como relatado, apoiado em baldrame. Como observamos a técnica pode sofrer variações a depender do clima, costume e materiais.

De acordo com Minke (2015, p.96) “As técnicas de barro lançado, foram utilizadas em todos os climas tropicais, subtropicais e temperados do mundo, são provavelmente mais antigas do que as técnicas de taipa e blocos de terra.” Há ainda em São Gonçalo do Rio da Pedras, uma variabilidade construtiva presente nos revestimentos, construções com uso de pedras, e recentemente com a chegada de novos moradores que utilizaram construções de terra, existem registros de novas técnicas em construção com terra, como por exemplo as técnicas de super adobe, hiper adobe, palha enrolada, bricker adobe, cobwood etc.

Em Minke (2015), é possível encontrar além de variabilidades de técnicas construtivas, variabilidade de tecnologias desenvolvidas para facilitar as construções com terra e uma série de testes para auxiliar nas massas e argamassas.



Figura 7: Parede em pau a pique, em reforma. – Adjacências de São Gonçalo do Rio das Pedras (MG), região da Fazenda Companhia. Foto: Autora, novembro, 2017.

As técnicas construtivas vernáculas seguem em transformação e aprimoramento, os moradores adotam ferramentas novas, como podemos visualizar na foto 4, o uso de um cano para dar acabamentos. Criam receitas a partir das que já conhecem e aprimoram os processos de trabalho, aderam a novas tecnologias em terra, quando as identificam como potenciais em seus processos de uso e ao se sentirem motivados ou valorizados alguns retomam algumas práticas de sua cultura, como por exemplo uma moradora que nos contou que está fazendo um ranchinho em que vai manter algumas práticas dos antigos como piso de terra, pois viu que tem quem valoriza e que ela gosta disso e sente falta. Uma outra moradora, ao ser incentivada por um vizinho a manter as atividades em sua propriedade, iniciou a reforma em pau a pique, de seu moinho, como podemos verificar na última foto.



## 7 O SABER E O FAZER: POESIA ETNOGRÁFICA

Costa (1994) nos auxiliou teoricamente no trato com os dados de campo, na profundidade de investigação e nos inspirou. Analisamos a partir das plantas de algumas casas, mudanças e alterações das construções, além de seu significado sociocultural. Costa (1994) contribuiu com a compreensão de que no mundo rural há uma visão ecossistêmica, as construções rurais vernáculas também trazem em si essa visão sistêmica, uma vez que, têm relação simbiótica enquanto natureza, se relacionam intrinsecamente com a terra, o céu, as divindades e os mortais, a quaternidade de Heidegger (2014) a que nos dedicaremos posteriormente.

De acordo com Costa (1994) após uma profunda pesquisa antropológica na Serra da Mantiqueira (MG), entre 1983 e 1987, as construções vernáculas que encontrou na região foram definidas como parte do modo de construir caboclo mineiro. Fazem parte desse universo caboclo mineiro, a cultura rural mineira, que está relacionado ao jeito de se viver, que contempla uma vida no campo, em que há constante produção agrícola, com economia local própria, construções de características vernáculas.

As propriedades são organismos vivos em que o quintal, os animais e o entorno é parte ativa na vida de seus habitantes. Esses habitantes possuem um vínculo com a natureza e se reconhecem nela. Os ciclos da vida são importantes em sua vivência diária e quase sempre a religiosidade e a música estão presentes. O modo de vida caboclo mineiro, evidencia camponês desta localidade, o caipira mineiro. A depender da região altera-se um costume ou outro, porém mantêm-se características semelhantes.

Há semelhanças que ficaram evidentes após nossa pesquisa de campo, em que foi possível perceber traços como os da cultura cabocla mineira, ou seja, evidências camponesas, nas construções de São Gonçalo do Rio das Pedras. Seguem algumas reflexões e registros fotográficos das técnicas citadas, dos elementos simbólicos e plantas de algumas casas.

A construção registrada na foto a seguir pode ser considerada uma construção que contém elementos semelhantes aos da cultura cabocla mineira de acordo com as definições de Costa (1994), nos chamou a atenção quando identificamos nesta construção que sua disposição e divisão de cômodos detém alguma semelhança com a casa registrada por Costa (1994) de João Juca.



Figura 8 : Fôrma de adobe, feita por Sr. Valdeil e Dona Marilene – Adjacências de São Gonçalo do Rio das Pedras (MG), região da Fazenda Companhia. Foto: Autora, novembro, 2017.



Figura 9: Casa de Sr. Valdeil e Dona Marilene – Adjacências de São Gonçalo do Rio das Pedras (MG), comunidade do Engenho. Foto: Autora, novembro, 2017.

Nas plantas arquitetônicas registradas em nossa pesquisa não realizamos medições e não utilizamos escala, mas temos aqui um registro muito relevante do ponto de vista histórico e simbólico. Nas imagens a seguir, podemos verificar as semelhanças construtivas, a partir das plantas baixas de ambas as casas.



Figura 10: Planta baixa, da casa de Sr. Valdeil e Marilene. Fazenda Companhia nas adjacências de São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Imagem: desenhada pela autora, 2018. Adequação e digitalização: Marcela Bergamini, Arteliê, 2018

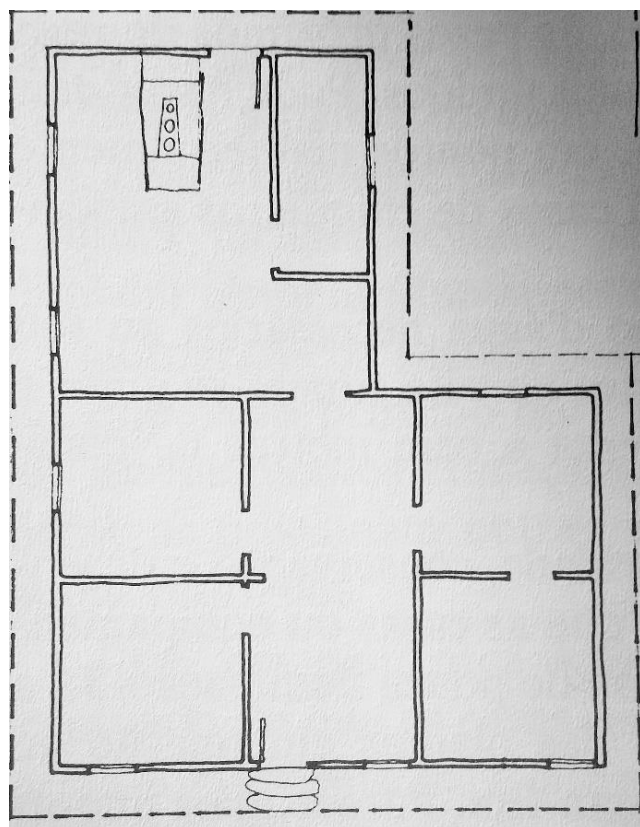


Figura 11: Planta baixa, da casa demolida de João Juca. Imagem: COSTA, 1994, p.90.

A parte interna tem desenho parecido, as fachadas são diferentes, mas se assemelha em alguma medida às características gerais descritas no seguinte trecho:

Boa parte dessas casas são enfeitadas por pequenos e graciosos alpendre, elevados, ao nível do assoalho, projetados da fachada principal, cobertos por um puxado de telhado e ligados ao chão por uns poucos degraus de madeira, que às vezes podem ser de tijolos ou pedra. São sempre equipados de guarda-corpo e corrimão com gradil de madeira. Singelíssimos, muitas vezes com menos de um metro de largura, esses quase decoros dão graça especial à composição final da arquitetura e são características do modo de construir caboclo mineiro. (COSTA, 1994, p.103)

Percebemos as mesmas características também no ambiente interno, vimos com muita semelhança outras descrições feitas por Costa (1994) como a saleta pequena, com poucos móveis, apenas com elementos dependurados, ou caixas, os cômodos pequenos exceto a cozinha. A maneira como o quintal e terreno se fazem extensão da casa, a relação intrínseca com o rio, com o sol, a terra também revelam as características camponesas.

Todas essas características foram citadas por Costa (1994) e identificadas de maneira muito semelhante ao que foi encontrado nesta na casa. Infelizmente a casa descrita por Costa (1994) havia sido demolida e mas outra surgiu em seu lugar, com características parecidas. Percebemos que essa mudança também tem surgido em São Gonçalo do Rio das Pedras, já não há tantas casas com essas características como a casa da foto 8, muitas foram demolidas, ou caíram com o tempo, mas muita coisa se mantém na essência das construções, mesmo que se modifiquem materiais e pequenas disposições.

Esta casa pertence a uma família da região, está localizada na Fazenda Companhia nas adjacências de São Gonçalo do Rio das Pedras, foi adquirida pelo pai do atual morador em 1963. A família residiu nesta casa, mas recentemente os moradores também possuem uma casa em São Gonçalo do Rio das Pedras e dividem a rotina durante a semana entre as duas casas.

A casa, o paiol e o engenho são de pau a pique, madeiras estruturais, portas e janelas em madeira, varanda em madeira, alicerce em pedra e madeira, já foi alterado recebendo reforço em concreto nas sapatas. Foi rebocada com materiais naturais, caiada com tabatinga, a tabatinga também é presente na cozinha da casa no revestimento do fogão. A casa possui chão batido e um banheiro em bloco de concreto, construído mais recentemente. O telhado da varanda sofreu modificações ganhando ripas no lugar de varinhas. A fôrma de adobe da foto 8, é instrumento dos moradores que têm como ofício a feitura de adobes para terceiros, a fôrma foi confeccionada por eles.



Relatam que aprenderam com os antigos a feitura do adobe, conhecem desde o corte do barranco, que é como se tira o barro, a forma de pisar o barro, a textura, o jeito de bater na fôrma, o clima adequado para a feitura do adobe, a maneira de secar e também de armazenar. Utilizaram outros conhecimentos quando reformaram partes da casa em pau a pique.



Figura 12: D. Marilene, ao pé do fogão caiado cuidadosamente com tabatinga. Adjacências de São Gonçalo do Rio das Pedras (MG), comunidade do Engenho. Foto: Autora, novembro, 2017.

Aqui podemos perceber o zelo pela cozinha e o cuidado com o fogão. Quando perguntada se naquele dia havia caiado o fogão a moradora afirmou que sim, com um largo sorriso no rosto. Há na cozinha um espaço feito em madeira para pendurar de maneira organizada os talheres, há uma estante com as panelas bem brilhantes e organizadas, e outros utensílios de cozinha como canecas, copos, etc. Há uma relação muito forte com a cozinha.



Figura 13: Casa Fazenda Companhia, parte externa, porta da cozinha. Adjacências de São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, novembro, 2017.



Figura 14: Forno, casa do Sr. Adão e família. Feito com barro, porém possui em sua estrutura pedra e tijolo de cerâmica industrial, caiado com tabatinga. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, arquivo pessoal, 2017

O forno também é elemento simbólico do que podemos chamar de modo de construir caboclo mineiro, mas está também presente em outras culturas caipiras, faz parte da casa como uma extensão e está relacionado ao trabalho, ao cuidado e aos laços afetivos culturais. Neste mesmo local deste forno de farinha da foto 4, há também um forno de quitanda, também feito de barro e barreado em tabatinga branca. Costa (1994) descreve como costumavam ser os fornos que encontrou na Serra da Mantiqueira:

Os fornos podem estar abrigados em pequenos terraços construídos em continuidade ao telhado dos fundos ou em telheiro próprio de uma só água, ao lado da porta da cozinha. Grandes com mais de um metro de diâmetro, feitos de barro, são alimentados pela queima de madeira no seu interior. Quando a lenha está reduzida a brasas, são introduzidas roscas, pães, quitandas variadas ou frangos e leitoas. Tapa-se a boca com uma tampa própria de madeira escorada por um caibro; depois é só controlar o tempo de cozimento. (COSTA, 1994, p.106)

Nesta casa, de um dos moradores, é desta maneira que os fornos estão dispostos, um próximo a porta da cozinha, e outro ao fundo do quintal com cobertura própria. É costume preparar na casa do Sr. Adão biscoito de goma, quitandas e a farinha de mandioca. Há ainda prensa para retirada do polvilho e preparo de goma e há os caixotes de madeira que medem as



quantidades de farinha. Segundo relatos dos entrevistados normalmente a confecção dos fornos de barro são feitos por mulheres. A seguir a quarta de farinha e o racho de ferramentas.



Figura 15 e 16: Espaços de trabalho. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, maio, 2018.

Os espaços de trabalho no entorno da casa são comuns, bem como as criações de animais e cultivo de horta. Na figura 16, registrou-se a parede pintada com tabatinga e em baixo, na pintura em azul claro, observa-se o que é considerado um barrado. Em casos raros, encontramos também este tipo de detalhe na parte superior da parede.

Segundo relatos de entrevistados essas pinturas quase sempre são feitas de maneira bem delicada e com cores variadas adquiridas da mistura de tabatinga com pigmentos vegetais ou minerais. É comum o desenho de flores ou a pintura homogênea da barra como na imagem anterior.

Uma das entrevistadas fala do carinho que é necessário em uma casa e que tudo deve ser feito com zelo e capricho. Há um cuidado estético presente não somente nos barrados, mas também no jeito de fazer os fornos, ranchos, casas, espaços de trabalho, utensílios domésticos, nos artesanatos, no quintal e nos espaços internos como observamos na cozinha da figura 12.

De acordo com os relatos os barrados são uma prática hoje pouco encontrada. Nas imagens seguintes observamos duas construções vernáculas com este aspecto pictórico, com

um registro do detalhe gráfico na parte superior de uma das casas e outra com uso de cores na fachada da casa.



Foto 17 e 18: Detalhes gráfico na parte superior da casa e fachada em diferentes cores. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, maio, 2018.

Observamos nas construções as portas e janelas em madeira, as técnicas de pau-a-pique ou adobe, o cuidado estético com a pintura, caiagem e organização do espaço interno e quintal das moradias. Porém também é comum nas entrevistas o relato de que a manutenção tem sido difícil pela falta de interesse dos jovens e de pessoas que trabalhem com este tipo de construções e com manutenção. Sobre este aspecto a entrevistada C.O (2018) afirma: “Os velhos não estão aguentando mais e os jovens não querem. Os jovens têm muita falta de interesse.”

A seguir imagens do forno da mesma entrevistada que conta sobre o forno. Diz que não está sendo muito usado no momento, mas que gostaria muito de arrumá-lo para continuar usando. Podemos verificar que é um forno grande e que tem como elemento principal construtivo a terra. A entrevistada contou que a estrutura em abóboda foi toda feita com cacos



de telhas antigas e terra, depois deste processo, segundo a entrevistada, o costume é barrear com terra e depois com argila branca.



Figura 19: Forno, casa de Dona Conceição. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, maio, 2018.



Figura 20: Forno, casa de Dona Conceição. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, maio, 2018

A entrevistada contou sobre o processo com a tabatinga, desde o preparo da argila até a caiagem, vejamos a seguir:

“Com tabatinga não enfumaça igual tinta, minha cozinha é de tabatinga, mistura só água, o barro põe de molho pra tirar o torrão, aí na véspera ou de manhã, se for pra usar mais tarde, aí deixa de molho, depois do molho vai mexendo com a mão pra desmanchar, aí cozinha o grude, que é um pouco de polvilho, a gente chama de goma. Coloca um punhado de goma molha com água fria e depois faz o mingauzinho sem embolar, se não vira caroço. Ele lisinho você coloca no meio da tabatinga, se você não colocar isso, solta tudo na mão. Tem que passar na parede ela mais ralinha. No fogão dá mais manutenção não precisa colocar o grude não, mas é bom pra não sujar a gente na hora de sentar, encostar. O grude é como uma colinha, minha mãe fazia o grude pra colar umas florezinhas de papel, punha no pires e colava, que a gente num tinha cola. Fazia flor pra Nossa Senhora. (C.O., ENTREVISTA CONCEDIDA EM MAIO DE 2018)

Conta também do pai que fazia capas de faca, bainhas de couro, diz fazia muito. São coisas que a gente lembra né...ele fazia e já colocava as faquinhas e deixava pra vender. Podemos verificar a intimidade com que a entrevistada relata o processo, destacando em detalhes como é elaborado e manifesta gosto pelo uso da tabatinga. Contou ainda sobre a mãe e o pai com carinho, no momento em que contava este processo, o que deixa transparecer este senso de unidade pertencente ao camponês, que tem suas atividades interligadas. Ainda sobre a tabatinga a filha da entrevistada, que também fez parte da pesquisa, completa dizendo que não pode passar muito grossa para o revestimento não descascar.

A imagem seguinte é uma das réplicas de casas típicas da região, feita em madeira e pintada a mão, este trabalho artesanal é feito pelo companheiro da entrevistada. Durante a entrevista, a dona da casa mostrou alguns trabalhos do companheiro nos mostrou o espaço de trabalho onde são confeccionadas as casinhas.



Figura 21: Miniatura de casa, em madeira. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, maio, 2018.

Quando as entrevistadas, mãe e filha, são perguntada sobre preconceito afirmam que já ouviram falas dizendo que o adobe é mais fraco, que dura menos, se for chuva é mais perigosa de cair, porém elas discordam. A filha conta que o muro de sua casa foi reformado, com ajuda de novos moradores que sabiam a técnica e ajudaram, diz que foi um encanto, todo mundo ficou encantado, a mãe ficou encantada e que o revestimento feito em seu muro de adobe está em perfeito estado e gastou pouco material na execução. A entrevistada C.O (2018), fala na sequência cheia de alegria: “Eu fiquei satisfeita né, pude manter a tradição né...não teve que modificar né, a gente não pode deixar acabar as coisas.”

A partir de algumas entrevistas e falas como as que contemplamos acima, chegamos uma reflexão interessante, a tradição, o fazer, o saber e não estão contidos. Temos o estranho impulso de entender o mundo de maneira linear, de entender história como algo linear, mas na prática isso não é uma verdade. Bem, vejamos o caso acima os jovens da comunidade foram apontados como desinteressados, mas há outros jovens interessados. Logo há jovens interessados. Esperamos muitas vezes a continuidade dos processos tradicionais dentro das famílias, comunidades e grupos, o que é interessante e desejável, mas eles extrapolam este limite. Neste sentido a continuidade pode nos surpreender, pois a tradição é dinâmica.

Se observarmos as cidades, comunidade, vilas, metrópoles iremos ver muitos aspectos de diferentes tradições permeando outras tradições e permanecendo na dinâmica de vida de todos nós. É claro que há enfrentamentos variados que não podemos nos esquecer e vamos falar em outro tópico. Porém este fato de pensarmos desta forma, é por si só um dos enfrentamentos, o fato de não ter jovens interessados em dar continuidade em suas tradições, é outro. Diante desses desafios, precisamos ampliar os olhares e leituras sobre o mundo, assim potencializamos as brechas existentes de resistência frente a outras dinâmicas que vem sufocando conhecimento como os fazeres e os saberes da arquitetura vernácula.

Aqui podemos uma gama de conhecimentos em relação a arquitetura, e a uma arquitetura muito inteligente, que se adapta a o local, tanto em termos de materiais, quanto em termos de condições de clima, com viabilidade econômica e diálogo social. São construções saudáveis e que perduram por muitos e muitos anos. A durabilidade do material é inquestionável se houver desde o início um cuidado no fazer, e se houver manutenção adequada.

A arquitetura vernácula manifesta conhecimentos endógenos e tradições construtivas que a milênios possuem forte resiliência e potencial integrador entre comunidades, pois muitos de seus processos se dão na coletividade e nos aspectos culturais e simbólicos.



Figura 22: Elementos Simbólicos. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, novembro, 2017.

Durante trabalho de campo foi possível notar diversidade de elementos simbólicos presentes em algumas casas das comunidades, como podemos verificar em algumas imagens apresentadas e especificamente na figura 22. Na casa localizada na Fazenda Companhia registramos um embornal, elementos religiosos, e um ninho de passarinho que em relato do morador ficou evidente o carinho e representatividade em sua vida, disse que há 3 anos deixa o ninho no mesmo lugar e aguarda pelo momento da chegada dos pássaros. Também nos explicou com muita paciência sobre os caixotes de madeira que servem para medir a quarta, meia quarta e demais quantidades de milho, farinha, etc. Ficou evidenciado que esses materiais possuem uma relevância para além de meros objetos. Possuem significado afetivo e cultural, fazem parte da essência rural.

Em outra entrevista, uma moradora nos conta que um elemento muito comum que ela sempre notou foi o cabideiro perto da entrada. Também avistei um cabideiro na casa que visitamos na Fazenda Companhia. A cozinha também é um ambiente onde fica evidenciado o contexto simbólico de alguns elementos, como o próprio fogão e a disposição dos utensílios, muito semelhantes em ambas casas visitadas. A moradora relata que a cozinha é um ambiente central, de muita importância em sua cultura. Em alguns relatos fica evidente a intimidade com os materiais e o conhecimento empírico e sistematizado que alguns moradores e moradoras detêm. Bo Bardi (1992) percebe com sensibilidade esta relação na seguinte afirmação:



O homem do povo sabe construir, é arquiteto por intuição, não erra; quando constrói uma casa a constrói para suprir as exigências de sua vida; a harmonia de suas construções é a harmonia natural das coisas não contaminadas pela cultura falsa, pela soberba e pelo dinheiro. Os homens médios não sabem construir. A pseudo cultura, o desejo de sobrepujar, e o dinheiro desfiguram o intento da arquitetura. A casa não reflete mais a vida, mas sim um conjunto de preconceitos, de aparências e convenções; a arquitetura burguesa torna-se assim a direta responsável pela insuficiência do homem contemporâneo. (LINA BO BARDI, 1992, p.7)

No trecho seguinte uma das entrevistadas confirma o domínio que possui dos processos inerentes ao adobe:

“I: Aí eu olhei pro barro dele e falei, ô fulano esse barro seu tá cru. Aí ele riu e falô comigo assim: não I, mas ele não é pra forno. I: Ele tá cru de pisar, na hora que cê põe ele ele tá froxo. (Ele tava pondo e o negócio tava froxo). Aí ele olhou pra mim e falo assim, mas eu já fiz isso muito, já coloquei outras coisas, acho que é a terra... I: Não, não é a terra, é porque seu barro ele tem que tá cozido. Aí ele falou cozido? I: Ele sabia! Mas sabe quando te dá um branco. I: Não, cê não massô direito, é igual um bolo, se ele não tiver bem batido ele não vai crescer. Cozinha no pé. Cê tem que cozinhar o barro no pé, se for fazer tem que cozinhar no pé, se for rebocar casa tem que cozinhar no pé.” (I., ENTREVISTA CONCEDIDA EM JANEIRO DE 2018)

Os entrevistados e entrevistadas relatam em detalhes a lida com os materiais e os processos inerentes a técnicas vernáculas de construção, relatam também algumas técnicas já não são comumente vistas em São Gonçalo do Rio das Pedras. A entrevistada nos mostrou em entrevista uma foto que encontrou, feita por outra pessoa, em que 2 casas são registradas na década de 80, com telhado em capim e paredes em pau a pique. Este material é um capim que era muito utilizado na comunidade, um capim específico da região. Em outra entrevista um morador relata que já não há casas com este tipo de telhado em São Gonçalo do Rio das Pedras, e que a casa de seu pai também tinha um telhado assim, relata ainda que é muito difícil achar, mas que na região, no entorno pode ser que ainda ache alguma casa.

Outro aspecto curioso e muito valioso relatado pelo morador foi que há diferença entre telhado de palha, capim e piaçava, que não são iguais, os materiais são específicos em cada um desses telhados. Falou da dificuldade de encontrar os materiais, e também frisou a dificuldade frente às leis ambientais. Disse ainda que compreende, mas que por outro lado muita coisa não se pode fazer mais, questiona também o fato de que quando morava em outro local mais afastado e em meio a natureza, e em um tempo que não existiam essas lei, ele não via a escassez que percebe hoje, diz que hoje não chove como chovia, os rios tem secado e antes

tinham tudo e com fartura. A situação ambiental por vezes foi mencionada em diversas entrevistas, em alguns momentos levou à outras conversas em relação a água, uso da lenha, exploração de recursos naturais e outras dificuldades enfrentadas atualmente.

Percebemos que há algumas interferências que alteram significativamente a relação dos moradores e moradoras com seus saberes e fazeres na arquitetura vernácula, as leis ambientais foram uma delas, e aceleraram o uso dos materiais industriais como alternativa, uma vez que não podem mais utilizar materiais antes comumente retirados na comunidade, como por exemplo madeira e argila. Mas outros fatores também foram levantados. Em uma das entrevistas um fato curioso apontou que alguns projetos na década de 80/90 relativos a construções de casas para famílias também foram responsáveis pela intensificação do uso de materiais industriais, externos à comunidade e em alguns casos determinaram a planta das casas, segundo relato de uma das entrevistadas. Mas também incentivou o uso da terra enquanto material construtivo principal e os mutirões como forma de organização para beneficiar as famílias.

A seguir imagem de 2 plantas baixas ainda em fase de confecção. A primeira planta é referente à uma antiga casa adquirida pela família de uma das moradoras entrevistadas, a casa já não existe mais, porém muitos materiais foram utilizados na segunda casa da família, que foi feita com auxílio deste projeto da década de 80/90.



Figura 23: Planta baixa, da casa da família de Izaura, feita com base no relato da entrevistada. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, novembro, 2017.

Como podemos ver na figura 23, a casa possuía muitos cômodos, segundo relato a casa era toda em pau a pique amarrada com cipó, feita com alicerce de pedra com terra, baldrame de madeira, caiada com tabatinga. A moradora contou que não havia banheiro na casa, não era comum ter banheiro em casa. Somente em 1990 quando a casa nova foi construída é que veio a ideia de banheiro, a partir do projeto assistencial que chegara à São Gonçalo do Rio das Pedras. Mesmo assim conta que como era muito caro, o cômodo banheiro ficou pronto estruturalmente na segunda casa, mas só veio a ser terminado e ser usado como previsto em 2005.

Esta primeira planta acima é de uma casa adquirida pela família da moradora em 1977, a casa sofreu modificações, principalmente pela ação do tempo, como não houve reformas, segundo a moradora pela dificuldade em dar manutenção, a casa foi perdendo cômodos pouco a pouco, a indicação na figura dos quarto 1 e 2 são para sinalizar cômodos que caíram, a cozinha também estava em ruínas e a família ocupou a saleta como cozinha. A entrevistada afirma que essa casa provavelmente já fora bem maior, pois se lembra de muitas ruínas no entorno. Toda a planta foi rememorada e feita conjuntamente conosco durante a pesquisa de campo. A entrevistada se emocionou muito enquanto narrava sobre a casa e lembrava de suas acomodações e histórias vividas na casa.

A segunda planta, que trazemos a seguir, é de uma casa onde a entrevistada morou com sua família até se mudar para sua própria casa. A mãe da moradora reside nesta casa ainda hoje e também faz parte das pessoas que têm contribuído para que essa pesquisa aconteça. Esta segunda casa foi construída com o auxílio de um projeto assistencial que chegou na comunidade entre a década de 80 e 90. A planta da casa foi executada por gestores do projeto naquela época. A família participou da construção, principalmente a mãe e o pai, com mais um construtor responsável e ajuda de outras famílias beneficiadas que participaram de mutirões de construções dessas casas.

De acordo com a moradora a casa foi feita em adobe, feitos por seu pai, a família reutilizou muitos materiais da primeira casa (casa antiga), mas o projeto ofereceu também cimento, vitrôs e introduziu na planta da casa o banheiro. Podemos entender melhor a partir de um dos relatos:

Foi um construtor que chama Joaquim de Santos, em mutirão que minha casa foi feita em mutirão. Aqui teve uma época que algumas famílias que tinham necessidade faziam...tinha uma associação, chamava associação é... deixa eu lembrar...ação social, essa ação social era pra ajudar família em vulnerabilidade, que tinham muitos filhos, principalmente foco na questão de construção de moradia. Então as casas da Vila Nova todinhas elas já passaram

por reforma...ainda que não passou por reforma, depois foi minha mãe...mudou alguma coisa mais nem tanto. Foram umas 8 famílias contempladas no sistema de mutirão, então assim, tinha um dinheiro, um valor x, que chegou de uma companhia dos capuchinhos eu não sei quem são, mas ligados a igreja católica, eles doaram um valor inicial pra comprar cimento e pagar o pedreiro, mas a família tinha que tá com tudo, todos os outros materiais ali em mãos. Então tanto que as pedras, cascalho minha mãe buscou tudo na cabeça no rio, os adobes meu pai fez tudo no quintal, madeira veio tudo da roça da minha vó né e assim trocando dia de serviço com outros que também foram contemplados com a casa. (I., ENTREVISTA CONCEDIDA EM JANEIRO 2018)

O uso de cimento na comunidade é algo muito recente, tem em média 20/30 anos, porém de acordo com a moradora é como se em 5 anos São Gonçalo tivesse vivido 50 anos, pois tiveram mudanças significativas e rápidas em sua paisagem e cultura. Hoje o material já é visto com frequência nas construções, bem como outros materiais como ferragens, blocos industriais etc.



Figura 24: Planta baixa da segunda casa da família de Izaura. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG), feita com base no relato da entrevistada. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, novembro, 2018.

Costa (1994) apresenta uma reflexão de como o modo de construir caboclo mineiro está diretamente relacionado com os conhecimentos endógenos, saberes locais e materiais naturais, apresenta como neste modo de construir o construtor se percebe como parte do espaço e o ocupa de maneira a compreender suas interações com este espaço, suas necessidades,



trazendo para dentro de sua habitação o sol, o rio, a terra, o simbólico, e a si mesmo como parte também desta construção. Em sequência apresentam-se reflexões teóricas a fim de compreender mais profundamente o que está em jogo nas relações atuais com as construções rurais vernáculas.

### 7.1 Mescla

Nos registros seguintes evidencia-se o que consideramos uma mescla, um muro de bloco feito sobre uma antiga parte em pedra, construção muito comum na comunidade, principalmente em muros e alicerces, em sua maioria estruturado com encaixes em pedra, sem o uso de argamassa industrial. Porém atualmente é possível encontrar mesclas como essa da imagem, em que a base já existente é utilizada para dar suporte à uma parte nova feita com materiais industrializados encontrados hoje em dia mais facilmente na comunidade, em casas de material de construção.

Encontramos na comunidade o uso da pedra em construção mesclando o modo antigo com um modo novo, em que uma face usa pedras e encaixes e na outra face usa-se o cimento para união das pedras, como verifica-se na figura 26 em contraposição ao processo mais antigo presente na figura 27. Encontramos também casas que ganham ao longo do tempo intervenções que mesclam as técnicas e materiais antigos, com materiais novos, como por exemplo algumas casas ou construções antigas em que é possível percepção da estrutura em adobe ou pau a pique e o revestimento em cimento, ou alicerce em cimento e estrutura de adobe, etc. São encontradas combinações diversas, registramos esses processos nas figuras 28, 29 e 30.



Figura 25: Muro de bloco de concreto sobre pedra. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, fevereiro, 2018.

De acordo com algumas observações e entrevistas, parte da diversidade estética e da diversidade de materiais hoje utilizados também aconteceram por motivos diversos, como chegada de materiais de construção industrializados, retorno de moradores que foram para outras cidades e voltaram com outras estéticas para as construções, pessoas de outras cidades que fixaram residências na comunidade e também acrescentaram outras formas de construção e materiais. Podemos verificar algumas diversas maneiras do fazer nas imagens seguintes:



Figura 26: Muro de pedra com uso de pedra e cimento. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, fevereiro, 2018.



Figura 27: Alicerce em pedra seca. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, fevereiro, 2018.





Figura 28: Muro em adobe, revestido com terra e cal na parte superior e com cimento na parte inferior. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, fevereiro, 2018.



Figura 29: Casa em pau a pique com revestimento lateral em terra e cal já em fase de deterioração. Não foi recentemente reformada, ao contrário da fachada, reformada a pouco tempo. Está com revestimentos em cimento e tinta industrial. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, fevereiro, 2018.



Figura 30: Casa de adobe com novas fiadas de tijolo, com utilização de tijolo cerâmico industrial. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, acervo pessoal, 2017.



Figura 31: Casa de adobe com novas fiadas de tijolo, detalhe do encontro de materiais. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, acervo pessoal, 2017.

Em entrevista com um dos moradores, quando perguntado sobre esta estrutura que havia feito há um tempo atrás ao lado da casa em que reside, afirmou que manteve a estrutura de adobe por considerá-la muito forte, mas em alguns momentos ele falou da praticidade dos materiais encontrados nas casas de construção. O portal construído à frente da casa está recebendo um muro novo também em alvenaria industrial. O entrevistado relata que embora haja facilidade com esses materiais novos, há uma saudade do tempo antigo, quando ele morava em uma outra comunidade com seus familiares, e também do tempo em que sua casa em São Gonçalo do Rio das Pedras, era de chão batido e revestido com tabatinga, como podemos verificar no trecho seguinte:

“A: Cê sabe as coisas vai mudano, é...num sei se vai ficando mais fácil, num sei, num sei, sabe... ou...cês nunca chegaram de morar numa casa assim de chão batido não, nunca chego de morar né? Pesquisadora: a gente...já moramo, já moramo. A: Sabe, eu me lembro assim menina que passava um barro, uma tabatinga no chão, que a gente fala barro né, mas na verdade era tabatinga, aquilo ficava tão branquinho, tão bonito sabe, gostoso demais sô! Aquele... dava aquele cherinho sabe, de terra, era gostoso sabe! Só que é mais trabalhoso, na verdade é mais trabalhoso, tem que dá uma manutenção, mas num sei era gostoso demais. Pesquisadora: Dá saudade? A: Dá saudade demais, da saudade!” (A, entrevista concedida em fevereiro, 2018)

Uma evidência nas entrevistas é a memória afetiva em relação às construções vernáculas, ao uso do barro, ao vínculo com a terra, e a simplicidade vinculada à uma felicidade de um tempo em que se tinha o que era necessário para a moradia. A partir de observações e relatos durante o estudo percebemos que há uma inteligência construtiva relevante. As pessoas não substituem os materiais facilmente, ou sem reflexão, elas preservam aquilo que julgam



eficiente, quando mudam de material fazem avaliações comparativas e sobretudo em São Gonçalo do Rio das Pedras, é possível perceber que aspectos construtivos estão presentes para além do material. Mantém-se, como podemos visualizar nas imagens a seguir, aspectos da arquitetura local, mesmo quando se modifica ou se mescla materiais.



Figura 32: Casa com diferentes materiais e aspectos da arquitetura local. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, maio, 2018.



Figura 33 e 34: Casa de Dona Helena após reforma, uso de materiais externos, aspectos arquitetônicos mantidos. Dona Helena, cuidando do quintal. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, dezembro, 2018.



Há também na comunidade novas construções, de novos residentes da comunidade, que vieram recentemente de outras localidades que utilizam de técnicas antigas e materiais vernáculos, além de algumas mesclas na construção de casas. Podemos verificar na foto a seguir, casa construída em pau a pique, adobe e outras diferentes técnicas vernáculas. Porém a casa também possui alicerce de pedra com cimento e piso de cimento queimado, assim conseguimos perceber que também há mescla de materiais locais e materiais industriais em novas construções, embora permaneçam em maior presença as características vernáculas, como podemos ver na foto 30.



Figura 35: Casa com técnicas construtivas vernáculas e alicerce de pedra e cimento. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Acervo do Instituto de Permacultura Ecovida São Miguel, 2016.



Figura 36: Casa com técnicas construtivas vernáculas. Espaço de multiplicação de técnicas vernáculas, visita técnica UFVJM. Parte interna. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Sítio Céu e Terra, 2018.

Alguns entrevistados apontaram que iniciativas como as da imagem acima são positivas, outros apontam certo estranhamento e dizem ser estranho, por ser diferente. Alguns afirmam ainda que pessoas de fora que estão na comunidade utilizando-se desses modos construtivos porque já vivenciaram a modernidade, apartamentos, vida na cidade etc.

Um dos entrevistados fala que aprendeu novas técnicas construtivas em uma obra que estava encarregado e avalia experiência como positiva, embora alegue que acha muito mais caro e que ele mesmo não teria como fazer a casa dele, preferiria da forma como é de alvenaria industrial, por acreditar ser mais barata. O entrevistado que tem em média 40 anos de idade, é um dos especialistas em construções com pedra na comunidade. Contou que aos 18 anos de idade foi incentivado por Martin Kuhne, já falecido, a construir uma parede de pedra, ele nunca havia feito, mas assumiu o compromisso e hoje é referência neste tipo de construção, constrói também em adobe, atualmente trabalha com novas tecnologias construtivas com terra, uma delas a de terra ensacada, chamada super adobe.

Há ainda moradores que vieram de outras cidades, antigos moradores que saíram para outras cidades e depois voltaram para a comunidade e trouxeram consigo muitos elementos e formas de construir com inspirações urbanas e materiais industriais. Registradas nas imagens que seguem. Porém na última imagem desta seção, um aspecto interessante, o fogão a lenha do lado de fora construído com materiais vernáculos.



Figura 37: Casa em bloco de cerâmica industrial, cimento e ferragem. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Autora, 2018.





Figura 38: Fachada de uma casa, aspectos construtivos diferentes dos tradicionais. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Acervo Pessoal, 2017.



Figura 39: Fachada de uma casa em sua maioria, materiais construtivos externos. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Acervo Pessoal, 2017.



Figura 40: Detalhe da casa acima, fogão a lenha de madeira e terra, revestido em tabatinga, aspectos vernáculos e materiais construtivos externos. Em São Gonçalo do Rio das Pedras (MG). Foto: Acervo Pessoal, 2017.



## 8 A INTERFACE DO HABITAR

*"É preciso dizer então como habitamos nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num canto do mundo."(BACHELARD, 1978, P.201)*

Pode-se dizer que definir o que é habitar não é tarefa simples, alguns pensadores desenvolveram reflexões acerca do habitar. Pretende-se aqui uma reflexão sobre alguns apontamentos filosóficos de Martin Heidegger e do antropólogo Tim Ingold, ambos com um arcabouço teórico intenso.

O exercício é de lançarmos um olhar em relação ao que expõe tais pensadores e expor o diálogo reflexivo que contribui para pensarmos em uma perspectiva mais ampla, as construções com materiais locais em São Gonçalo do Rio das Pedras, que podemos chamar de arquitetura rural vernácula. São construções estabelecidas com técnicas que a muitos séculos estão presentes em nossa cultura, e que utilizam dos recursos disponíveis onde se vive, como por exemplo a terra, a palha, a pedra, entre outros materiais. Segundo Weimer (2012) a arquitetura popular com materiais naturais é criativa, possui adaptabilidade, é dotada de simplicidade, plasticidade e possui vínculo com a natureza. Em São Gonçalo encontram-se variados tipos construtivos vernáculos como pau a pique, adobe, pedra seca, carpintaria rústica, uso de fibras naturais em forros, telhados etc.

As construções vernáculas pressupõem um conhecimento autóctone, um envolvimento intrínseco entre ser humano e meio de vida. Analisa-se a seguir como o Habitar é possível a partir deste envolvimento e entendimento de unidade necessário para uma vida autônoma e dotada de essência.

Martin Heidegger pondera pontos muito interessantes em sua conferência em 1951, de nome "Construir habitar pensar" ("Bauen Wohnen Denken"). Heidegger (2014) define que o habitar está intrinsecamente relacionado ao que ele chama de quaternidade (céu, terra, divindade e mortais), afirma que construir é em si habitar e que o lugar se difere de espaços, uma vez que, lugares são habitados e espaços podem ser apenas extensões, caso não perpassam a quaternidade. Para Heidegger (2014), há uma crise tão grave quanto aos problemas maiores relacionados a habitações, é que não sabemos mais habitar. Habitar para Heidegger está vinculado ao cuidar, ou seja, zelar, resguardar, demorar-se. Entende-se que a chave desse cuidar é no sentido de ter tempo.

A quaternidade resumidamente na colocação de Heidegger (2002) tem a terra como sustentação, a que frutifica, a da fauna, flora, das pedras das águas. O céu como aquele que traz

o sol, a lua, a passagem do dia, a claridade, a escuridão, as mudanças climáticas, estações, cores. Os divinos dão sinais de divindade e através do sagrado se manifestam ou se retiram. Os mortais são os homens, em sua capacidade de morte como morte, que estão entre a terra e o céu e diante das divindades.

Para Heidegger (2014, p.3) “Esta unidade dos quatro, chamamos de quaternidade. Os mortais estão na quaternidade ao habitar. O viés fundamental do habitar é o cuidar (zelar por). Os mortais habitam no modo como cuidam da quaternidade em sua essência.”<sup>1</sup>

Cuidar da quaternidade é estar com quaternidade, é compreender cada parte dessa unidade em sua essência, é respeitar e unir-se a quaternidade se entendendo como parte dela. Assim, a terra não é um fim para exploração, os tempos não devem ser invertidos e manipulados pelo relógio, dia é dia, noite é noite, cada estação é uma com potenciais diferentes. Para Heidegger deve-se compreender a terra como terra, céu como céu, as divindades como as divindades, ser capaz da morte como morte na sua essência. É cuidar da vida pelo que é, e não formatar pelo que não é. Retomemos essa reflexão, o quão ligados a quaternidade (Terra, Céu, Divindades, Mortais) nós estamos? Em que medida nos afastamos dela e da essência das coisas?

Diante desta maneira de compreender o habitar, Heidegger (2014) afirma que a autenticidade revela a essência, mantendo a autenticidade se habita, por assim estar preenchido de quaternidade. O habitar transcende o material. Tomaremos isso mais a frente com as contribuições de Ingold (2015). São Gonçalo do Rio das Pedras e suas adjacências, está localizada no município de Serro (MG), na cordilheira do Espinhaço Mineiro, cabeceira do Rio Jequitinhonha. Este estudo tem se dedicado a escutar as narrativas de moradores desta região sobre suas construções com materiais locais, que podemos chamar de arquitetura vernácula. São construções estabelecidas com técnicas que a muitos séculos estão presentes em nossa cultura, e que utilizam dos recursos disponíveis onde se vive, como por exemplo a terra, a palha, a pedra, entre outros materiais.

Cuidar da quaternidade é estar com quaternidade, é compreender cada parte dessa unidade em sua essência, é respeitar e unir-se a quaternidade se entendendo como parte dela. Assim, a terra não é um fim para exploração, os tempos não devem ser invertidos e manipulados pelo relógio, dia é dia, noite é noite, cada estação é uma com potenciais diferentes. Para Heidegger deve-se compreender a terra como terra, céu como céu, as divindades como as divindades, ser capaz da morte como morte na sua essência. É cuidar da vida pelo que é, e não

---

<sup>1</sup> Tradução nossa.

formatar pelo que não é. Cabe a nós retomar essa reflexão, o quão ligados a quaternidade (Terra, Céu, Divindades, Mortais) nós estamos? Em que medida nos afastamos dela e da essência das coisas?

Dentro desta maneira de compreender o habitar, Heidegger (2014) afirma que a autenticidade revela a essência, mantendo a autenticidade se habita, por assim estar preenchido de quaternidade. O habitar transcende o material. Tomaremos isso mais a frente com as contribuições de Ingold (2015).

Habitamos muito além do que construímos, o habitar não é restrito a construção, podemos inclusive construir e não habitar e habitar sem construir. Dentro da visão de Heidegger (2014) habitamos “as coisas em sua essência” quando temos vínculo, história, memória, vivência. Ele cita como exemplo uma ponte, que atinge sua essência sendo apenas ponte, é autêntica e nos permite uma conexão com a quaternidade, uma vez que está envolta pela terra, céu, pelas divindades e mortais, assim nos permite essa conexão com a inteireza da ponte como ponte e ela nos permite habitar a quaternidade. Quando visitamos o cheiro do café estamos em um “lugar”, lugar é diferente de espaço para Heidegger (2014) e não está geometricamente definido, mas pode também ser geometricamente definido ou estar em nossa memória, pois está relacionado à essência desse lugar/coisa, o café ou a ponte. Se habitamos, nos demoramos nesse lugar, se nos demoramos habitamos. A ponte é esse lugar, que antes sem ela não era possível habitar.

Heidegger analisa a partir da linguagem alguns verbos, de maneira a compreendê-los profundamente em seu sentido, construir por exemplo, significava habitar. Para Heidegger construir já é em si mesmo habitar, pois pode ser em si um lugar.

...enquanto não pensarmos que todo construir é em si mesmo um habitar, não poderemos nem uma só vez *questionar* de maneira suficiente e muito menos decidir de modo apropriado o que o construir de construções é em seu vigor de essência. Não habitamos porque construímos. Ao contrário. Construímos e chegamos a construir à medida que habitamos, ou seja, à medida que somos *como aqueles que habitam*. (HEIDEGGER, 2002, p.3)

Aqui é mais um ponto de encontro entre Heidegger e Ingold, quando Ingold (2015) fala da importância vital dos processos como veremos adiante, é exatamente o que Heidegger (2002) diz neste trecho. Enquanto não entendermos que não há uma separação, como por exemplo, aqui está o construir e ali está habitar, mas que ambos, estão em simbiose nos processos, e não pelas finalidades, só aí entenderemos que é pela quaternidade que estaremos em unidade. Um exemplo é dado por Heidegger em *Construir Habitar Pensar*:

Pensemos, por um momento, numa casa camponesa típica da Floresta Negra, que um habitar camponês ainda sabia construir há duzentos anos atrás. O que edificou essa casa foi a insistência da capacidade de deixar terra e céu, divinos e mortais serem, *com simplicidade*, nas coisas. Essa capacidade situou a casa camponesa na encostada montanha, protegida contra os ventos e contra o sol do meio-dia, entre as esteiras dos prados, na proximidade da fonte. Essa capacidade concedeu-lhe o telhado de madeira, o amplo vão, a inclinação íngreme das asas do telhado a fim de suportar o peso da neve e de proteger suficientemente os cômodos contra as longas tormentas das noites de inverno. Essa capacidade não esqueceu o oratório atrás da mesa comensal. Deu espaço aos lugares sagrados que são berço da criança e a "árvore dos mortos", expressão usada ali para designar o caixão do morto. (HEIDEGGER, 2002, p.9)

Vejamos, uma autêntica construção tem essência, a essência da quaternidade está na construção da casa do camponês, deixou-se habitar, abrigou a quaternidade nos processos, nos materiais, no fazer e nele mesmo, aqui estamos falando especificamente de uma construção, mas é bom lembrarmos que não se habita apenas construções, o camponês demorou-se em cada processo, deu-se tempo para vivenciar, e habitou não porque construiu, como vimos antes, só se pode construir por ter habitado. Vejamos mais profundamente o que Heidegger (2002) diz sobre essa unidade entre pensar e construir:

O caminho de pensamento aqui ensaiado deve testemunhar, por outro lado, que o pensar, assim como o construir, pertence ao habitar, se bem que de modo diverso. Construir e pensar são, cada um a seu modo, indispensáveis para o habitar. Ambos são, no entanto, insuficientes para o habitar se cada um se mantiver isolado, cuidando do que é seu ao invés de escutar um ao outro. Essa escuta só acontece se ambos, construir e pensar, pertencem ao habitar, permanecem em seus limites e sabem que tanto um como outro provém da obra de uma longa experiência e de um exercício incessante. (HEIDEGGER, 2002, p.10)

O pensar e construir são necessários para se habitar, não separadamente, somente se inteiros, presentes em quaternidade, habitam, o habitar é potencializado e possível quando não há ruptura, é o que Ingold (2015) nos atenta quanto diz que não há rupturas, divisões entre material e imaterial, entre 2 mundos, ou da mente sobre o corpo. Só percebendo que não somos rupturas e não estamos à parte da quaternidade é que podemos habitar, nos demorar em nossa jornada. Podemos esmiuçar um diálogo mais nítido entre as ideias de Heidegger e Ingold a partir dessa colocação de Heidegger (2002, p.10) “De que outro modo, porém, os mortais poderiam corresponder a esse apelo senão tentando, na parte que lhes cabe, conduzir o habitar a partir de si mesmo até a plenitude de sua essência? Isso eles fazem plenamente construindo a

partir do habitar e pensando em direção ao habitar.” A plenitude, essa essência só existe quanto há então unidade.

Ingold (2015) contribui com outro olhar interessante, chamando nossa atenção para a percepção, suas referências partem de Gibson e de Merleau-Ponty.

Ser sensiente, ao contrário, é abrir-se ao mundo, render-se ao seu abraço, e ressoar em seu ser interior a suas iluminações e reverberações. Banhado na luz, submerso no som e arrebatado em sentimento, o corpo senciente, ao mesmo tempo percebedor e produtor, traça os caminhos do devir do mundo no curso mesmo da contribuição para a sua contínua renovação. Aqui certamente, repousa a essência do que significa habitar. (INGOLD, 2015, p.38)

Nas reflexões de Ingold (2015) entende-se o habitar como caminhada, ser percebedor e produtor é viver sua jornada com consciência de unidade, é fazer o habitar, sendo o habitar, através do habitar, é a quaternidade não separada, mas presenciada em cada coisa, como ela é. Para Ingold (2015), cada um tem sua essência e seu próprio movimento, como um feixe linhas, que está em constância e nessa constância que a vida se faz.

...substituir a concepção finalística ou teletônica do processo da vida por um reconhecimento da capacidade da vida de continuamente ultrapassar as destinações que são atiradas em seu percurso. É a essência da vida que ela não comece aqui ou termine ali, ou conecte um ponto de origem a uma destinação final, mas, sim que ela continue, encontrando um caminho através da miríade de coisas que formam, persistem e irrompem em seu percurso. A vida é em suma um movimento de abertura, não de encerramento. (INGOLD, 2015, p.26)

É para Ingold (2015) o percurso, o principal, a jornada é que interessa, o caminho e não as projeções, idealizações e finalidades que importam. Esse pensamento de Ingold (2015) está em oposição a um pensamento muito comum de enxergar tudo e todos já prevendo, idealizando os resultados.

Uma questão que nos interessa, trazida por Ingold (2015) é o que ele chama de Perspectiva do Habitar, “...uma maneira de superar a divisão arraigada entre “dois mundos” da natureza e da sociedade, e de reinserir o ser humano e o devir no interior da continuidade do

mundo da vida.”(2015, P.26), para ele o mundo como um todo está em mesma instância, comungando as possibilidades deste.

Tim Ingold (2015) também se coloca em uma forte reflexão sobre construção e habitação, relata que foi estimulado por Marx a essas reflexões, ao pensar as relações diretas e indiretas da produção, e não Heidegger, embora Heidegger tenha inspirado suas reflexões sobre o habitar. Ingold chegou à algumas conclusões, uma delas diz:

Criticamente, então, a habitação não é meramente a ocupação de estruturas já construídas: não está para a construção como o consumo está para a produção. Significa antes essa imersão dos seres nas correntes do mundo da vida, sem a qual atividades como concepção, construção e ocupação simplesmente não poderiam acontecer. (INGOLD, 2015, p.34)

Para Ingold (2015) essa perspectiva não está relacionada apenas a meios e fins, e tem uma atenção especial, compreendendo o processo sobre o produto, para ele isso não nega que se constroem coisas, mas é uma maneira de entender construção por uma perspectiva de processo, o que difere do que ele chama de perspectiva da construção que estaria presa ao modelo de produção em que se busca apenas atingir um resultado idealizado. Na perspectiva da habitação o processo de trabalhar os materiais, não se esgotando em somente produzir, vai além de idealizar e materializar.

Abaixo uma explicação complementar interessante realizada por Ingold (2015):

...a perspectiva da habitação situa o tecelão no meio de um mundo de materiais, que ele, literalmente, extrai ao produzir o trabalho. Ele é, a este respeito, um produtor, no sentido original do termo. Através desta última perspectiva esperei mudar a antropologia geral, e o estudo da cultura material em particular, para longe da fixação com objetos e imagens, e em direção a uma melhor apreciação dos fluxos materiais e correntes de consciência sensorial nos quais tanto as ideias como as coisas tomam forma reciprocamente. (INGOLD, 2015, p.35)

Aqui mora uma chave de contribuição de Tim Ingold (2015), atentarmos aos materiais e aos processos, assim estaremos com a atenção no percurso e não no ponto final. Minha leitura é que Heidegger (2014) também está nos alertando desse ponto quando diz que nossa crise é não saber habitar, isso porque estamos idealizando mais do que realizando, e é o fazer, o trabalho, os processos, que nos permitem habitar e estar na essência das coisas.

No trajeto do pensamento apresentado por Ingold (2015), ele faz uma leitura dedicada sobre nossa relação ocidental com a modernidade. Em *A cultura do Chão: o mundo percebido através dos pés*, Ingold (2015) discorre sobre bipedismo do humano, botas e sapatos e como o processo civilizatório foi limitante ao corpo, a mente e ao sensorial, através da opressão dos pés, valorização do sedentarismo e meios de locomoção que independem do caminhante. Seria essa opressão, fruto de um mundo moderno que se faz pronto, dado, onde tudo está facilitado para não se/si pensar integralmente. Tim Ingold relata como andar a pé foi ridicularizado no ocidente dentro do nosso processo civilizatório, sempre colocado à margem, e tachando de menor valor. Assim como demais atividades ligadas ao que é chamado de “primitivo”. Ingold (2015, p.74) diz que “Graças a suas mãos e suas botas pesadas o homem civilizado, ao que parece, é cada centímetro um cientista em cima, mas uma máquina em baixo.” Tanto as botas quando as estradas pavimentadas que Ingold (2015) relata, nos distanciam de vivenciarmos nossos processos e inteireza corpórea.

Porque tirar do homem/mulher seu andar, seu contato com a terra? Na arquitetura vernácula com materiais locais, não se faz uma casa de barro cru calçado, é preciso pisar o barro, senti-lo com os pés, é preciso agachar-se, movimentar-se, essa casa não acontece sem ser vivenciada em seu processo. E qual a origem desse trabalho? É “primitiva”, e a “civilização” quer ignorar o “primitivo” escondê-lo objetificando o mundo. Distanciando-nos das nossas possibilidades do fazer, que estão ligadas ao trabalho com os materiais, algo que está relacionado com nossa história, mas a parte da história que tenta-se, a muito custo, apagar.

Em *O manual do Arquiteto dos pés descalços*, livro do Johan Von Legen (2014), ao contrário, mostra-se o registro da riqueza e diversidade que existe nos “pés descalços” quando se trata de construções pelo mundo, o livro expõe tamanha sabedoria dos conhecimentos endógenos e autóctones. Os pés descalços representam na verdade a sabedoria do habitar. Para Ingold (2015, p.90) “...poderia ser dito que andar é uma atividade altamente inteligente. Essa inteligência, no entanto, não está localizada exclusivamente na cabeça, mas é distribuída por todo o campo das relações compostas pela presença do ser humano no mundo habitado.”

A civilização podou o homem/mulher de sua essência. Priorizamos sentidos em detrimento de outros, partes do corpo em detrimento de outra, botas ao invés dos pés descalços. Criamos uma ruptura sensitiva, ignoramos as possibilidades mais potentes do corpo, paramos de explorar através do corpo. Tudo está previsto, encaixado, não precisamos mais pensar com o corpo. É esse o alerta de Ingold (2015, p.94) “...nossos primeiros antepassados não deram passos largos sobre a terra com botas pesadas, mas caminharam sobre ela levemente, com destreza e, principalmente, com os pés descalços.”

Para pensarmos as construções com materiais locais, vamos adentrar agora a um mergulho intenso do escritor Tim Ingold (2015), em que ele nos convoca a colocar nossa atenção aos materiais. O que seria essa atenção em materiais? Ingold (2015) notou que muita atenção foi dada ao material e materialidade enquanto um divisor de águas entre um universo e outro, não se compreendeu os materiais e seus processos e os processos sobre a produção, priorizou-se a perspectiva de consumo. Para Ingold (2015) não há 2 universos ou divisões, no trecho seguinte é possível compreender o que Ingold nos tem a dizer sobre *o caminho*:

Conforme as pessoas, no curso de suas vidas cotidianas, fazem o seu caminho a pé por um terreno familiar, assim os seus caminhos, texturas e contornos, variáveis através das estações do ano, são incorporados em suas próprias capacidades corporificadas de movimento, consciência e resposta. (INGOLD, 2015, p.90)

O autor discorre sobre a importância dos fluxos de materiais e suas transformações, e nos alerta da necessidade de pararmos de transformar coisas em objetos. De acordo com Ingold (2015), os materiais são ativos, mas foram reduzidos a objeto, e conduzidos a ser uma matéria morta, o que não são em essência. O mental para ele não é separado do material, o processo sobre a produção é como o mental sobre o material, mas não como divisões, e sim como amplitudes, como ele mesmo diz transborda, vaza, não está confinado, os materiais não estão confinados, assim como a mente não está confinada ao corpo. Para Ingold (2015) corpo, mente, materiais, estão assim diluídos no mundo, se entrelaçam, e transbordam. Um mundo concreto, cristalizado em que nada flui, objetificado, se assim o fosse, nem respirar, respiraríamos, não haveria vida. Vejamos o Ingold (2015) tem a nos dizer sobre os materiais:

Ao falar do mundo dos materiais, em vez de o mundo material, o meu propósito tem sido o de escapar dessa oscilação, tanto devolvendo as pessoas ao lugar que pertencem, dentro do *continuum* da vida orgânica, e reconhecendo que esta vida mesma sofre contínua geração em correntes de materiais. (INGOLD, 2015, p.67)

O trabalho com os materiais, o conhecimento experimental das coisas em si, é o conhecer os materiais em seu fluir, o que torna especialmente intrigante as construções com materiais locais, é esse conhecer em especial, os fluxos, misturas, texturas, lugares, que fazem, a partir da ação, uma percepção expandida que não se divide em material e imaterial, transitivo ou intransitivo, ninguém nos relatos obtidos sobre construções com materiais locais em São Gonçalo do Rio das Pedras separa a tabatinga enquanto material argiloso, do seu cheiro de



tabatinga ou de sua brancura do trabalho que se tem com ela. A tabatinga em si é esse todo, não começa aqui ou termina ali. Ingold (2012, p.27) inspirado nas colocações de Deleuze e Guatarri afirma “...defenderei que esse foco nos processos vitais exige que abordemos não a materialidade enquanto tal, mas os fluxos de *materiais*.”

Nada é só duro ou mole, instável ou estável, o mundo não é divisível em 2 mundos, nem sobre o aspecto animal - homem como disse Ingold (2015), e nem sobre as coisas ou sobre o mundo como mundo. Ingold (2012) se põe perplexo sobre como conseguimos criar um mundo de objetos, estático e preso, se no tocante da vida o importante é o percurso e não os fins. É também a observação de Heidegger (2014) quando nos diz que precisamos aprender a habitar, ora, se tudo for objetificado como habitar será possível? No trecho seguinte Ingold (2012) fala dessa perspectiva:

Embora nós possamos *ocupar* um mundo repleto de objetos, para o ocupante os conteúdos do mundo parecem já se encontrar trancados em suas formas finais, fechados em si mesmos. É como se eles tivessem nos dado as costas. *Habitar* o mundo, ao contrário, é se juntar ao processo de formação. E o mundo que se abre aos habitantes é fundamentalmente um *ambiente sem objetos* – numa palavra, ASO. (INGOLD, 2012, p.31)

Cada vez mais na construção civil o que se tem industrialmente buscado é a previsão, estabilidade, padronização, busca-se algo fixado, premeditado nos seus por menores, não pelo cuidado do trabalho, mas pela insistência em objetificar a vida, através de uma construção, e de certa maneira amarrá-la a uma forma. Mas os construtores que se dedicam ao trabalho autêntico com materiais locais, encontram sua fluidez e assim como a planta rompe o asfalto em um exemplo dado por Ingold (2012), insiste em nascer, pois está no fluxo da vida, o construtor trabalhador de materiais encontra a seu modo, como um experimentador, uma forma de fluir dos materiais na construção. Para Ingold (2012) nesse tipo de relação trabalho e materiais, há consciência e participação sensorial, porquê há uma prática ligada à habilidade e memória, além de uma concentração única na relação com os materiais, para o autor o gestual empregado que gera as histórias através dessas práticas com processos. Ingold (2015) diz no seguinte trecho que:

Portanto, as propriedades dos materiais, consideradas como constituintes de um ambiente, não podem ser identificadas como atributos essenciais fixos de coisas, mas são, ao contrário, processuais e relacionais. Elas não são nem objetivamente determinadas nem subjetivamente imaginadas, mas praticamente experimentadas. Nesse sentido, toda propriedade é uma história condensada, descrever as propriedades dos materiais é contar histórias do que

acontece com eles enquanto fluem, se misturam e se modificam. (INGOLD, 2015, p.65)

Precisamos pensar uma casa como um organismo vivo, um ambiente que permita o fluxo de materiais, o fluxo da quaternidade, mas só é possível se nos percebermos também enquanto fluxo em nossa condição humana. Para Ingold (2015, p.45) “...o córrego é a água corrente e assim, também eu sou o que estou fazendo. Eu não sou um agente, mas um ramo de atividade.”

Em pleno mundo moderno ocidental vivemos sem dúvida uma relação dicotômica com nossos ritmos e percepção da vida. Nas construções vernáculas o que chamo de “mescla”, são as misturas entre diferentes formas de construções e materiais, por exemplo, uma parede de adobe, ganha um reboco de cimento, passou por processos diversos, que acontecem justamente porque não há nada estático e protegido ou particularizado o suficiente para não se atingir, se atingir é uma condição neste mundo, ser atingido pelo outro, pelo vento, pela loja, pelos pensamentos, pelo cimento, ser atingindo é parte da simbiose em que nos encontramos. Não temos dado espaço para os materiais, na modernidade, e nas teorias, segundo Ingold (2015), mas os materiais também vazam, transbordam e embora haja muito movimento para o apagamento dos materiais, eles estão aí resistindo, e existindo no continuum da vida, eles se fazem presente, pois habitam.

Segundo Günter Weimer (2012) a arquitetura popular com materiais naturais é criativa, possui adaptabilidade, é dotada de simplicidade, plasticidade e possui vínculo com a natureza. Nota-se em evidências do trabalho de campo que há um pé descalço em todos nós!

Para Ingold (2012):

As coisas estão vivas, como já notei, porque elas *vazam*. A vida no ASO<sup>2</sup> não é contida; ela é inerente às próprias circulações de materiais que continuamente dão origem à forma das coisas ainda que elas anunciem sua dissolução. (INGOLD, 2012, p.32)

Comparando algumas plantas de casas e observando construções, na pesquisa de campo, escutando alguns relatos, foi possível perceber nossa ligação com a ancestralidade, também a relação com a quaternidade fica visível, de duas formas, é possível perceber nosso

---

<sup>2</sup> ASO tradução de EWO – Ambiente sem objeto

afastamento e compartimentação da vida, bem como ainda temos como perceber a essência do Habitar.

## 9 TRABALHO ALIENADO – enfrentamento cotidiano

*“Um homem que abandonou a natureza começou a abandonar a si mesmo” Pierre Van Paascen*

Em Marx (2007) encontramos um conceito para nos abrir mais um caminho de reflexão, o conceito de *Trabalho Alienado*. Em seu primeiro manuscrito, que compõe os manuscritos econômicos e filosóficos, Marx (2007) dedicou-se a expor este conceito e suas interconexões a partir de um fato econômico e iniciou suas mais profundas questões.

Alguns apontamentos que são destacados nos importam muito, existe para Marx (2007) uma apropriação indevida do trabalho, que estabelece uma relação desigual, em que um ser humano sairá em vantagem sob outro. O teórico nos elucida que há apenas 2 classes, os que possuem propriedade e os que não possuem propriedade, e diante deste apontamento nos aconselha que não nos enganemos com outras subdivisões, pois elas não existem de fato, se resumem novamente em ter ou não propriedade. Marx (2007) faz então uma crítica clara à economia política, que segundo o pensador, não dá conta de explicar em fatos e categorias, o que se vivenciava nas práxis.

A alienação do trabalhador em seu objeto é expressa da maneira seguinte, nas leis da Economia Política: quanto mais o trabalhador produz, tanto menos tem para consumir; quanto mais valor ele cria, tanto menos valioso se torna; quanto mais aperfeiçoado o seu produto, tanto mais grosseiro e informe o trabalhador; quanto mais civilizado o produto, tão mais bárbaro o trabalhador; quanto mais poderoso o trabalho, tão mais frágil o trabalhador; quanto mais inteligência revela o trabalho, tanto mais o trabalhador decai em inteligência e se torna um escravo da natureza. (MARX, 2007, p.4)

Assim o dinheiro/propriedade privada, prevalecerá e existirá, a partir dê, e sobre a dedicação daquele que está sendo oprimido. De acordo com esta premissa, um irá prevalecer sobre o outro, o oprimido ainda como consequência desse processo, se torna mais subjugado e miserável, quanto mais produz e quanto mais seu opressor tem poder/dinheiro/capital. Nesta lógica a ascensão de um ser humano causa o definhamento de um ou mais seres humanos.

Para Marx (2007, p.2) fazem parte desse sistema de alienação “propriedade privada, ganância, separação entre trabalho, capital e terra, troca e competição, valor e desvalorização

do homem, monopólio e competição - e o sistema do *dinheiro*.” Alienação pode-se dizer que é um desvio, o trabalho alienado é um trabalho empregado ao outro, onde o trabalhador se destitui de si. Esse estágio de *Trabalho Alienado* está correlacionado com a também alienação da natureza do homem e o fato do homem se alienar de si mesmo. O homem alocado nesta condição responderá em todas suas relações, a partir de sua colocação enquanto trabalhador, este será responsivo enquanto trabalhador explorado, e não enquanto ser humano livre.

A dinâmica do *Trabalho Alienado* se apresenta como um movimento centrífugo, quanto mais trabalho empenhado numa relação de alienação, menos próximo de si mesmo o trabalhador se encontra e mais distante de suas necessidades. Marx (2007, p.4) afirma, “... o objeto o habilita a existir, primeiro como *trabalhador* e depois como *sujeito físico*.” Ele se torna então, de acordo com Marx (2007), uma mercadoria, bem como sua produção, seu produto e seu trabalho também viram mercadoria.

O produto do trabalho humano é trabalho incorporado em um objeto e convertido em coisa física; esse produto é uma *objetificação* do trabalho. A execução do trabalho é simultaneamente sua objetificação. A execução do trabalho aparece na esfera da Economia Política como uma perversão do trabalhador, a objetificação como uma *perda* e uma *servidão ante o objeto*, e a apropriação como *alienação*. (MARX, 2007, p.3,4)

Atualmente não temos um cenário muito alterado em relação a este conceito de *Trabalho Alienado*, embora muitas dinâmicas tenham se modificado, a máxima da exploração permanece. É impactante perceber esse estado patológico em massa, que tem se manifestado não exclusivamente enquanto patologia econômica, mas mental, social, ambiental e cultural.

Vejamos o que Marx diz sobre características marcantes no processo de alienação:

...ser o trabalho externo ao trabalhador, não fazer parte de sua natureza, e, por conseguinte, ele não se realizar em seu trabalho, mas negar a si mesmo, ter um sentimento de sofrimento em vez de bem-estar, não desenvolver livremente suas energias mentais e físicas, mas ficar fisicamente exausto e mentalmente deprimido. O trabalhador, portanto, só se sente à vontade em seu tempo de folga, enquanto no trabalho se sente contrafeito. Seu trabalho não é voluntário, porém imposto, é *trabalho forçado*. Ele não é a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio para satisfazer outras necessidades. (MARX, 2007, p.5)

Ou seja, neste sistema o trabalho não pertence mais ao trabalhador, ele não se reconhece enquanto natureza, esse não reconhecimento é também fruto da alienação. Aqui o trabalhador alienado não pertence ao viver, a vida ganha um novo significado, em que se perde

autonomia e capacidade de escolha. Segundo Marx (2007) a alienação inverte a lógica natural e o homem enquanto ser autoconsciente perde sua possibilidade de vida enquanto meio de ser, e passa a ter a vida enquanto um meio de existência.

A questão enunciada é nosso dilema cotidiano, quais possibilidades são existentes no enfrentamento dessa realidade? O que faz frente de resistência diante do atual sistema de *Trabalho Alienado*? É claro que há uma série de ramificações complicadoras, pois são muitas as realidades vivenciadas, mas o cerne do *Trabalho Alienado* segue atual em nossa sociedade. Quando Ingold (2015) nos apresenta a perspectiva dos materiais e processos, sobretudo contrapondo-se a perspectiva da materialidade, ele rompe com a maneira de se enxergar apenas em direção as finalidades. Sua contribuição é pensar o que acontece no percurso e quanto significativo se faz o caminho. E é esse fio condutor que irei puxar para realizar algumas observações.

Será que podemos afirmar haver graus de autonomia? Graus de resistência? É possível, a partir de nosso foco de estudo apontar uma permeabilidade ao capital?

Pensemos nos saberes e fazeres da arquitetura rural vernácula, qual seu contexto de existência? Quais seus processos? Em que medida numa construção vernácula rural o trabalhador detém autonomia? Lançamos aqui uma quantidade significativa de perguntas e poderíamos fazer ainda mais, porém partindo dessas já teremos o bastante para iniciar nossas reflexões. Possivelmente não teremos respostas suficientes, pois não se esgotam aqui questões tão profundas, mas vamos dar continuidade a nosso recorte reflexivo mantendo nossa atenção entorno destas provocações

As construções vernáculas, implicam o uso de materiais locais, conhecimentos empíricos, especificidades locais no saber fazer, implicam conhecimento territorial, ambiental e um conhecimento em plasticidade, composição e estrutura. Subentende-se ainda que haja um envolvimento com os ritmos naturais, posição do sol, épocas do ano etc.

Em entrevistas realizadas alguns participantes relataram um pouco sobre os processos construtivos vernáculos. Disseram que na região seus familiares participaram das construções de suas casas e de outros moradores da comunidade, alguns entrevistados também participaram ativamente desses processos. É possível perceber em algumas narrativas a importância em conduzir sua própria morada.

Vejamos alguns exemplos:

Eu tinha 10 pra 11 anos né, a gente fazia de tudo, ajuda a buscar areia, ajudava a juntar adobe, massa barro. A técnica de fazer o adobe eu sei todinha, desde

cortar o barro, escolher o barro, umedecer a noite pra poder ele ficar mais fácil. No outro dia, pisar com o pé pra cozinhar a massa. Só que nosso adobe do meu pai, como nossa terra era muito boa e ainda é, meu pai num punha capim, não punha nada, era só terra crua mesmo. E aí a fôrma do meu pai era uma fôrma pequena, era 1 fôrma só e aí a gente ia carregando o barro pra próximo dele e ele ia batendo e lavando esse barro. Minha memória vai vindo, alí tinha uma bacia enorme e ele ia molhando a forma colocando, alisando e batendo, ele só conseguia no dia, quando ele tava bom, fazer 100 adobes, no dia, mas aí o processo começa de cortar a noite o barranco, umidecer, já tava tudo encaminhado antes. Quando o dia amanhecia ele já tinha feito uma masseira pra gente brincar na outra, enquanto ele tava ...a gente carregava ...e tudo era assim, tinha que ser. (I., ENTREVISTA CONCEDIDA EM FEVEREIRO 2018)

Podemos perceber na fala da entrevistada o domínio dos processos, materiais, também a organização do trabalho e seu envolvimento desde a infância com essas práticas construtivas vernáculas.

...Os pais da gente, num tinha estudo mais era sábios, tinha uma inteligência, que hoje eu fico assim: eu não sabia que meus pais eram tão inteligentes. Eles tinham uma...assim... como se fala... uma previsão do tempo, sabia o dia de corta a madeira da casa que não ia carunchar, sabia o dia de corta o capim pra poder o capim num ter mofo, isso era a inteligência...Então eles conheciam o dia que podia cortar a terra pra não dá rachadura, sabia a lua, sabia tudo, como eles ia trabalhar essa moradia deles. (E., ENTREVISTA CONCEDIDA EM ABRIL DE 2018)

Neste outro trecho de entrevista concedida por outra pessoa pode-se identificar a relação com o território, com as fases da lua e com conhecimento sistematizado, empírico e a capacidade de observação e interação no ambiente em que viviam. Um aspecto de interesse nosso é perceber nessas falas e neste contexto da construção vernácula rural que se mantêm espontaneidade, adaptabilidade e o trabalho pertence ao trabalhador, domina seus meios de reprodução. Em outras colocações dos entrevistados fica evidente a compreensão ampla de uma construção vernácula e a compreensão de que ela se dá no todo, não separada da natureza.

Existiram e existem brechas, formas mais autônomas de construir por exemplo, processos que permitem em que o *Trabalho Alienado* exerça maior ou menor grau de domínio. Aqui o que queremos dizer é: não devemos olhar apenas para o fato de o *Trabalho Alienado* estar aqui ou não, mas sim, para o que mais existe além dele e em quais condições se dão. Quando um homem ou uma mulher estão vivendo um processo com a terra, a fim de construir sua morada de quem é aquele trabalho, o que está envolvido, que pé toca o chão? Quem sente

a temperatura? A quem pertence aquele tempo? Qual noção de tempo está em vigor? Para quê constroem? Para quem constroem?

Na obra *O mundo rural como espaço de vida*: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade, Wanderley apresenta um rico trabalho que pode auxiliar a pensar algumas questões. Os cenários elucidados pela autora são bem profundos, principalmente em relação às condições econômicas e sociais estabelecidas a partir dos contextos históricos vivenciados no Brasil, esses contextos revelam tensões, explorações, revelam com clareza o caráter colonial que se seguiu no país ao longo dos séculos e que se formalizou no capitalismo, o tempo não foi capaz de se fazer dinâmico aos fatos, diante das condições estabelecidas.

No Brasil o que se estabeleceu foi um processo de dominação sobre a terra, a propriedade privada, a expropriação da terra e o capitalismo estabeleceram um caráter bem particular em nosso país. Principalmente segundo a autora pela apropriação indireta do capital que se dá dentro desses processos.

A luz de Marx a autora levanta questões profundas sobre a renda fundiária. Em relação ao Brasil o que ocorreu foi uma concentração de terra nas mãos de uma minoria, viabilizadas principalmente pela Lei de Terra de 1850, que surge em decorrência da abolição da escravidão com intenção de regulamentar a propriedade privada e destiná-la indiretamente através de leis, de maneira que não houvesse uma clara distribuição de terras, dando continuidade a uma camada da sociedade se sobrepondo-se sobre outra, transformando terra em mercadoria. Para Wanderley:

A Propriedade fundiária é, assim, o elemento central, através do qual se efetua a dominação indireta do capital na agricultura. Ela não se realiza economicamente, no sentido capitalista, mas é condição para a apropriação de outras formas de sobre trabalho que, articuladas com extorsão de mais-valia, mantém ainda aspectos formalmente capitalistas no setor. (WANDERLEY, 2009, P.39)

Diante da dinâmica em que proprietário de terra assume a postura de dirigente e assume parte do seu processo de produção com investimentos, essa dinâmica tem um caráter bem particular e torna-se possível, pois o mesmo utiliza de mecanismos de apropriação de exploração do trabalhador, onde se estabelece uma relação de dominação sobre a condição deste. Além do que, outros custos são ignorados, como exploração da natureza, etc., esses elementos fazem essa roda se movimentar e manter um sistema que garante o lucro.

Outro elemento fundamental que constitui esse modelo funcionando a interesse do capital e do proprietário é o fato de que o Estado é o grande impulsionador dessa roda, é ele que subsidia as condições ao proprietário continuar explorando, uma vez que, regulamenta condições de acesso a créditos financeiros aos proprietários com as características de concentração de terra e que seguirá no processo de propulsor do capitalismo, ao passo que aos demais, dificulta acesso a créditos para investimentos, e acesso à terra. O Estado é um sócio do capital, e auxilia na obtenção da renda fundiária, renda resultante da exploração de terra, e cria as possibilidades de transferência desta renda para fora da agricultura.

Esse cenário de exploração e dominação ele não se deu pacificamente ou sem resistência, o campesinato é dinâmico e possuem uma lógica interna que foi capaz de permanecer e enfrentar com estratégias inteligentes as condições enfrentadas. Wanderley (2009) ressalta a importância da compreensão das tensões e limitações presentes nesses processos para que seja possível principalmente a superação dos mesmos. Alerta também o risco que se corre de justificar a omissão do Estado e defender o latifúndio, além da passividade da sociedade de se encarar de maneiras distintas as condições econômicas e sociais.

A construção vernácula rural faz parte de uma cultura camponesa, que enfrentou o contexto de dificuldade em ter o Estado na contramão. Alguns processos foram relatados nas entrevistas como o descaso do poder público em não ofertar condições mínimas para o homem e mulher do campo, o enfrentamento de situações desconfortáveis e a falta de apoio para possibilitar melhorias, como vemos na fala da entrevistada a seguir: “...E a única coisa que a gente estranhava é que o governo nunca valorizou na época o homem do campo, puxa vamos dá uma melhoria lá dentro da roça, muita gente largo o campo por isso...” E.(2018).

Wanderley (2009) faz apontamentos sobre relações sociais, propriedade, subordinação, autonomia camponesa, modos de produção e capital. A autora levanta algumas questões como:

A forma da propriedade camponesa, com a qual o capital se defronta, em seus primeiros momentos, já é o fruto de um processo de transformação de suas formas primitivas; o modo de produção capitalista intensifica estas transformações, de modo que a reprodução do campesinato pelo capital não pode ser confundida com a simples manutenção de suas formas anteriores. Estas considerações são, aliás, válidas, igualmente, para qualquer forma de propriedade, historicamente, precedente à forma capitalista de propriedade.” (WANDERLEY, 2009, P.98)



Diante do capitalismo o campesinato não busca se manter o mesmo, mas se dinamiza dentro dos processos existentes e cria suas próprias estratégias. É também parte dos processos que ocorrem, não só como resultado, mas como participante ativo.

Para o trabalhador a servidão constitui uma barreira à realização plena de sua livre propriedade, na medida em que, precisamente a mediação da classe de não trabalhadores retira-lhe a propriedade da totalidade do produto de seu trabalho. (WANDERLEY, 2009, P.98)

O trabalhador encontra condições que o privam da livre propriedade, ele enfrenta apropriação de seu trabalho pelo proprietário que é o mediador da classe de não trabalhadores, que está a serviço do capital/Estado. Porém Wanderley (2009) considera que o modo de produção campesino pode ser combinado a outros modos de produção sem que o descaracterize e que as vezes é até uma estratégia para continuidade de suas relações mais profundas com o campesinato.

Para a autora a unidade familiar tem um peso determinante, a força de trabalho não é divisível e é o todo que compõe o resultado final desta maneira e como não medem esforços, uma vez que, o trabalho garantirá sua condição de camponês, a força de trabalho aqui se torna não transferível. O campesinato compõe uma forma que tem características marcantes como interconhecimento, relações de parentesco, possuem certa autonomia e cultura própria.

As dificuldades são muitas, todos querem facilidades e melhorias naquilo que fazem e onde vivem. Os enfrentamentos são muitos e a crise dos materiais e processos também existe, pois, o capital coíbe a liberdade. As narrativas orais a respeito da arquitetura vernácula local em São Gonçalo do Rio das Pedras e entorno revelam que o processo construtivo é dinâmico, e é neste dinamismo que ocorrem as mudanças que dialogam com a modernidade e com as permanências, é nesse processo ativo e presente que uma cultura se mantém viva.

### **9.1 Silenciamentos – ecoa a urgência pela ecologia de saberes**

A arquitetura rural vernácula que aqui tratamos, está relacionada a uma cultura, um universo camponês, de aspectos significativos, próprios, complexos e que revelam conhecimentos específicos, conhecimentos que foram estigmatizados diante de uma visão unilateral de conhecimento. Segundo Santos (2007) o pensamento moderno ocidental mantém uma conduta excludente, a partir de um pensamento e uma prática abissal que nega a existência

de possibilidades diversas. Há o apagamento, a invisibilidade das pluralidades. E o que seria visível ou valorizado?

Para Santos (2007):

As distinções invisíveis são estabelecidas por meio de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o “deste lado da linha” e o “do outro lado da linha”. A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece como realidade, torna-se inexistente e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer modo de ser relevante ou compreensível. (SANTOS, 2007, P.71)

De um lado da linha validam ou não os demais conhecimentos existentes do outro lado da linha, o outro é subjugado pela visão determinante daqueles que querem para si o poder de dizer o que é, e o que não é, o que pode e o que não pode, o que tem valor e o que não tem valor. Enquanto um lado tem, um lado sabe, um lado pode, o outro lado some. Um lado está ligado aos monopólios de conhecimento, enquanto o outro é ignorado e questionado sobre seu conhecimento, o Norte sobre o Sul, o colonizador sobre o colonizado. E como o “norte” manteve um holofote sobre si mesmo com tantos outros saberes e dinâmicas de vida? No fragmento a seguir compreendemos um pouco mais essa dimensão:

Sua visibilidade assenta na invisibilidade de formas de conhecimento que não se encaixam em nenhuma dessas modalidades. Refiro-me aos conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses ou indígenas do outro lado da linha, que desaparecem como conhecimentos relevantes ou comensuráveis por se encontrarem para além do universo do verdadeiro e do falso. (SANTOS, 2007, P.73,74)

Os que estiveram além do pensamento abissal foram silenciados. Sua relevância não foi considerada, mais sua importância foi sentida como ameaça e silenciada. O Norte nega a existência do Sul, não admitindo sua coexistência, porém na experiência de mundo, isso ocorre quer queiram ou não, embora os esforços de enfraquecimento do Sul sejam em diferentes instâncias. De acordo com Santos (2007, p.71) “O pensamento abissal moderno se destaca pela capacidade de produzir e radicalizar distinções”. O Sul resiste, pois existe intensamente, só não lhe é dado o mesmo espaço e protagonismo do que é dado ao outro lado da linha, o Norte.

Duas problemáticas são bem latentes segundo Santos (2007) e são pontos que nos interessam analisar aqui. O ponto de vista do conhecimento, do qual iniciamos a reflexão e o ponto de vista do direito, que veremos a seguir, em ponderações e exemplos de alguns impactos, que evidenciaram-se nesta pesquisa.

... o legal e o ilegal acabam por constituir-se numa distinção universal. Tal distinção central deixa de fora todo um território social onde essa dicotomia seria impensável como princípio organizador, isto é, o território sem lei, fora da lei, o território do a-legal, ou mesmo do legal e ilegal de acordo com direitos não reconhecidos oficialmente. Assim, a linha abissal invisível que separa o domínio do direito do domínio do não direito fundamenta a dicotomia visível entre o legal e o ilegal que deste lado da linha organiza o domínio do direito. a linha abissal invisível que separa o domínio do direito do domínio do não-direito fundamenta a dicotomia visível entre o legal e o ilegal que deste lado da linha organiza o domínio do direito.” (SANTOS, 2007, P.73)

Analisando a colocação, o que podemos inferir e devemos pensar é que existem formas variadas de pensar a lei, conjuntos de regras, contratos sociais, a depender da cultura. Porém o que ocorre é que regulamentações oficiais partem do ponto de proposição que somente está em consonância com um lado da linha, quando na verdade existem maneiras infinitas de se relacionar com o direito, de compreendê-lo ou mesmo ter uma dimensão outra em que, visão normativa não é necessária.

Pensemos, há muitas culturas, há diferentes conjuntos de regras que são variados e próprios, em que há uma convenção presente, porém não são reconhecidos oficialmente como uma diretriz do Estado, a diretriz sempre se oficializa do ponto de vista do outro lado da linha. E como existem diferentes formas, há um choque muitas vezes com o que é visto oficialmente como direito, além do que, há culturas em que esse tipo de regulação/pensamento não faz sentido algum dentro pois existem diferentes lógicas de mundo.

Na maioria das entrevistas realizadas esse fato do direito apareceu como algo significativo, pois a maneira como a legalidade oficialmente é aplicada em São Gonçalo do Rio das Pedras e entorno impacta a cultura local sob um aspecto conflitivo, fica evidente que não se considerou a amplitude do direito do ponto de vista de quem vive neste território. Por muitos anos nesta região foi comum a prática de coleta de flores, uso de argila, terra, areia, madeiras, coleta de frutos, capim etc. Porém sem que houvesse alguma regulação oficial por meio do Estado, mas os moradores e moradoras tinham socialmente uma prática própria com o uso de regras, acordo social convencionados na região.

O grande ponto conflitivo é que leis ambientais se instalaram sem a participação ativa dos sujeitos locais e isso causa grande insatisfação e desordem na organização de vida e trabalho dessas pessoas, além do que cerceiam a autonomia sobre a vida e o território. Na construção com materiais locais, muitos dos processos e costumes foram prejudicados, afetando esses modos de vida. Vejamos alguns depoimentos que expõe essa questão:

[...] tem que comprar porquê num posso transportar, num posso tirar[...]acabou com nosso modo de trabalhar” [...] “Esse rancho de tropas, as casas que tem por aí, as madeira passo tudo aqui ó (batendo no braço e nas mãos enquanto fala), trouxe tudo em carro de boi (mostra a foto dele no carro de boi, que hoje já não tem mais). (V., ENTREVISTA CONCEDIDA EM JUNHO DE 2018)



Figura 41: Sr. Valdeil, carro de boi, foto do postal que ele guarda com carinho. Foto: Autora, 2018

“... até o pau a pique tá mais difícil né, porque eles agora não que mais, a preservação da natureza... não pode cortar madeira, porque depois fica a madeira lá no mato né, cê num pode cortar em qualquer lugar, num sabe também se tem que tirar uma licença né?... isso também é preciso ter conhecimento né e o povo antigo tinha”. [...] “a gente tem que acompanhar evolução, né, já que cê num tem condições de usar o que usava ne” (C.O., ENTREVISTA CONCEDIDA EM MAIO DE 2018)

... quando era tempo de fulô nós tava na fulô, quando era tempo de botão a gente tava panhando botão né? Quando num tinha nada botão, fulô pra nós panhá, a gente ia panhá coqueiro no campo, eu fazia aquele tanto de bassora menina! E eu ainda tava com barrigão que tava esperando esse menino da padaria...e eles falavam C. faz mal fica panhando bassora, cê num pode tecê bassora não...e eu falava assim ieu num tô tecendo por graça, tô tecendo por precisão né, Deus num deixa eu te nada não...panhava levava no Itambé pra vende, era 10 dúzia, 11 dúzia de bassora que fazia e aquele barrigão, (risadas) (C., ENTREVISTA CONCEDIDA EM ABRIL DE 2018)

Porque na verdade as madeiras que tavam lá, as pessoas que sabiam fazer aquilo, já não tavam tão acessível...que davam conta de reformar, e tinha que

comprar as madeiras né ou então buscar no mato igual essa casa da minha mãe, mas com os órgãos ambientais não podia mais cortar pra lavar. (I., ENTREVISTA CONCEDIDA EM ABRIL DE 2018)

Todos os entrevistados conferem certa importância as leis, mas as consideram demasiadamente radicais e prejudiciais aos modos de vida dessa população. Ou seja, fica evidente essa ruptura, em que possibilidades de uma terceira opção não existiram. Uma das entrevistadas apontou também que acha equivocada a maneira que se deu a lei do Estado em relação ao trabalho infantil e que isso afetou o povo do campo, que tem como organização social o trabalho em família, afirmou que entende a lei, mas que a lei não deu conta das dinâmicas reais e de mediar entre proibição de exploração de trabalho infantil e respeitar a participação de crianças nas atividades caseiras comuns a vida no campo, e que em termos da não continuidade dos costumes tradicionais pelos jovens tem a ver com este fato também, pois os afasta.

A construção com materiais locais baseia-se na interrelação entre sujeito e território como já falamos antes, as relações de solidariedade também se dão neste contexto, as relações sociais e de trabalho igualmente. Quando este território é regulado por uma instância alheia aos sujeitos deste espaço há muito em disputa. Reflitamos sobre a quaternidade de Heidegger e encontraremos sua profundidade nas colocações acima citadas, em que entender unidade é fundamental enquanto essência de vida. Antonio Candido (1979), na obra *Parceiros do Rio Bonito*, em que estuda o caipira de São Paulo, identifica essa dimensão, que também vimos durante nossa pesquisa de campo e nos relatos:

Magia, medicina simpática, invocação divina, exploração da fauna e da flora, conhecimentos agrícolas fundem-se deste modo num sistema que abrange, na mesma continuidade, o campo, a mata, a semente, o ar, o bicho, a água, e o próprio céu. Dobrado sobre si mesmo pela economia de subsistência, encerrado no quadro dos agrupamentos vicinais, o homem aparece ele próprio como segmento de um vasto meio, ao mesmo tempo natural, social e sobrenatural. (CANDIDO, 1979, P.175)

Quando o entrevistado fala de que levava as madeiras no carro de boi, não é somente o fato de não ter mais a possibilidade de tirar essa madeira, este fato também é relevante, mas ele era útil a comunidade com seu ofício, parte significativa de sua vida estava entorno desta atividade e das demais que a permeavam. Quando uma das entrevistadas diz que quando era “o tempo da fulô, nós tava na fulô” ela está falando de algo ainda maior do que uma atividade, ela está revelando um modo de vida, em que o tempo é ditado pelo tempo entre o céu e a terra, o tempo da vida e não o tempo do relógio, é a percepção dos ciclos naturais. Esse modo de

interrelação é considerado por Antonio Candido (1979) como ajustes ecológicos, como podemos verificar abaixo a descrição desta dinâmica:

Havia entre as atividades do caipira uma correlação estreita, e todas elas representavam, no conjunto, síntese adaptativa da vida econômico-social. Assim é que o trabalho agrícola, a caça, a pesca e a coleta não eram práticas separadas, e de significado diverso – mas complementares, significando cada uma per si, e todas no conjunto, os diferentes momentos dum mesmo processo de utilização do meio imediato. A roça, as águas, os matos e campos encerravam-se numa continuidade geográfica, delimitando esse complexo de atividades solidárias – de tal forma que as atividades do grupo e o meio em que elas se inseriram formavam por sua vez uma continuidade geossocial, um interajuste ecológico, onde cultura e natureza apareciam, a bem dizer, como dois polos de uma só realidade. (CANDIDO, 1979, P.173)

Os ajustes ecológicos em São Gonçalo e entorno sofreram diante de pressões a necessidade de reajuste. Estes conhecimentos, ritmos, essas sabedorias autênticas ficaram ameaçados diante de uma regulação do Estado, a partir de leis ambientais que não dialogaram e não dialogam com esses modos de vida. Há ainda outros fatores de interferência que surgem articulados à essa regulação, e também provocam reajustes, trataremos mais a diante.

Os reajustes e rupturas ocorrem surgem segundo Candido (1979) diante de crises, que resultam na alteração dos padrões tradicionais, em seu desaparecimento ou em sua persistência. Sendo esta persistência não apenas uma permanência da tradição, mas sua capacidade de readaptação e interação, de modo a fazer novas assimilações, renovando-se, a fim de sobreviver. Wanderley (2009) quando fala de coexistência e resistência ao capital, também faz referência os estudos apresentados por Antonio Candido.

Para Candido (1979) havia uma interrelação dos sujeitos com o meio, um ajuste total, representado pela unidade ecológica, que diante de crises vivenciadas, se manifesta como um reajustamento a meios parciais, desarticulados e que se fragmenta. Os sujeitos ao serem responsivos aos momentos de crises se reajustam por uma pluralidade de meios. Surge então um novo momento, como verifica-se no trecho seguinte:

Na verdade, esta pluralidade de meios corresponde a uma terceira etapa em andamento, na qual se observa, e se o observará cada vez mais, a formação de um meio, amplo, caracterizado pela reintegração dos atuais. Desta vez, porém, não será uma integração ao espaço contínuo, teatro da economia de subsistência; mas à vida da região e do estado, em cujo âmbito se situam os novos focos de interesse. (CANDIDO, 1979, P.177)

A problemática apresentada por Marx (2007) da alienação do homem de si mesmo, alienação da natureza e alienação do trabalho se apresenta aqui como uma questão viva, e os sujeitos desta comunidade são responsivos a esta questão, de diversas maneiras, como vimos acima em alguns exemplos. Mas como alertou Candido (1979) e Wanderley (2009), os sujeitos que neste processo são subjugados, não estão ali apenas como espectadores, eles são parte ativa neste processo e diante de diferentes ameaças resistem, e encontram diversas maneiras de provocar interações que o mantenha enquanto sujeitos dotados de sua própria cultura.

Algumas questões impulsionaram alterações nas dinâmicas de vida da comunidade de São Gonçalo do Rio das Pedras e entorno, consequentemente em sua arquitetura vernácula, o que não é muito diferente de outras realidades, que Santos (2002) chama de Sul global. Uma das condições que citamos e impactou diretamente na arquitetura vernácula evidenciou-se na pesquisa, foram as legislações sobre o território, que pressionaram os sujeitos deste território a buscar outros materiais construtivos, bem como outras atividades econômicas e condições de vida.

Sendo assim intensificou-se também a relação com o dinheiro e com a necessidades externas, que antes não eram necessárias com tanta intensidade, pois tinham os recursos endógenos disponíveis e uma relação interna entre os próprios moradores e região. Passam então a ter uma relação de dependência em relação há alguns itens que tinham o domínio do beneficiamento, sem contar que o universo simbólico e social fica comprometido com estas adaptações. Ao passo dessas regulações legislativas houveram ainda outros pontos que se mostraram evidentes, a intensificação do comércio na comunidade, migração de moradores e moradoras para outras comunidades/cidades, conflitos internos, conflitos entre estado/comunidade.

Na região do Serro (MG) as unidades de conservação e parques chegaram no final entre a década de 80 e 90, em 1989 surge o Parque Estadual do Pico do Itambé, em 1998 a APA Águas Vertentes e a Lei de Crimes Ambientais, lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Essas leis surgem em um contexto importante para ambientalistas que estavam em um grande movimento de mobilização para garantir o impedimento do desmatamento, impactos ambientais, crimes etc.

Porém quando isso se torna lei atende aos interesses muito mais de quem domina capital, do que dos próprios ambientalistas e do povo. Infelizmente esse cenário é recorrente em todo o país, que continua com as mesmas problemáticas e outras advindas do modelo de parques, unidades de conservação e leis ambientais inspiradas em um contexto diferente do que

vivemos no Brasil, o que não favoreceu nossa população e os modos de vida diversos presentes nela.

A menos de 100 km de distância de São Gonçalo, também na serra do espinhaço, temos uma atividade minerária intensa. A empresa já foi denunciada por diversas práticas criminosas no âmbito ambiental, mas também por outros inúmeros crimes, mesmo assim continua sua atuação no município de Conceição do Mato Dentro (MG). Tamanho impacto causado no distrito vizinho têm mobilizado a região enquanto a importância de zelar pelo território. Em 2015 o Conselho Municipal de Meio Ambiente (CODEMA) de Serro (MG) recusou propostas da empresa para instalar uma mina de minério de ferro no município. Outros enfrentamentos com diferentes empresas minerárias têm acontecido na região atualmente. As comunidades em vista do que viram acontecer nos últimos anos, estão também em uma relação dual com as leis ambientais, uma vez que, também a percebem nesses casos como ferramentas poderosas para auxiliar a comunidade na defesa de seus territórios e modos de vida.

Em mais ou menos 150 km de São Gonçalo, ainda no Alto Vale Jequitinhonha em direção ao médio vale, vamos encontrar outras problemáticas deste porte, com situações parecidos, porém com empresas que trabalham com a produção de monoculturas de eucalipto e subprodutos, que se instalaram na região. Não por acaso esses 2 setores empresariais estão interligados. Essas empresas muitas vezes chegam apoiadas pelo governo, disseminam um discursos de melhorias, emprego, progresso, se colocam deste lado da linha com a postura do “eu tenho o que você precisa”, e empregam um olhar que coloca o outro, do outro lado, condenando-os como atrasado, sem trabalho, como aquele que não tem uma boa vida. Na colocação seguinte podemos ver um apontamento de Santos (2007) sobre esse aspecto:

Em suma, o pensamento abissal moderno, que deste lado da linha era chamado a regular as relações entre cidadãos e entre estes e o Estado, é agora chamado, nos domínios sociais sujeitos a uma maior pressão por parte da lógica da apropriação/violência, a lidar com os cidadãos como se fossem não-cidadãos e com os não-cidadãos como se fossem perigosos selvagens coloniais. (SANTOS, 2007, P.83)

Nesta pesquisa temos um recorte sobre a ótica da arquitetura vernácula e de uma comunidade rural mineira, para tanto esses aspectos refletem para além deste lugar, acontece como apontamos antes, baseado nas colocações de Santos, como um aspecto do norte global, sobre o sul global, é o pensamento abissal corroendo a diversidade, as possibilidades de vida para além do pensamento abissal, as epistemológicas, as cosmovisões, as diferentes leituras de mundo. O pensamento abissal é o pensamento capitalista/colonialista no seu *modus operandis*.



Um pensamento que ultrapassou inclusive “as linhas” e foi disseminado largamente pelo mundo. Esse pensamento causou desarranjos indescritíveis em nossa sociedade e práticas altamente excludentes, violentas, opressoras e que silenciaram muitas formas de se viver, pensar, agir e sentir.

A dicotomia atraso x progresso, exercida dentro do pensamento abissal cria uma ideia que, de acordo com Santos (2002), seria uma teoria geral, que determina única dinâmica possível, se é atrasado não progrediu, se progrediu não é atrasado. Mas, existem infinitudes de possibilidades. Por quê e para quê unificar de maneira tão radical e excludente? A intensão é exercer poder sobre demais dinâmicas e silenciar o que há de mais potente em termos globais. Empregando esse *modus operandis* há concentração de riquezas, pressão sobre os demais meios de produção e vida, controle sobre os territórios, geram-se conflitos e cria-se uma ideia de que quanto mais próximo ao abissal, mais próximo do que é preconizado pelo capitalismo como progresso, conhecimento, poder, dinheiro, dignidade etc.

Porém há inúmeros contrapontos, a começar por: de que progresso estamos falando? O que é progresso? Uma das ideias sobre o que seria progresso é pensar no futuro, em algo que ainda não veio e que sugere-se ser melhor do que se vive no presente. Ou seja, nessa ideia de progresso subjaz uma ideia de temporalidade definida, que compreende progresso como algo evolucionário, e evolução ligada a uma temporalidade linear.

Aqui já temos uma questão interessante, se compreendemos o tempo como algo não linear o conceito de progresso toma outra forma, bem como, se compreendermos que evolução não é linear nossa ideia de progresso pode ser também modificada. Ainda podemos compreender progresso por avanço acelerado e predatório e ter uma outra ideia deste conceito. Porém o que importa mesmo é rasgar o véu, a maia, deixar a ilusão para trás e expandir a percepção, assim uma das principais vias de resistência ao pensamento abissal é segundo Santos (2002) perceber o que escapa a dicotomia. É a partir, deste escapar a dicotomia, fazer uma frente de resistência no presente, que Santos (2007) sugere a ecologia de saberes, como podemos verificar no trecho seguinte:

A emergência do ordenamento da apropriação/violência só poderá ser enfrentada se situarmos nossa perspectiva epistemológica na experiência social do outro lado da linha, isto é, do Sul global, concebido como a metáfora do sofrimento humano sistêmico e injusto provocado pelo capitalismo global e pelo colonialismo. O pensamento pós-abissal pode ser sintetizado como um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul. E Ele confronta a monocultura da ciência moderna com uma *ecologia de saberes*, na medida em que se funda no reconhecimento da pluralidade de

conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer sua autonomia. A ecologia de saberes se baseia na ideia de que o conhecimento é interconhecimento. (SANTOS, 2007, P.85)

As experiências em arquitetura vernácula, as construções autênticas, autóctones, não receberam sua devida atenção em termos globais, muito pelo domínio do pensamento abissal incipiente, que silenciou esses saberes e conferiu menos importância a essas formas construtivas. Embora haja essa negação e silenciamento, a arquitetura vernácula tem uma relevância em todo o mundo. Há uma variabilidade impressionante e riquíssima de técnicas, materiais, rituais, formatos, ferramentas, tipos construtivos, aldeamentos, comunas, moradias, templos, espaços de trabalhos, etc. Conferem assim parte potente do que Santos (2007) chama de epistemologias do sul. E é por meio da ecologia de saberes uma das formas de reconhecimento dessa pluralidade e fortalecimento dessas epistemologias.

Paul Oliver (1978) já sinalizava essa emergência, em seu livro *Cobijo e Sociedad*, faz um apanhado admirável sobre arquitetura vernácula e reúne diversos pesquisadores que pelo mundo a fora registram a diversidade de processos construtivos vernáculos e também os enfrentamentos que ocorreram mediante a esses conhecimentos e modos de vidas. A história da arquitetura vernácula registrada por Paul Oliver (1978) e colaboradores, revelam o patrimônio da humanidade empregado nessas formas construtivas, a construção coletiva, a beleza do saber fazer, a liberdade construtiva, a inteireza homem e natureza. Mas, também registram o ataque ao povo, a consequência das guerras sobre as populações autóctones, a atuação coercitiva do estado/polícia, a regulação e violência, além do que a falta de real atenção do campo da Arquitetura para com as construções vernáculas e sua relevância.

O cânone da arquitetura enquanto ciência, relegou a arquitetura vernácula a segundo plano e a algo histórico parado no tempo. Além do quê, deu maior importância aos processos construtivos ditos modernos. Mesmo quando deu algum espaço a esses tipos construtivos e modos de vida, o fizeram com certo distanciamento dos protagonistas desta arquitetura vernácula. Oliver (1978, p.18) já questionava o direcionamento que tomava o movimento moderno “Parece como se os muitos anos de luta para uma arquitetura compatível com o contexto industrial excluíssem forçosamente qualquer manifestação de simpatia com as

formas vernáculas.”<sup>3</sup> Porém, se ampliarmos o ponto de vista podemos entender com profundidade que arquitetura vernácula é também moderna, cânone e ciência.

As construções vernáculas quando citadas ou referenciadas, demonstraram muitas vezes uma valorização desigual dos aspectos vernáculos, dando uma atenção aos templos, palácios, monumentos, esta atenção foi dada fortemente do ponto de vista estético e assim as construções típicas ficam frequentemente desvalorizadas, como alertou Rapoport (1972), e Weimer (2012).

Sobretudo podemos observar uma arquitetura que tem pensado de uma maneira tão isolada ao povo, que realiza uma arquitetura muito mais conceitual e imobiliária do que prática, podemos resumir que boa parte da arquitetura dita moderna não tem incluído algo que deveria ser seu princípio, as pessoas e os espaços. Hassan Fathy (1980) afirma ainda que o arquiteto destituiu o construtor de sua liberdade enquanto artesão e de seu processo construtivo.

Não é apenas a arquitetura “canônica” que exclui e silencia a arquitetura vernácula, mas é em si a própria construção dita moderna, uma forma excludente. Há reflexões que vão além da dicotomia arquitetura vernácula e arquitetura não vernácula, como por exemplo questões culturais, questões ambientais, qualidade de vida, saúde, eficiência econômica e energética, condições que boa parte dos investimentos atuais em pesquisa e arquitetura não têm dado conta.

Abarcando o âmbito de uma epistemologia do sul, que consiste em dar voz, protagonismo, reconhecimento a variedade epistemológica existente em termos globais, Santos faz a seguinte reflexão:

A intensificação da vontade resulta de uma leitura potencializadora de tendências objetivas, que empresta força a uma possibilidade auspiciosa, mas frágil, mediante uma compreensão mais profunda das possibilidades humanas com base em saberes que, ao contrário do científico, privilegiam a força interior em vez da força exterior. (SANTOS, 2007, P.92)

Ou seja, dar fôlego por exemplo, aos conhecimentos internos desenvolvidos no âmbito de uma comunidade como São Gonçalo do Rio das Pedras, reconhecendo que há epistemologias locais, que podem dialogar em níveis globais. Ainda sobre este aspecto segue a observação de Santos (2007):

---

<sup>3</sup> Tradução nossa.

O que está em jogo é a criação de uma previsão ativa baseada na riqueza da diversidade não canônica do mundo e de um grau de espontaneidade baseado na recusa a deduzir o potencial do factual. Dessa forma, os poderes constituídos deixam de ser destino, podendo ser realisticamente confrontados com os poderes constituintes. O que importa, pois, é desfamiliarizar a tradição canônica das monoculturas do saber sem parar aí, como se essa desfamiliarização fosse a única familiaridade possível. (SANTOS, 2007, P.92)

Enxergar por exemplo, a arquitetura de São Gonçalo do Rio das Pedras não apenas pelas lentes “canônicas”, mas pelo que se executa de fato internamente nesta comunidade enquanto um saber, um fazer e um sentir arquitetônico, que não se esgota apenas na arquitetura, mas dialoga intrinsecamente com um modo de vida dinâmico e verificar como esses saberes podem contribuir e contribuem com a arquitetura. Simplificando, a fim de realizar uma reflexão, se constatarmos, por exemplo, como é realizada uma construção vernácula, em suma, ela parte de visão ecossistêmica que pode auxiliar nas construções arquitetônicas de modo geral. Seria benefício para toda e qualquer arquitetura empregar uma visão ecossistêmica em sua execução. No trecho seguinte uma das entrevistadas faz um apontamento interessante para pensarmos sobre essa ótica:

“Diziam que o homem usava a natureza e a natureza ajudava o homem, hoje o homem quer destruir a natureza (risos), são duas coisas que a gente ainda não tá conseguindo socializar, o homem e a natureza. Porque se eles trabalharem junto com boa intenção[...] A natureza fornece tudo pra ele e ele devolve tudo pra natureza de novo, mas entre o homem e a natureza, o homem destrói mais a natureza e ela tá perdendo porque são anos pra criar uma árvore...não é de um dia pro outro, então o homem tinha que saber isso. Tinha q ter a defesa, defender as matas, ter o plano de como trabalhar, trabalhar esse consumismo né. Tem os camporão... lá da minha época no engenho...e meu pai falava assim daqui uns 5 anos aquela árvore tá boa pra cortar, e era assim...num cortava a tortos e a direita não...tava integrado associado a natureza. E não tinha curso, formação nada disso não. Ês não tinha nada disso, nasceram, cresceram, não foram na escola, aprenderam lê e escrever em casa com a mãe e tinha essa interligação do homem com a natureza, eles viam uma árvore e sabia que com tanto tempo sabia cortar, se via cortando errado sabia que ia sair perdendo porque num tinha cerno pra cortar, não era hora.” (E. ENTREVISTA CONCEDIDA EM FEVEREIRO 2018)

A noção de sustentabilidade está empregada aí, nesta visão ecossistêmica, e se faz urgente hoje nas construções, independentemente do local, ou cultura, pois a problemática é global. Soluções sempre existiram em tradições que têm como valor a visão ecossistêmica e o zelo com lugar em que se vive. Mas não se esgota aí, foi apenas um simples exemplo. Há certas poesias que só são possíveis de ouvir ao arrancar o tampão que tapa os ouvidos. Nas entrelinhas,

nos entre mundos, no escapismo dicotômico moram riquezas que ainda não fomos capazes de dar real atenção.

Veríssimo (2013) a partir de um estudo realizado em Dondo, Moçambique, afirma:

Quando a cidade se estabelece com base na acumulação de capital, provoca naturalmente uma divisão entre dois mundos diferentes: a parte da sociedade que se desenvolve através da exploração de pessoas e da natureza e a outra parte, que vive a trabalhar entre si e com a natureza, sendo cada vez mais marginalizada à medida que a parte neoliberal da cidade se expande. Seja um bairro financeiro ou comercial, com o neoliberalismo o centro de cada cidade passa a integrar a economia global e perde as ligações à sua própria natureza, espaço e pessoas, nomeadamente à identidade local. Assim, esta polarização extrema crescente entre o lado “formal” e o “informal”, o “rico” e o “pobre”, “o campo” e “a cidade”, criada pela globalização, que marca a diferença entre os poucos que detêm o poder e a grande maioria governada, está na base da relação entre centro e periferia, na qual esta última é sempre profundamente marginalizada. (VERÍSSIMO, 2013,180)

Aqui o que podemos verificar a atuação neoliberal, que se apresenta como uma espécie de renovação do capitalismo, que abre uma frente de unificação global, na intenção de criar mercados expansivos, massivos, realiza terceirizações e privatizações em massa, para manter uma economia cada vez mais desigual e gerar a assimilação com uma identidades global em detrimento do apagamento de identidades locais. Assim a marginalização da construção com terra, da arquitetura vernácula, dos saberes e fazeres dos camponeses é intencionalmente provocada neste movimento opressor centro/periferia, gerado atualmente pelo fluxo do neoliberalismo.

De acordo com o MMA (Ministério do Meio Ambiente) o setor da construção civil deveria caminhar em consonância com os objetivos globais do desenvolvimento sustentável. Diante de informações do Conselho Internacional da Construção, constatou-se que a indústria da construção é um setor que gera consideráveis impactos ambientais, cerca de 50% dos resíduos sólidos gerados pelo conjunto das atividades humanas provém da construção. O MMA recomenda em relação à construções sustentáveis:

Mudança dos conceitos da arquitetura convencional na direção de projetos flexíveis com possibilidade de readequação para futuras mudanças de uso e atendimento de novas necessidades, reduzindo as demolições; busca de soluções que potencializem o uso racional de energia ou de energias renováveis; gestão ecológica da água; redução do uso de materiais com alto

impacto ambiental; redução dos resíduos da construção com modulação de componentes para diminuir perdas e especificações que permitam a reutilização de materiais. (MMA – Ministério do Meio Ambiente, Acessado em 03/04/2017)

Interessante perceber um setor do governo em que o discurso está alinhado com uma proposta mais humanizada de assentamentos humanos e necessidades básicas para um ambiente mais saudável. Há, porém, contradições por parte do próprio Estado, há setores mais flexíveis, abertos e dispostos a uma transformação significativa, mas nesses mesmos setores encontraremos barreiras burocráticas, políticas e econômicas.

Ao mesmo tempo em que divulgam e propõe construções sustentáveis não há setores do Estado que oportunizem a prática efetiva dessas construções, por exemplo, construções de conjuntos habitacionais populares ofertados pelo próprio governo, com saneamentos alternativos, ou materiais de construções locais, não são a prioridade. Existe uma clara falta de acesso a financiamentos e falta de regulamentações e orientações construtivas neste sentido.

Segundo Vandana Shiva (2013), há uma monocultura da mente, estamos vivendo uma ditadura da terra em que não se enxerga a biodiversidade, o que tem imperado não é o que produz mais e sim o que controla mais, é uma posição de poder que tem exterminado a vida. Isso tem empobrecido as pessoas, a natureza, tem sido uma cegueira, que tem eliminado a diversidade e a sabedoria ancestral. Para Shiva (2013) devemos nos reconectar com a terra, lembrando-nos do vínculo secreto com a vida e cultivarmos a diversidade, pois estamos vivendo uma cultura descartável que descarta pessoas, objetos e comunidades. Vivemos dilemas latentes estamos sendo expropriados não só da terra, mas de nós mesmo em certa medida.

Para Van Der Ploeg (2008):

A ordem imperial apresenta, pelo menos à primeira vista, um dinamismo impressionante. Contudo, ao mesmo tempo, ela acaba sendo surpreendentemente lenta e ineficiente, por mais que isso pareça um paradoxo. Um mundo altamente formalizado, que funciona de acordo com regras estritas, geralmente acaba sendo caracterizado por um atraso institucionalizado. Visto a partir dos centros de poder (*das cúpulas*), esse mundo pode parecer uma ordem racional e bem ordenada, mas percebido a partir de ângulos opostos, ele se revela essencialmente caótico, por vezes esquizofrênico e, muitas vezes altamente contraditório. (VAN DER PLOEG, 2008, p.263).

O atual momento escancara a necessidade de mudanças, não se sustenta um mundo pautado numa dominação invisível e destrutiva, porém a complexidade entorno desse poderio é muito maior do que se imaginava, Van Der Ploeg (2008) deixa claro como no império o controle é nas entrelinhas, pulverizado, não é palpável. É desafiador lidar com essa realidade, e este controle deve ser enfrentado em nível individual, mas também em nível coletivo, é na coletividade, na força comunitária, nas brechas e contradições que se dará um movimento de resistência cada vez maior.

As pessoas estão cansadas, por mais permeável que esteja o capitalismo, menos dispostas as pessoas estão, estamos um tempo em que todos se sentem sugados, esgotados, sentem na pele a necessidade de uma mudança radical, a população pode não enxergar o capital, pode estar cega como diz Vandana Shiva (2013), mas estão sentido os resultados dos maus-tratos que vivemos, cada vez mais doentes, cada vez trabalham mais por menos, cada vez mais atordoados. É uma triste realidade, porém essa crise planetária tem afetado a consciência da população e cada vez mais há um movimento real por transformações efetivas e significativas. Para Veríssimo (2013):

A resiliência espacial e social profundamente enraizada na sociedade civil, subjacente à ajuda mútua e às relações de reciprocidade, pode gerar não só oportunidades e cenários férteis para um futuro ecodesenvolvimento de cidades médias, mas também trazer conhecimentos para a análise da relação entre sociedade e natureza, baseada na sua dinâmica espacial. (VERÍSSIMO, 2013, P.207)

Basta olharmos para as sociedades mais resilientes que identificaremos suas bases e valores, identificaremos uma outra relação com a vida, com os sujeitos, com os espaços e uma visão de mundo que sempre extrapola a individualidade. Kropotkin (2009) entre o século XVIII e XIX fez apontamentos que nos servem de base para a compreensão dos fatores de transformação e resistência em nossa história enquanto humanidade, ressalta a importância e força do apoio mútuo e que ele é o verdadeiro potencial renovador em nossa sociedade. Para Kropotkin (2009):

A tendência do ser humano à ajuda mútua tem uma origem tão remota e está tão profundamente entrelaçada à toda a evolução de nossa espécie que foi conservada por esta até o presente, apesar de todas as vicissitudes da História. Evoluiu principalmente durante períodos de paz e prosperidade; mas, quando as grandes calamidades assolavam os homens – países inteiros devastados por guerras e populações inteiras dizimadas pela miséria, ou sob o jugo da tirania –, essa mesma tendência continuou existindo nas aldeias e entre as classes



mais pobres das cidades; continuou unindo e, com o passar do tempo, chegou até a reagir contra minorias dominantes, guerreiras e devastadoras que a desprezavam como sentimentalismo barato. E toda vez que a humanidade teve de construir uma nova organização social, adaptada a uma nova fase de desenvolvimento, seu gênio construtivo sempre tirou os elementos e a inspiração para o recomeço dessa mesma tendência perene. (KROPOTKIN, 2009, P.179)

No apoio mútuo o que se prevalece é a solidariedade, as relações de vínculo afetivo, a superação coletiva de obstáculos, o sentimento de pertencimento e bem comum. É a partir do apoio mútuo que se fortalecem as iniciativas de grupo pela manutenção da vida, mesmo diante do caos. É esse apoio mútuo que move forças contra os modelos hegemônicos. É no apoio mútuo que nascem possibilidades criativas, resistentes e resilientes.

Nas narrativas analisadas ao longo deste estudo marcam esta ação conjunta de apoio mútuo, sempre os processos construtivos vernáculos relatados envolvem o coletivo, seja a família, grupo de amigos, comunidade, há sempre uma ação em conjunto. Ao mesmo tempo que revelam autonomia individual, revelam uma atitude coletiva na manifestação do saber e do fazer.

## 10 O BEM VIVER, RECONECTANDO RAÍZES

Entrando em sintonia com a perspectiva de ecologia de saberes, é interessante percebermos que há uma inteligência muito vibrante que foi e é vivenciada em diferentes comunidades no mundo. Rapoport (1972) ao falar das forças socioculturais menciona as cosmovisões e observa como as casas são vistas enquanto microcosmo e reflete nossa visão de mundo. Bachelard (1978) também faz essa constatação. Para Linn (2007):

Nossas casas são espelhos de nós mesmos e refletem nossos interesses, crenças, hesitações, espírito e paixão. Contam como nos sentimos em relação a nós mesmos e ao mundo à nossa volta. A casa é mais do que um simples lugar onde descansamos à procura de conforto e proteção. É lá que podemos dialogar com o universo. É um ponto de encontro no espaço e no tempo, que pode atrair ou repelir energias. A casa pode ser um lugar de renovação e esperança; o abrigo no qual você se isola e se recarrega durante os momentos difíceis; um refúgio de paz durante a tempestade. Pode ser um espaço de saúde e regeneração. Ela não somente pode nos ajudar no fortalecimento e na cura, como ser um templo de harmonia no qual podemos alcançar um patamar superior na esfera espiritual. A casa pode ser a ligação entre os mundos interior e exterior, a ponte entre realidades internas e externas. Pode ser um centro para a magia, o poder e o espírito; um ponto de força, um vórtice de energia no planeta. Assim como um eco se espalha pelo infinito, a casa pode ser um transmissor de luz e energia. A energia que ela irradiar será como uma pequenina pedra jogada no lago do universo, e os anéis que ela provocar serão percebidos nas mais longínquas margens do cosmo. (LINN, 2007, P.11)

Nossa casa reflete nosso mundo, a maneira como nos relacionamos com ela é um exemplo de como nos relacionamos para além dela. É alicerçada nas cosmovisões que o conceito de Bem Viver ganha força, embora não pretenda que as pessoas adotem cosmovisões, mas que pensem sobretudo na Vida, na vida enquanto vida, não na vida enquanto consumo.

Para Gudynas (2013, p.11) o Bem Viver é um conceito aberto, permite distintas visões de mundo. Para o autor no campo das ideias o Bem Viver representa os questionamentos radicais a ideologia desenvolvimentista de progresso. O entendimento de nós como seres no mundo com visões de mundo; no campo dos discursos representa a legitimação das ideias de Bem Viver e rompe com discursos de crescimento econômico e consumo como indicadores de bem-estar. Contempla uma qualidade de vida que parte de caminhos em que as pessoas e todos os seres, toda a natureza neste planeta seja respeitada. O Bem Viver valoriza outras formas de falar, escrever e pensar o mundo. No plano das ações concretas, busca-se práticas que sejam viáveis sem que repitam posturas convencionais prejudiciais.

O Bem Viver dá voz então a uma ecologia de saberes presente em diferentes comunidades, mais intensamente na América Latina têm acontecido algum movimento mais intenso em pautar o Bem Viver enquanto ideia, discurso e prática para um maior número de pessoas.

Segundo Guynas (2013, p.14) com novas condições políticas, o protagonismo dos movimentos sociais e indígenas o Bem Viver está presente nas constituições da Bolívia e do Equador. Os princípios do Bem Viver passam então a ser também princípios do Estado. Ainda de acordo com Guynas (2013) na constituição boliviana, por exemplo, o Estado se compromete com uma economia plural orientada ao bem viver, com a redistribuição equitativa de excedentes através de políticas sociais.

No Equador formalizou-se os direitos da natureza/pachamama, entendendo-a como sujeito de direitos, assim são menores as brechas para contradições e destruição da biodiversidade. O conceito é um conceito aberto, no sentido que há uma certa adaptabilidade de acordo com cada contexto, porém partilha de princípios norteadores, que estão presentes nas culturas ancestrais, que por sua louvável resiliência tem se expandido a fim de espalhar o conceito do Bem Viver, suas práticas e ideias.

Ainda em Guynas (2013, p.25) o Bem Viver implica uma ruptura com as ideias clássicas do progresso ou da Natureza como objeto. Com base nas cosmovisões a perspectiva é outra, embora em alguma medida dialoguem e reforcem outras linhas de pensamento e visões de mundo existentes. Neste contraponto que Guynas (2013) diz que não é uma visão alternativa de desenvolvimento, é outra visão, que vai além de ajustes ou reformas, e sua resiliência permite percursos próprios de saída.

Em guarani temos a expressão Tekó Porã, para designar este Bem Viver. Melià (2013) ao falar da interrelação e a reciprocidade presente na cosmovisão guarani afirma:

Na cosmovisão guarani, a terra habitada pelos humanos é concebida como tekohá, lugar de vida e convivência com todos os seres que nela existam. Ñandé tekohá é o lugar onde somos o que somos, o lugar do nosso modo de ser e de nossa cultura. A palavra tekohá contém uma visão holística, isto é, significa e produz ao mesmo tempo relações econômicas, sociais, políticas, ecológicas e religiosas, de tal maneira que sem tekohá não há tekó (sem lugar do ser não há modo de ser). (MILIÀ, 2013, P.78)

Se não há território, se não há seus meios de vida, se não há dignidade, respeito, espaço para o que é imaterial e material na mesma medida, não há então como ser. É neste

sentido que o Bem Viver surge também enquanto movimento contra hegemônico para que todos tenham seu lugar e possam ser.

Margolin (2006), conta sobre uma conversa que teve com Dwinght Dutschke em uma comunidade indígena na Califórnia, sobre a construção de uma casa de cerimônias que estavam refazendo:

Podíamos tê-la construído para durar cem anos. Mas não fizemos. Não fizemos porque havia uma outra lei que tínhamos de seguir. Quando você erige uma construção circular, você constrói para que ela venha abaixo a cada vinte anos. Assim, cada geração tem a chance de reconstruí-la. Cada geração tem que aprender os cantos, as cerimônias e as técnicas. Se você quer que uma construção dure, você a faz de uma determinada maneira. Mas, se quer que o conhecimento dure, você a faz de outra maneira. (MARGOLIN, 2006, P. 104)

Ainda sobre esta passagem Margolin (2006) reflete sobre a fala de Dutschke, e percebe que aqui o mais importante não é o conhecimento, mas viver a experiência. Para Margolin (2006, p.105), o conhecimento, como dizem nesta comunidade, “[...]tem que ficar cozinhando dentro de você. [...]”.

A arquitetura vernácula é um elemento a ser considerado na perspectiva do Bem Viver, contrapõem o modelo desenvolvimentista por ser baseada em recursos locais sustentáveis e numa perspectiva de cooperação entre os comunitários, o que a torna acessível. Dialoga também com os direitos da natureza, uma vez que, usa-se materiais naturais, em que sua extração gera impacto reduzido ou mesmo conversão em benefícios para os espaços.

É comprovada a alta qualidade do ar no interior da casa vernácula, sendo ainda uma questão de saúde e qualidade de vida. É social na lógica do bem viver na medida em que é democratizado o direito de cada pessoa ter sua habitação, é um conhecimento cultural e sua prática se faz fundamentada por uma profunda relação com o meio e transmitida empiricamente para as gerações vindouras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Frente ao capitalismo alterou-se as maneiras de lidar com a vida, os meios de produção, os espaços geográficos, a economia, o trabalho, as relações sociais, modos de vida e também se alterou a maneira de se construir.

Nosso ato de construir e habitar é cultural, podemos verificar que alterar a maneira de construir é interferir diretamente em uma cultura e em seus processos internos. As

problemáticas que circundam a alteração nos meios de produção relacionados às construções vernáculas são muitas, entre elas a propriedade privada, a expropriação de terras, a industrialização, a concentração de capital, os preconceitos, a especialização do trabalho, a manipulação midiática e a exploração de mão de obra.

Essas problemáticas elencadas alteraram as dinâmicas de vida. Constituíram como estratégia capitalista um mercado de construção civil baseado em materiais externos, fabricados em complexos industriais, em larga escala e ambientes controlados, com base em energias não renováveis. Alimentou-se assim um mercado que em consequência alimentaria outros setores mercadológicos. Visaram uniformidade, homogeneização e produção em série. O pensamento abissal, por sua vez, disseminou esses materiais e processos industriais como os mais adequados e melhores.

Com o advindo capitalismo, os processos de industrialização, modernização e da globalização chegaram a muitas comunidades que detinham maior autonomia em seus modos de vida, modos de reprodução e modos de produção, foram afetadas drasticamente por esses processos. Os processos de transformação foram abruptos e muitos saberes, informações e relações sociais se perderam, mas mesmo no enfrentamento desses desafios muitas comunidades acionaram a capacidade de transformação e adaptação, mostraram-se resilientes e resistentes nesse processo criando novas formas de interação com os processos globais e industriais.

Esses processos não se deram de maneira uniforme, assim algumas comunidades mantêm-se com uma arquitetura vernácula menos mista ou mais mista, em relação à materiais externos, ou mais espacializada ou menos espacializada se pensarmos na migração. Encontrar e compreender as relações que se estabeleceram frente as mudanças advindas da modernização torna-se chave de compressão de nossa história e cultura.

É preciso valorizar os conhecimentos endógenos, os saberes empíricos, esses conhecimentos nos constituem enquanto povo. Processos controladores sabotam nossa capacidade de articulação social, capacidade essa revelada nos processos endógenos, de conhecimentos empíricos compõem outra lógica de pensamento, em que a centralidade é a capacidade de resiliência comunitária.

Temos limitado registro sobre os saberes e fazeres em relação às construções vernáculas, seus processos e métodos, a capacidade de experiência frente a globalização tem sido também diluída e torna-se frente a esses desafios essencial que tentemos utilizar de outros

métodos de reprodução para garantir a experiência, a informação, e a continuidade de um saber revelador em termos de resiliência nos tempos atuais.

É essencial à vida, água, terra, alimento, relações humanas, sol, criatividade, autonomia são necessárias para uma soberania alimentar e uma resiliência pessoal e coletiva. Cada ato pode se tornar um ato político se baseando-se na diversidade.

É preciso cooperação para transformar a realidade dura em mudanças positivas, precisamos de um sistema econômico contra hegemônico, de informações que gerem empoderamento, precisamos mudar internamente e externamente, precisamos de autossuficiência tecnológica para nos desenvolvermos pessoal e coletivamente.

Devemos alterar a forma de compreensão hegemônica sobre os termos de desenvolvimento e progresso, e tentar visualizar que progresso e desenvolvimento não estão ligados estritamente à lucratividade, economia e PIB. São outros fatores e valores que interessam ao crescimento social, econômico, cultural e ambiental da humanidade.

É preciso uma revolução integral, pela libertação, como uma opção política, isso se faz necessário. Não se sustenta mais uma economia baseada na exploração. Nesse contexto surgem algumas linhas de pensamento e de atuação que tentam dar embasamento teórico e prático para que possamos efetivar uma alteração econômica, social, ambiental e cultural baseada na autonomia dos nossos processos de manutenção da vida. Como, por exemplo, as epistemologias do Sul, o bem viver e do apoio mútuo como potencial transformador.

Necessitamos uma transição planetária pela vida, uma ruptura do sistema de pobreza e desigualdade e da lógica da escassez. É preciso que queiramos viver plenamente novamente. Até quando vamos manter a sobrevivência? Além de sermos explorados por um sistema capitalista, vamos alimentá-lo? O que vai nos mover? A destruição? Precisaremos chegar a situações de dor, de doença, de caos para religar nossa essência com a essência natural, não vamos nos enxergar em unidade, com o todo?

Acreditar que partirá do Estado as soluções para o nosso problema é colocar um pano preto sobre os olhos, é não enxergar o poder da humanidade, é ignorar que as grandes transformações positivas foram realizadas pelo povo, pelos processos de apoio mútuo, pela organização social coletiva, de maneira descentralizada e não por um número X de governantes, Estado e capital unidos pelo povo que possibilitam essas transformações. Estado e capital é uma parceria falida por si só.

Essa não é uma visão romântica, é uma visão prática, olhem para o cenário atual no Brasil. Há possibilidade de confiar na resolução dos problemas sociais pela via do Estado/Capital? Ora isso é ser de fato bem romântico.

Não tem solução pronta, seria uma falácia dizer que bastam dois passos e estaremos no paraíso, não passa por essa simplificação, mas também não nos cabem a estagnação e repetição alienada. É preciso agir, é preciso articulação, superar barreiras impostas pelos processos burocráticos e pelo preconceito, é necessário sair do que chamamos de zona de conforto. Descobrir outras possibilidades é nosso dever, pois o capitalismo se move a todo o momento, ele sim cria novas possibilidades, então não podemos parar, é preciso unir forças, abrir um panorama para compreender a complexidade desse processo e exercer seu papel transformador nessa sociedade que clama por mudanças.

É impossível dar prosseguimento num modelo de sociedade capitalista desenvolvimentista massacrante que elimina comunidades, envenena nosso alimento, expropria terras, desumaniza as relações, explora trabalho, desterritorializa pessoas e comunidades, deslegitima os processos autônomos e acumula capital, a menos que, queiramos um desenvolvimento pela morte, não há outra saída que não a revolução silenciosa pela vida.

Este estudo nos abriu uma nova perspectiva para pensar as arquiteturas de um outro ponto de vista, do ponto de vista de quem faz a arquitetura dos pés descalços e de quem conta sobre si. Este trabalho ganhou aqui um início e não um fim. Foi possível participar de eventos para dialogar sobre arquitetura vernácula, tem sido possível apresentar alguns artigos que são parte deste trabalho em alguns espaços e além disso e mais importante, durante este estudo moradores e moradoras se interessaram em estabelecer algumas umas parcerias, a partir deste trabalho, ações de apoio mútuo surgiram.

Uma das participantes nos convidou a pensar conjuntamente uma atividade para feitura de tintas naturais, em um festival anual que acontece na comunidade, ligado a educação e cultura, para que possamos fazer a tinta e elaborar os antigos barrados que hoje não se vê tanto na comunidade. Uma outra moradora no desejo de ativar novamente seu forno de barro combinou de marcar uma data para refazermos o revestimento do forno. Assim abrimos caminhos de diálogo, disseminação e partilha de conhecimentos e experiências.

Hoje após tudo o que foi vivenciado nesta pesquisa seria interessante dar continuidade aos estudos a partir da perspectiva de uma arquitetura afrolatina, a fim de investigar contribuições para além de um único território e buscar seus intercâmbios e influências plurais.



## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Traduções de Joaquim José Moura Ramos (et al.). São Paulo, Abril Cultural, 1978. Coleção: Os pensadores.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Memória e Família**. Estudos Históricos, v.2, n.3, p. 29-42, Rio de Janeiro, 1989.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, v.1, 1994. Ed. Brasiliense. 7ªed – São Paulo

BO BARDI, Lina. **In: Arquitetura rural na Serra da Mantiqueira**, Marcelo Carvalho Ferraz. São Paulo, Quadrante, Empresa das Artes, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (Org.). **Pesquisa participante: O saber da partilha**. 3ª. ed. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2006.

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11ªed. Ed. Ouro sobre azul. 2010.

COSTA, José Pedro de Oliveira. **Aiuruoca: Matutu e Pedra do Papagaio: Um estudo de conservação do ambiente natural e cultural**. São Paulo: EDUSP, 1994. 250p.

DELGADO, L.A.N. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. História Oral, v.6, p. 9-25, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, ed: Revista dos Tribunais, 1990.

HASSAN, Fathy. **Construindo com o povo: arquitetura para os pobres**. Tradução: Maria Clotilde Santoro. São Paulo. Salamandra editora da Universidade de São Paulo, 1980.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. Fotocopioteca, 2014. n.39. Disponível em: [http://www.lugaradudas.org/archivo/publicaciones/fotocopioteca/39\\_heidegger.pdf](http://www.lugaradudas.org/archivo/publicaciones/fotocopioteca/39_heidegger.pdf), Acesso em: 09 nov.2017.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. In: *Ensaio e conferências*. Tradução: Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo, 2010.

IEF. **Instituto Estadual de Florestas**. Acessado em: 12/07/2018. Disponível em: [www.ief.mg.gov.br/](http://www.ief.mg.gov.br/)

INGOLD, Tim. **Estar vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**. Ed.Vozes 2015.

INGOLD, Tim. **Trazendo vida às coisas**: Emaranhados criativos em um mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun.2012. Tradução: Letícia Cesarino.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber**: Representações, Comunidade e Cultura. Coleção Psicologia Social. Ed. Vozes, 2º ed. Petrópolis, RJ. 2011.

KROPOTKIN, Piotr. **Ajuda mútua**: um fator de evolução. Tradução: Waldyr Azevedo Jr. São Sebastião: Editora: A Senhora, 2009.

LEGEN, Johan Von. **Manual do arquiteto descalço**. São Paulo: B4 Editores. 2014.

LINN, Denise. **Espaço Sagrado**: Como limpar e fortalecer as energias de sua casa. 6ª edição, Rio de Janeiro, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade**. Entrevista concedida a Revista Famecos. Porto Alegre, n.15, agosto 2001.

MARGOLIN, Malcom. **In: Alfabetização Ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. Michael K. Stone, Zenobia Barlow, orgs. São Paulo. Cultrix, 2006.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Transcrição: Alexandre Moreira Oliveira. 2007. Acesso em: 25 jun., 2018 Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/manuscritos/index.htm>

MINKE, Gernot. **Manual de construção com terra**: uma arquitetura sustentável. Tradução Jorge Simões. 1. Ed. São Paulo: B4, 2015.

MMA – Ministério do Meio Ambiente. Acessado em: 03/04/2017. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/urbanismo-sustentavel/constru%C3%A7%C3%A3o-sustent%C3%A1vel>

NEVES, Margarida de Souza. **História e memória**: os jogos da memória. In: FERREIRA, Marieta Morais. História do Tempo Presente: desafios. Cultura Vozes, v. 94, n. 3. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVER, Paul. **Cobijo y Sociedad**. 1º ed. Editora H. Blume Ediciones, España, 1978.

PAIXÃO, Sofia. **E-Dicionário de termos literários de Carlos Ceia**. Memória. Disponível em <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/memoria/>. 2009. Acesso em: 20/06/2017.

PLOEG, Jan Douwe van der. **Camponeses e impérios alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Trad. Rita Pereira. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

PONS, Carlos. DANNEYROLLES, Jean Luc. **La voz del viento** – Semillas de transición - Documental franco-español, Video HD 1080p, 92 min. 2013.

RAPOPORT, Amos. **Vivienda y cultura**. Editorial Gustavo Gili, S.A, Barcelona. 1972.

SCNIC. **Sindicato Nacional da Indústria do Cimento**. Acesso em: 15/06/2018. Disponível em: <http://snic.org.br/historia.php>

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**, Revista Crítica de Ciências Sociais, online, n.63, 2002. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/1285>. Acesso em: 15 jul., 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do Pensamento Abissal**: Das linhas globais a uma ecologia de saberes, Revista Crítica de Ciências Sociais, online, n.78, 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/753>. Acesso em: 15 jul., 2017.

SILVA, Elcione Luciana da. **Paisagem cultural: Estudo sobre São Gonçalo do Rio das Pedras, MG**. 3º Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto - Desafios e perspectivas, 2014.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**: Perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. **Arquitetura vernacular**. Em busca de uma definição. *Arquitextos*, São Paulo, nº201.01. Acesso em: 07/03/2017. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.201/6431>.

VASCONCELOS, S. **Arquitetura no Brasil: Sistemas construtivos**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.

VERÍSSIMO, Céline. **A importância do Espaço Doméstico Exterior para um modelo de ecodesenvolvimento de cidades médias**. O caso do Dondo, Moçambique. Revista Crítica de Ciências Sociais, online, n.100, 2013. Acesso em: 22 jul., 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/5277>.

WANDERLEY, M. N. B. **O mundo rural como espaço de vida**: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.

WBCSD. **World business council for sustainable development**. 2012. Acesso em: 15/06/2018. Disponível em: [https://www.wbcsdcement.org/pdf/CSI%20Guidelines%20for%20Emissions%20Monitoring%20and%20Reporting%20in%20the%20Cement%20Industry\\_v2\\_Portuguese.pdf](https://www.wbcsdcement.org/pdf/CSI%20Guidelines%20for%20Emissions%20Monitoring%20and%20Reporting%20in%20the%20Cement%20Industry_v2_Portuguese.pdf)

WEIMER, Günter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo, Martins Fontes, 2ª edição, 2012.

## **ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS – SEMI ESTRUTURADO**

Este é um questionário que será utilizado na pesquisa como norteador do assunto em questão, porém por se tratar de uma pesquisa participante de cunho etnográfico as perguntas podem ter sido acrescidas de outras e algumas podem não ter sido feitas a depender das circunstâncias e desdobramentos. A pesquisa será complementada com outros dados realizados em caminhadas de observação e outros relatos dos envolvidos.

### **Questionário Semi-estruturado - Moradores de casas antigas**

1. Você é morador dessa casa há quanto tempo?
2. Participou da construção?
3. Essa casa foi feita usando que tipo de material?
4. Você participou da preparação desse material?
5. Como foi feita?
6. Como se organizam numa construção? Há atividades coletivas? Há divisões de tarefas? Como são?
7. Como essa construção foi mudando com o tempo?
8. Você percebe mudanças nas construções da vizinhança?
9. Você possuiu área com forno, ou rancho? O que foi usado para fazê-los?
10. Com quem aprendeu esses conhecimentos? Como foi? Se alguém te ensinou, você lembra com quem essa pessoa aprendeu?
11. De que maneira você passa seus conhecimentos sobre construção para outras pessoas?
12. Como são distribuídos os espaços da sua casa?
13. Como é acesso aos materiais necessários para uma construção como essa?
14. O que você acha de materiais modernos como: cimento, cerâmica, ferragem, etc.
15. Você trabalha com construções de casas? Ou já ajudou em alguma?
16. Você acha que essas práticas de construções com materiais locais são valorizadas na comunidade? Por quê?
17. Essas práticas são valorizadas por você e sua família? Por quê?
18. Você acha que outras pessoas valorizam essas práticas? Por quê?
19. Tem algo sobre esta casa que você gostaria de contar?

20. Poderia fazer uma comparação de como eram as construções antigamente e atualmente?
21. Croqui da propriedade.

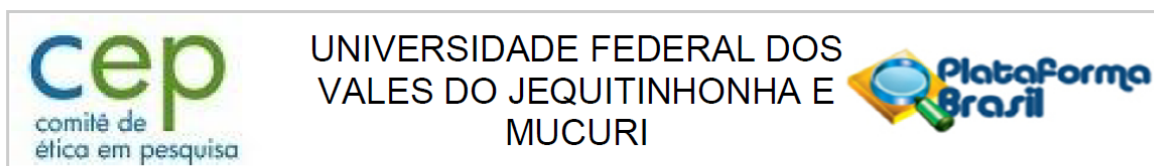
### **Questionário Semi-estruturado - Construtores mais velhos**

1. O que conhece sobre construção com terra, madeiras, telhas, materiais locais ou alguma habilidade como tecer forros de bambu, fazer tijolos, fornos, fogões feitos à mão?
2. Ao que se dedica mais?
3. Esse é seu único trabalho?
4. Com quem aprendeu? Desde quando faz?
5. Conhece muitas pessoas que fazem?
6. Já ensinou para alguém? Se sim, como foi?
7. Como é sua organização do trabalho? Preparação do material, etapas etc.?
8. Como é o acesso ao material necessário para seu ofício?
9. Em quais momentos sua família participa e/ ou outras pessoas da comunidade participam?
10. O que é importante para você nessa atividade?
11. Como são as casas com materiais locais? Você mora em uma casa assim, ou já viveu?
12. O que você pensa sobre as construções com materiais locais?
13. Que tipo de problemas você enfrenta em seu trabalho?
14. Você é muito procurado por seu trabalho?
15. O que você acha de materiais modernos como: cimento, cerâmica, ferragem, etc.?
16. Você acha que essas práticas com materiais locais são valorizadas na comunidade? Por quê?
17. Essas práticas são valorizadas por você e sua família? Por quê?
18. Você acha que outras pessoas valorizam essas práticas? Por quê?
19. Tem algo sobre seu ofício que você gostaria de contar?
20. Poderia fazer uma comparação de como eram as construções antigamente e atualmente?

**Questionário Semi-estruturado - Mais Jovens que trabalham com construção**

- 1) Há quanto tempo você trabalha com construções?
- 2) Você aprendeu seu ofício como? Esse é seu único trabalho?
- 3) Você trabalha com que tipos de construções?
- 4) Que tipo de materiais são os mais usados? Como é o acesso aos nos diferentes tipos de construção com que trabalha?
- 5) Sempre foi assim?
- 6) Quais as diferenças em trabalhar com uma construção com materiais locais, uma construção com materiais externos e construções que misturam materiais?
- 7) O que você tem a dizer sobre a qualidade dessas diferentes construções?
- 8) Quais mudanças você percebeu ao longo do tempo, em relação aos tipos de construção que tem feito na região?
- 9) Alguém já aprendeu sobre construção com você? Como foi?
- 10) Você tem aprendido coisas novas sobre construção? Como?
- 11) Você acha que as práticas de construções com materiais locais são valorizadas na comunidade? Por quê?
- 12) Essas práticas são valorizadas por você e sua família? Por quê?
- 13) Você acha que outras pessoas valorizam essas práticas? Por quê?
- 14) Tem algo sobre seu ofício com construções que você gostaria de contar?
- 15) Poderia fazer uma comparação de como eram as construções antigamente e atualmente?

## ANEXO B – PARECER COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Narrativas Orais: Saberes e Fazeres da Arquitetura Vernacular na Comunidade de São Gonçalo do Rio das Pedras e região.

**Pesquisador:** MAYAN MAHARISHI DE FARIA LADEIRA AMANCIO

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 76021317.4.0000.5108

**Instituição Proponente:** Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.355.729

#### Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar as narrativas orais sobre os saberes e fazeres da Arquitetura Vernacular em São Gonçalo do Rio das Pedras – MG e Região. Espera-se com esta pesquisa realizar um levantamento dos conhecimentos presentes na oralidade em relação à Arquitetura Vernacular na comunidade de São Gonçalo do Rio das Pedras-MG e região e registrar a maneira com que as pessoas se relacionam com suas construções, seus hábitos de construções, seus procedimentos e reflexões sobre suas ocupações espaciais e vida. Além de realizar também uma reflexão dos processos vivenciados na arquitetura vernacular frente à globalização, essa pesquisa pretende investigar a relação da comunidade local com seu fazer na Arquitetura Vernacular tanto do seu ponto de vista estético, material e técnico, quanto simbólico. Atualmente a região tem vivenciado uma significativa alteração em relação a ocupação dos espaços e de sua arquitetura. Este trabalho pretende conjuntamente com comunidade identificar como se tem relacionado e compreendido esses processos de alteração da paisagem na comunidade e quais as consequências que estão sendo culturalmente vivenciadas frente aos desafios atuais, na arquitetura local na comunidade. Pretendemos analisar, através do dados levantados os processo internos que as Comunidades utilizam para mediar suas relações entre suas práticas construtivas vernaculares e os processos mais recentes de construção civil.

**Endereço:** Rodovia MGT 367 - Km 583, nº 5000

**Bairro:** Alto da Jacuba

**CEP:** 39.100-000

**UF:** MG

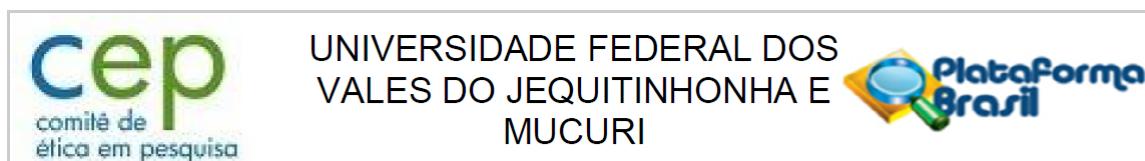
**Município:** DIAMANTINA

**Telefone:** (38)3532-1240

**Fax:** (38)3532-1200

**E-mail:** cep@ufvjm.edu.br





Continuação do Parecer: 2.355.729

#### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

- Investigar as narrativas orais sobre os saberes e fazeres da Arquitetura Vernacular em São Gonçalo do Rio das Pedras – MG e Região.

Objetivo Secundário:

- Registrar os saberes e fazeres em relação aos materiais que compõe a Arquitetura Vernacular, os modos de reprodução, os fazeres imbricados a este processo, a organização do trabalho e a organização social e simbólica presente na Arquitetura Vernacular.
- Refletir sobre os processos de transformação social diante das relações estabelecidas frente à globalização.
- Compreender a perspectiva estética (plástica) em relação à sua regularidade ou ausência, com a finalidade de perceber o valor simbólico e cultural observando se há ou não preocupações estéticas por parte dos participantes desta pesquisa.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

Os riscos são de ordem pessoal, como constrangimento, desconforto/ incomodo, por alguma questão levantada ou processo durante a pesquisa. Porém, a pesquisa é participante e todos os envolvidos que decidirem por contribuir com a mesma, será por vontade própria e poderão se desligar ao longo do processo caso queiram. Uma vez que, os processos de pesquisa se darão em diálogo e de maneira participativa, acredita-se que esses riscos sejam minimizados. ESCLARECEMOS QUE O PARTICIPANTE PODERÁ DEIXAR DE RESPONDER A ALGUMA PERGUNTA OU RETIRAR O SEU CONSENTIMENTO A QUALQUER MOMENTO SEM PREJUÍZO PARA ELE OU A UFMG, AINDA QUE AS ENTREVISTAS SEJAM REALIZADAS EM LOCAL ADEQUADO SOMENTE COM A PRESENÇA DO PESQUISADOR E PARTICIPANTE. A DIVULGAÇÃO DE DADOS PESSOAIS PODE OCORRER. PORÉM SOMENTE HAVERÁ DIVULGAÇÃO DOS DADOS PESSOAIS SOB O CONSENTIMENTO DOS ENTREVISTADOS(AS). OS RISCOS PODERÃO SER AMENIZADOS AINDA COM O USO APENAS DAS INICIAIS DOS ENTREVISTADOS OU NOMES FICTÍCIOS.

Benefícios:

OS BENEFÍCIOS SERÃO INDIRETOS AOS PARTICIPANTES, CONSTANDO DAS informações levantadas conjuntamente que contribuirão para que se faça um registro dos processos locais existentes em relação às construções de arquitetura vernacular, e a reflexão SOBRE AS

**Endereço:** Rodovia MGT 367 - Km 583, nº 5000  
**Bairro:** Alto da Jacuba **CEP:** 39.100-000  
**UF:** MG **Município:** DIAMANTINA  
**Telefone:** (38)3532-1240 **Fax:** (38)3532-1200 **E-mail:** cep@ufvjm.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DOS  
VALES DO JEQUITINHONHA E  
MUCURI



Continuação do Parecer: 2.355.729

COMPLEXIDADES encontrados em relação aos processos construtivos na comunidade diante das mudanças advindas da modernização. As informações geradas a partir da pesquisa poderão servir como INDIRETAMENTE apoio para o fortalecimento dos processos comunitários internos desta comunidade, valorização dos saberes e fazeres locais e divulgação dos conhecimentos presentes na comunidade em relação à temática abordada.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Metodologia Proposta:

C) PESQUISA DE CAMPO: PRETENDE-SE COMO METODOLOGIA A UTILIZAÇÃO DA PESQUISA PARTICIPANTE DE CUNHO ETNOGRÁFICO, NA INTENÇÃO DE PROPICIAR UMA PESQUISA QUE CONSIDERE SUJEITOS E ESPAÇOS, QUE SEJA DE CONSTRUÇÃO COLETIVA, TENDO OS SUJEITOS COMO PROTAGONISTAS CONJUNTOS DESTES PROCESSOS. A PESQUISA PARTIRÁ DA OBSERVAÇÃO DA COMUNIDADE DOS MODOS DE VIDA DA COMUNIDADE E SUAS INTERAÇÕES COM O ESPAÇO E ENTRE MORADORES. COMO BASE TEÓRICO METODOLÓGICA EM RELAÇÃO À PESQUISA PARTICIPANTE UTILIZAREMOS O AUTOR CARLOS RODRIGUES BRANDÃO E ANTÔNIO CÂNDIDO COMO SUPORTE ETNOGRÁFICO. NO QUE DIZ RESPEITO À REPRESENTAÇÃO SOCIAL COLETIVA, TEREMOS COMO EMBASAMENTO PARA AS OBSERVAÇÕES E ANÁLISES DE CAMPO ÉMILE DURKHEIM. CONTAREMOS COM ENTREVISTAS COM MORADORES SIGNIFICATIVOS EM RELAÇÕES AOS PROCESSOS CONSTRUTIVOS DA ARQUITETURA LOCAL NA COMUNIDADE VISANDO LEVANTAR HISTÓRIAS DA COMUNIDADE EM RELAÇÃO AO TEMA, EXPERIÊNCIAS EM RELAÇÃO ÀS CONSTRUÇÕES LOCAIS, E DADOS SOBRE A PERCEPÇÃO DO LUGAR ONDE MORAM; PROCURANDO ANALISAR, ATRAVÉS DOS DADOS LEVANTADOS OS PROCESSOS INTERNOS QUE AS COMUNIDADES UTILIZAM PARA MEDIAR SUAS RELAÇÕES ENTRE SUAS PRÁTICAS CONSTRUTIVAS VERNACULARES E OS PROCESSOS MAIS RECENTES DE CONSTRUÇÃO CIVIL. REALIZAREMOS ENTREVISTAS EM CAMPO POR MEIO DE UM QUESTIONÁRIO SEMI-ESTRUTURADO, POR GRUPO ESPECÍFICO DE MORADORES E MORADORAS. A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS SERÁ REALIZADA NA TENTATIVA DE COMPREENDER AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA COMUNIDADE PRESENTES NAS NARRATIVAS ORAIS, EM RELAÇÃO AOS SABERES E FAZERES LOCAIS DA ARQUITETURA VERNACULAR. ALÉM DAS ENTREVISTAS HAVERÁ VISITAS DE CAMPO NA COMUNIDADE PARA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE VISANDO O LEVANTAMENTO DE DADOS ETNOGRÁFICOS COM A FINALIDADE DE AFERIR AS REGULARIDADES E CONTRASTES EXISTENTES NA COMUNIDADE NO QUE DIZ RESPEITO A SUAS PRÁTICAS CONSTRUTIVAS E DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL. USAREMOS UM CADERNO DE CAMPO PARA ANOTAÇÕES RELEVANTES E REGISTROS FOTOGRÁFICOS E VIDEOGRÁFICOS QUANDO

**Endereço:** Rodovia MGT 367 - Km 583, nº 5000

**Bairro:** Alto da Jacuba

**CEP:** 39.100-000

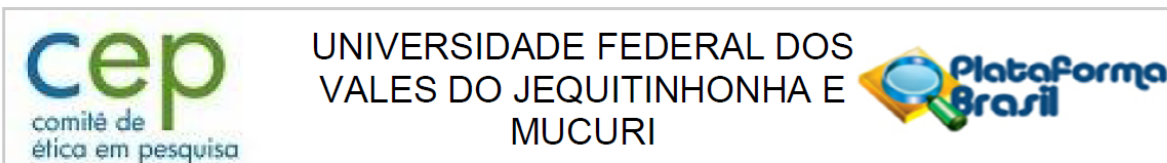
**UF:** MG

**Município:** DIAMANTINA

**Telefone:** (38)3532-1240

**Fax:** (38)3532-1200

**E-mail:** cep@ufvjm.edu.br



Continuação do Parecer: 2.355.729

NECESSÁRIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA. PRETENDEMOS UTILIZAR AS ENTREVISTAS E OS DADOS ETNOGRÁFICOS DE MANEIRA SIGNIFICATIVA AOS OBJETIVOS DESTES TRABALHOS. ESTE TRABALHO PRETENDE CONJUNTAMENTE COM A COMUNIDADE IDENTIFICAR COMO SE TEM RELACIONADO E COMPREENDIDO OS PROCESSOS DE ALTERAÇÃO DA PAISAGEM NA COMUNIDADE E QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS QUE ESTÃO SENDO CULTURALMENTE VIVENCIADAS FRENTE AOS DESAFIOS ATUAIS, BEM COMO IDENTIFICAR O QUE CARACTERIZA HOJE OS FAZERES E SABERES EM RELAÇÃO ÀS CONSTRUÇÕES DE ARQUITETURA VERNÁCULA. A PESQUISA SERÁ REALIZADA EM SÃO GONÇALO DO RIO DAS PEDRAS-MG E EM LOCALIDADES NAS INTERMEDIÇÕES DO DISTRITO, AS VISITAS DE CAMPO VISANDO ENTREVISTAS SERÃO COM OS SEGUINTE GRUPO: COM OS MORADORES MAIS ANTIGOS, COM MORADORES QUE TENHAM ALGUMA LIGAÇÃO DIRETA COM CONSTRUÇÕES COM MATERIAIS LOCAIS, OU SEJA, ARQUITETURA VERNÁCULA E JOVENS QUE TAMBÉM TENHAM ESSA RELAÇÃO COM CONSTRUÇÕES COM MATERIAIS LOCAIS. PARTIREMOS AINDA DE UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E DE DADOS DE ÓRGÃOS INSTITUCIONAIS (IBGE; IPHAN; IEFMG) ALÉM DE DADOS PRODUZIDOS LOCALMENTE COMO LIVROS DE MORADORES, COLETÂNEAS DE POESIA, CARTILHAS PRODUZIDAS POR ESCOLAS OU MORADORES QUE TENHAM LIGAÇÃO COM A TEMÁTICA E OBJETIVO DA PESQUISA E DADOS DE PESQUISAS EM TESES OU OUTROS PROJETOS DESENVOLVIDOS NA REGIÃO. ENCONTRAR E COMPREENDER AS RELAÇÕES QUE SE ESTABELECEM FRENTE AS MUDANÇAS ADVINDAS DA MODERNIZAÇÃO TORNA-SE CHAVE DE COMPRESSÃO DE NOSSA HISTÓRIA E CULTURA. É PRECISO VALORIZAR OS CONHECIMENTOS ENDÓGENOS, OS SABERES EMPÍRICOS, ESSE CONHECIMENTO NOS CONSTITUI ENQUANTO POVO. OS PROCESSOS NEOLIBERAIS SÃO CONTROLADORES, FOCADOS NAS RELAÇÕES DE CAPITAL E SABOTAM NOSSA CAPACIDADE DE ARTICULAÇÃO SOCIAL, CAPACIDADE ESSA REVELADA NOS PROCESSOS ENDÓGENOS, DE CONHECIMENTOS EMPÍRICOS, QUE SE CONSTITUEM EM OUTRA LÓGICA DE PENSAMENTO EM QUE O CAPITAL NÃO É CENTRALIDADE, MAS SIM A.

Metodologia de Análise de Dados:

A) PESQUISA BIBLIOGRÁFICA SOBRE O ALTO VALE JEQUITINHONHA, ESPECIFICAMENTE EM SÃO GONÇALO DO RIO DAS PEDRAS E INTERMEDIÇÕES. A PESQUISA CONTA COM ARTIGOS, TESES E EM PERIÓDICOS ESPECIALIZADOS E REFERÊNCIAS À REGIÃO E OBRAS OU DOCUMENTOS QUE RESGATEM DADOS DA REGIÃO. ALÉM DE DADOS BIBLIOGRÁFICOS PRODUZIDOS LOCALMENTE COMO LIVROS

DE MORADORES OU OUTROS ACERVOS DE MORADORES, COLETÂNEAS DE POESIA, REGISTROS

**Endereço:** Rodovia MGT 367 - Km 583, nº 5000  
**Bairro:** Alto da Jacuba **CEP:** 39.100-000  
**UF:** MG **Município:** DIAMANTINA  
**Telefone:** (38)3532-1240 **Fax:** (38)3532-1200 **E-mail:** cep@ufvjm.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DOS  
VALES DO JEQUITINHONHA E  
MUCURI



Continuação do Parecer: 2.355.729

BIBLIOTECAS REGIONAIS OU DE ESCOLAS OU NO ACESSO DIRETO AOS AUTORES E OU AUTORAS.

B) SOBRE A ABORDAGEM TEÓRICA: UMA VEZ QUE A PESQUISA SERÁ DE CUNHO PARTICIPANTE E ETNOGRÁFICA A ABORDAGEM TEÓRICA SERÁ APROFUNDADA E ESPECIFICADA AO LONGO DO PROCESSO DE ACORDO COM AS QUESTÕES PROTAGONIZADAS EM RELAÇÃO AO TEMA DA PESQUISA, JUNTO AOS ATORES SOCIAIS ENVOLVIDOS. USAREMOS ALGUNS TEÓRICOS QUE DEEM SUPORTE AOS CONCEITOS QUE VERSAM SOBRE ARQUITETURA VERNACULAR COMO SYLVIO DE VASCONCELOS E GINTER WEIMER, BEM COMO ANTÔNIO CÂNDIDO E CARLOS RODRIGUES BRANDÃO EM RELAÇÃO AO UNIVERSO DA RURALIDADE, ANÁLISE DE CONTEÚDO E AS REGULARIDADES ETNOGRÁFICAS. EM RELAÇÃO À REPRESENTAÇÃO SOCIAL COLETIVA TEREMOS COMO BASE ÉMILE DURKHEIM. AINDA COMO BASE PARA PENSAR AS CONTEMPORANEIDADES AS REFLEXÕES DE BOAVENTURA SOUZA SANTOS. É CERTO QUE HAVERÁ AINDA UM DESPRENDIMENTO EM RELAÇÃO A LEITURAS TEÓRICAS EM VIAS DE AMPLIAR NOSSO EMBASAMENTO CIENTÍFICO NO QUE DIZ RESPEITO A ESTA PESQUISA E SEUS DESDOBRAMENTOS DE ANÁLISE. A ANÁLISE DAS ENTREVISTAS SERÁ REALIZADA NA TENTATIVA DE COMPREENDER AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA COMUNIDADE PRESENTES NAS NARRATIVAS ORAIS, EM RELAÇÃO AS SABERES E FAZERES LOCAIS DA ARQUITETURA VERNACULAR, ALÉM DOS DADOS DE

PESQUISA ETNOGRÁFICA COM A FINALIDADE DE AFERIR AS REGULARIDADES E CONTRASTES EXISTENTES NA COMUNIDADE NO QUE DIZ RESPEITO AS SUAS PRÁTICAS CONSTRUTIVAS E DE

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os seguintes termos foram apresentados: Projeto de Pesquisa, Folha de Rosto, Cronograma, TCLE e Roteiro de Entrevista. Todos os termos estão de acordo com a Resolução n. 466/12 do CNS.

**Recomendações:**

- Segundo a Carta Circular nº. 003/2011/CONEP/CNS, de 21/03/11, há obrigatoriedade de rubrica em todas as páginas do TCLE pelo sujeito de pesquisa ou seu responsável e pelo pesquisador, que deverá também apor sua assinatura na última página do referido termo.

- Relatório final deve ser apresentado ao CEP ao término do estudo em 05/10/2018. Considera-se como antiética a pesquisa descontinuada sem justificativa aceita pelo CEP que a aprovou.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O projeto atende aos preceitos éticos para pesquisas envolvendo seres humanos preconizados na

**Endereço:** Rodovia MGT 367 - Km 583, nº 5000

**Bairro:** Alto da Jacuba

**CEP:** 39.100-000

**UF:** MG

**Município:** DIAMANTINA

**Telefone:** (38)3532-1240

**Fax:** (38)3532-1200

**E-mail:** cep@ufvjm.edu.br





UNIVERSIDADE FEDERAL DOS  
VALES DO JEQUITINHONHA E  
MUCURI



Continuação do Parecer: 2.355.729

Resolução 466/12 CNS.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_982995.pdf	19/10/2017 14:32:09		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOMAYANVERSAO2.doc	19/10/2017 14:30:27	MAYAN MAHARISHI DE FARIA LADEIRA AMANCIO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_CEP_MAYAN2.doc	19/10/2017 14:28:13	MAYAN MAHARISHI DE FARIA LADEIRA AMANCIO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMAversao2.doc	19/10/2017 14:26:13	MAYAN MAHARISHI DE FARIA LADEIRA AMANCIO	Aceito
Brochura Pesquisa	Entrevistapesqpart.doc	10/09/2017 18:13:59	MAYAN MAHARISHI DE FARIA LADEIRA AMANCIO	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.doc	10/09/2017 18:12:00	MAYAN MAHARISHI DE FARIA LADEIRA AMANCIO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

DIAMANTINA, 30 de Outubro de 2017

---

**Assinado por:**  
**Disney Oliver Sivieri Junior**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Rodovia MGT 367 - Km 583, nº 5000

**Bairro:** Alto da Jacuba

**CEP:** 39.100-000

**UF:** MG

**Município:** DIAMANTINA

**Telefone:** (38)3532-1240

**Fax:** (38)3532-1200

**E-mail:** cep@ufvjm.edu.br

## ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada **“Narrativas Orais: Saberes e Fazeres da Arquitetura Vernacular na Comunidade de São Gonçalo do Rio das Pedras e região”**. Você está sendo convidado(a), devido ao fato do(a) senhor(a) ser maior de idade e ser responsável por si próprio, por residir em casas antigas ou por ter conhecimento sobre construções locais. Esta pesquisa, está sendo desenvolvida no Alto Jequitinhonha, no município de Serro, especificamente em São Gonçalo do Rio das Pedras- MG, pela pesquisadora Mayan Maharishi de Faria Ladeira Amâncio, aluna do curso de Pós-Graduação do Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em Estudos Rurais, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM sob orientação do Professor Marivaldo Aparecido de Carvalho, docente do Programa de Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em Estudos Rurais da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM.

A sua participação/consentimento não é obrigatória, sendo que a qualquer momento da pesquisa o(a) senhor(a) poderá desistir e retirar seu consentimento. O local da entrevista, o horário e o dia ficam a sua escolha. Sua recusa não trará nenhum prejuízo para sua relação com os pesquisadores, nem com a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

Nesta pesquisa estamos buscando investigar e compreender quais os saberes e fazeres se mantiveram através da oralidade, em relação aos conhecimentos sobre as construções com materiais locais. Tem a finalidade de identificar as memórias que regem o saber e o fazer em relação ao labor, a ocupação dos espaços e principalmente verificar os conhecimentos práticos do saber local sobre as construções de casas, espaços de trabalho, ranchos. Bem como verificar o que tem se alterado frente às modernidades e como isso tem ocorrido.

Na sua participação você poderá responder às perguntas feitas durante a entrevista, a qual será gravada com gravador de voz ou anotadas em um caderno de campo da pesquisadora, de acordo com a sua opção. Nesse momento, se o(a) senhor(a) concordar, além da entrevista, vamos fazer anotações no caderno de campo, tirar fotos e fazer algumas filmagens do seu lugar, da sua casa ou da sua família, só as faremos se o(a) senhor(a) consentir. Depois de transcritas as entrevistas (quando gravadas), serão eliminadas do gravador: A análise das entrevistas será realizada na tentativa de compreender e registrar as maneira com que as pessoas se relacionam com suas construções, seus hábitos de construções, seus procedimentos e reflexões sobre suas ocupações espaciais e vida.

A importância e justificativa desse projeto está na necessidade de compreensão dos processos vivenciados na arquitetura vernacular, ou seja, nas construções com materiais locais, frente à globalização e na possibilidade de levantamento dos saberes locais em relação as construções. Os processos de transformação foram rápidos e muitos saberes, informações e relações sociais se perderam, mas mesmo no enfrentamento desses desafios muitas comunidades acionaram a capacidade de transformação e adaptação, mostraram-se resistentes nesse processo criando novas formas de interação com os processos globais e industriais, o qual nos interessa investigar.

Alguns riscos podem ocorrer no momento da entrevista como constrangimento, desconforto ou incomodo, por alguma questão levantada ou processo durante a pesquisa. Porém como se trata de uma pesquisa participante procuraremos respeitar o melhor momento e local para o(a) senhor(a) responder, se o(a) senhor(a) consentir, as perguntas, ou relatar conhecimentos, causos etc. Uma vez que, os processos de pesquisa se darão em diálogo e de maneira participativa, acredita-se que esses riscos sejam minimizados.

RUBRICA PARTICIPANTE \_\_\_\_\_ RUBRICA PESQUISADOR \_\_\_\_\_

RUBRICA PARTICIPANTE \_\_\_\_\_ RUBRICA PESQUISADOR \_\_\_\_\_

ESCLARECEMOS QUE O PARTICIPANTE PODERÁ DEIXAR DE RESPONDER A ALGUMA PERGUNTA OU RETIRAR O SEU CONSENTIMENTO A QUALQUER MOMENTO SEM PREJUÍZO PARA ELE OU A UFVJM, AINDA QUE AS ENTREVISTAS SEJAM REALIZADAS EM LOCAL ADEQUADO SOMENTE COM A PRESENÇA DO PESQUISADOR E PARTICIPANTE.

A DIVULGAÇÃO DE DADOS PESSOAIS PODE OCORRER. PORÉM SOMENTE HAVERÁ DIVULGAÇÃO DOS DADOS PESSOAIS SOB O CONSENTIMENTO DOS ENTREVISTADOS(AS). OS RISCOS PODERÃO SER AMENIZADOS AINDA COM O USO APENAS DAS INICIAIS DOS ENTREVISTADOS OU NOMES FICTÍCIOS.

OS BENEFÍCIOS SERÃO INDIRETOS AOS PARTICIPANTES, CONSTAM das informações levantadas conjuntamente que contribuirão para que se faça um registro dos processos locais existentes em relação às construções de arquitetura vernacular, e a reflexão em relação as COMPLEXIDADES encontradas nos processos construtivos na comunidade diante das mudanças advindas da modernização. As informações geradas a partir da pesquisa poderão servir INDIRETAMENTE como apoio para o fortalecimento dos processos comunitários internos desta comunidade, valorização dos saberes e fazeres locais e divulgação dos conhecimentos presentes na comunidade em relação à temática abordada.

As informações obtidas por meio da sua participação durante a pesquisa, só serão divulgadas se o senhor(a) permitir. Os resultados da pesquisa poderão ser apresentados em seminários, congressos, artigos, etc. A sua participação/consentimento, bem como a de todas as partes envolvidas, será voluntária, não havendo remuneração (pagamento) para tal. Não está previsto ressarcimento (devolução) e/ou indenização (pagamento) por sua participação e consentimento. Serão cumpridos todos os cuidados éticos, ou seja, o máximo de respeito e confidencialidade em relação a sua pessoa, família e comunidade, explicitados na resolução do conselho nacional de saúde nº. 466 de 2012. Você receberá uma cópia deste termo onde constam os telefones e o endereço da pesquisadora, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sobre sua participação agora ou em qualquer momento.

Caso o(a) senhor(a) tenha dificuldade com leitura, você pode chamar um parente para ler ou mesmo a pesquisadora pode ler para o(a) senhor(a), fica a sua escolha. Podemos gravar a leitura dos procedimentos da pesquisa e também o seu consentimento como forma deste registro.

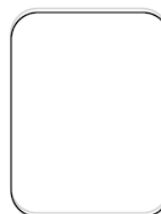
Coordenação da pesquisa: Mayan Maharishi de Faria Ladeira Amâncio

**Endereço:** Rua Água Fria, Sítio Céu e Terra, s/n. São Gonçalo do Rio das Pedras. Serro/MG. CEP:39153000. Telefones: (38) 98844 0745 e-mail: mayan.maharishi@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos, a forma de minha participação, riscos e benefícios da pesquisa e aceito o convite para participar. Dou consentimento para a guarda de todo o material produzido, bem como a publicação dos resultados da pesquisa, cuja pesquisadora garantem o anonimato e o sigilo, se acaso eu solicitar, referente as informações da entrevista.

\_\_\_\_\_  
Nome

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_  
Local e data



**Informações:**

Comitê de Ética em Pesquisa da UFVJM, Rod. MGT 367, Km 583, nº 5000, Alto da Jacuba, Diamantina (MG), 39.100-000. Telefones: (38) 3532-1240 e (38) 3532-1200 Ramal1240.

COORDENADOR: PROF. DISNEY OLIVER SIVIERI JUNIOR; SECRETARIA: SRA. ANA FLAVIA DE ABREU. e-mail: cep.secretaria@ufvjm.edu.br e/ou cep@ufvjm.edu.br